

# Discussions between Brazilian police officers and community residents (Portuguese Version)

## Grupo 1 de policiais e moradores de comunidade brasileiros

### **Participantes**

**Patrício**, morador de comunidade, 15 a 24 anos, ensino médio completo  
**Martinho**, morador de comunidade, 63 anos, ensino fundamental completo  
**Rosicleide**, morador de comunidade, 40 anos, ensino médio incompleto  
**Maria Augusta**, morador de comunidade, 51 anos, sem informação de grau  
**Iranilce**, morador de comunidade, 39 anos, ensino médio incompleto  
**Pedro Paulo**, morador de comunidade, 25 a 39 anos, ensino médio completo  
**João Ricardo**, morador de comunidade, 35 anos, ensino fundamental incompleto  
**Otacílio**, morador de comunidade, 33 anos, ensino superior  
**Luiz Augusto**, morador de comunidade, 30 anos, ensino fundamental incompleto  
**Laércio**, morador de comunidade, 25 a 39 anos, ensino superior incompleto  
**Patrick**, morador de comunidade, 60 anos ou mais, ensino fundamental incompleto  
**José Pedro**, Policial, 25 a 39 anos, ensino médio completo  
**Hanna**, Policial, 40 a 59 anos, ensino superior  
**Apoena**, Policial, 15 a 24 anos, ensino superior  
**Goeldi**, Policial, 40 a 59 anos, ensino médio completo  
**Júnior**, Policial, 25 a 39 anos, ensino superior incompleto

### **Moderador**

Como pode ser construída uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Eu acho que, mais do que como construir uma cultura de paz, é a quebra dos estigmas. Como quebrar os estigmas - tanto do morador da comunidade para com o policial e para com a sociedade, e do morador da comunidade para com o policial. Eu achei muito interessante, por exemplo, a proposta da dinâmica, porque se eu a visse na rua com esse uniforme eu não pensaria que ela desenharia flores. Porque esse uniforme me remete, como morador da comunidade desde que nasci, me remete medo. Eu não imaginaria que ele colocaria uma cruz e pensaria em Jesus, na importância do amor de Jesus para todos nós que estamos aqui. Que ele, quando sai de casa, pensa em transmitir alegria para as pessoas que estão no quartel onde ele trabalha e para as pessoas que ele atende. Então se eu encontrasse com qualquer um dos cinco sem esse uniforme a relação seria diferente - pelo que esse uniforme carrega. E da mesma forma, quando entra na comunidade de favela, a carga que tem pra eles do estigma de entrar numa comunidade de favela. Acho que estabelecer a possibilidade da quebra desse estigma, criar ações (que eu acho que aí a gente vai construir coletivamente), criar ações que possibilitem essa quebra... Por exemplo, quando a Moderadora trouxe pra Casa do Beco a proposta de fazer um encontro com os policiais, a equipe da casa falou “não, vamos procurar um espaço neutro. A escola, o BH Cidadania”. Por que o entra e sai de policial dentro da casa do beco pode dar a entender que a gente tá mancomunado com a polícia. E isso não é bom pra Casa do Beco, por que a gente atende ao mais diverso perfil de público dos

moradores da comunidade. Por isso, pela relação e pelo estigma. Eu acho que talvez a dificuldade de dizer seja forte, por que eu, como morador da comunidade que nasci aqui, que sofri várias violências policiais, carrego dentro da minha trajetória o medo. E quando surge essa proposta de conversar, o Mia Couto tem uma fala -se a gente tiver a oportunidade de passar - em que ele fala da destruição do medo e da reconstrução do medo. Se a gente tiver a oportunidade de desconstruir o medo de ambos os lados, acho que seria um caminho interessante. Pensar em desconstruir o medo que cada um de nós carregamos da instituição polícia e - provavelmente eu não sei a carga disso - o medo que o policial tem de entrar em uma comunidade de periferia.

#### **Rosicleide, morador de comunidade**

Pedro Paulo é interessante o que você está falando que a minha visão de polícia são duas visões na realidade. Eu não sou assim de sair muito na noite, sou mais caseira então tipo assim, quanto mais polícia passando na rua melhor e me sinto muito protegida. Por outro lado tem os maus policiais que como que eu trabalho e vejo subindo e descendo e eu os vejo com traficante, com o ladrão. Então tipo assim, por que eles estão com tanta afinidade. Uma hora você os vê ali negociando, buscando, trazendo então tipo qual policial que eu quero enxergar? Eu quero enxergar o policial que me dá tranquilidade, que me dá segurança, mas por outro lado eu sei que a maioria dos policiais são responsáveis por essa falta de segurança que existe na nossa comunidade por que eles estão ajudando na formação de novos bandidos tipo assim “faz aí que se você me der eu seguro a onda”.

#### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Eu queria rebater um pouco a sua fala sobre essa coisa da maioria. Como morador de comunidade de favela incomoda-me...Quando eu vou no debate externo nos bairros e as pessoas usam esse termo pra falar da favela: “a maioria dos favelados são bandidos, as meninas são prostitutas, são maus elementos”.

#### **Rosicleide, moradora de comunidade**

Mas eu não sou maioria, eu sou a minoria... Não são maioria, é a minoria.

*(Interrupção)*

#### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

O morro tem aproximadamente quarenta mil pessoas. É uma minoria que traz esse problema da droga e da violência. Então eu fico pensando - estou falando de mim - se o meu preconceito não é reproduzido na mesma proporção, se eu for usar esse termo de que a maioria dos policiais estão mancomunados com o banditismo. Porque se fosse a maioria... Da mesma forma que, se a maioria da favela fosse bandida, a cidade não existiria, se a maioria dos policiais estivessem mancomunados com bandidos a situação seria bem pior.

#### **Hanna, Policial**

Interessante, não é? É uma visão extremamente simplista você atribuir a uma classe de funcionários - que ela intitulou que seria a minoria - um problema social.[Sarcasmo][Irritação]

#### **Laércio, morador de comunidade**

Quando a Marcia (Moderador) me mandou a mensagem pelo Facebook eu li uma vez e eu falei assim “não vou”. Mas depois eu lembrei é a Marcia, e eu amo ela, então vamos ter essa discussão. Antes de começarem as eleições eu tive essa mesma conversa com a equipe do Fernando Pimentel e eu falei exatamente o que vou falar aqui. O primeiro tapa na cara que eu levei de um policial, eu tinha dez anos de idade, na porta da minha casa. Enfim, eu tive as revoltas que eu tive na minha infância e isso eu posso falar com toda segurança do mundo e sem o mínimo de preconceito. Como a maioria dos jovens, crianças, negro, favelado, pobre - to, mentindo, João Ricardo? É assim ou não é, Pedro Paulo? Essa mesma conversa que eu estou tendo aqui, eu falei com o atual governador e eu acho que a gente tá em uma discussão muito avançada sobre a desmilitarização. Eu inclusive propus a mudança desse nome ao invés de ser desmilitarização, ser a humanização da polícia. Quando a Rosicleide fala, não é uma fala simplista. É o que ela vê. Se for pra eu falar que é uma minoria ou a maioria os policiais que são desrespeitosos, são racistas, são mal educados... Quando eu dou aula aqui no morro, eles vão me tratar de uma forma, e quando eu dou aula em uma escola no São Bento, eu sou tratado de uma forma completamente diferente. Então se eu for falar da minha experiência, eu posso falar que a maioria dos policiais são desrespeitosos, são racistas. Mas é a minha experiência, eu não estou pensando em um contexto geral. Então o que eu acho: eu acho que primeiro, essa humanização da polícia é pra já [Indignação]. Por que a gente sabe que a favela é vista como perigosa e que a mídia tem um papel grande nesse sentido da favela ser marginalizada. Até a gente mesmo, quando vai a outra favela, a gente pensa “pô, vou entrar nessa favela?”, na Pedreira, na Cracolândia. Mas a gente sabe. Eu tenho história de drogados em casa, história de alcoólatra, então a gente sabe como funciona a parada. Então acho que, em minha opinião, - e isso eu falo pela minha experiência própria de vida. Eu sofro isso tem trinta e dois anos, que eu sofro com a polícia pelo fato de ser negro, pobre e favelado. Então é uma humanização já. Eu nunca tive uma experiência legal com a PM. Sou motorista, sou motoqueiro, sou capoeirista, estou passando por uma experiência agora com o jornalismo, e eu nunca tive uma experiência legal com a PM. *[Enfático]*

### **Maria Augusta, moradora de comunidade**

Pessoalmente eu nunca tive nenhum problema com a polícia. Porém eu não nasci na comunidade, mas vivo na comunidade há vinte e quatro anos e a minha decepção com a polícia é por causa do meu filho. Assim, eu não pude mais carregá-lo pela mão ele começou a andar pelas ruas. Aí vem a minha experiência ruim com a polícia. Eu acordei o meu filho pra levar o meu filho caçula para o colégio, por que eu estava extremamente cansada, acordei e tirei ele da cama pra trazer o pequeno. Tinham roubado um senhor lá embaixo e a polícia subiu pra procurar quem tinha roubado o senhor. Ele encontrou um colega que estava saindo pra trabalhar, e a polícia parou e quase atropelou meu filho pequeno. Saiu, deu uma ré no carro e se ele não tivesse saído, a polícia teria atropelado meu filho de 4 anos. *[Hesitação]*

### **Hanna, Policial**

O debate é sobre as impressões pessoais de cada um aqui sobre a atuação policial? É esse o debate? Por que se vocês forem enumerar, é uma força policial que está em Minas Gerais praticamente inteira. Se você for enumerar alguma situação que algum de vocês viveu e que desagradou junto com a polícia, eu acho que a gente não vai ter debate. Em minha opinião. Detalhe: se formos nós a enumerar também - eu saio ano que vem, no meio do ano que vem eu to me formando, quase trinta anos de polícia -, se for numerar todas às vezes que eu fui agredida, que fui maltratada por alguém da

comunidade, ou se se a força policial for fazer isso, nós vamos ficar aqui muito tempo. Acho que o debate aqui é geral, não de casos específicos de cada pessoa. Eu estou enganada? *[Intensidade]*

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Eu não sei se a ideia de chegar a uma proposta geral desmerece a experiência individual. Eu gostaria de ouvir vocês falando o que aconteceu com vocês por que é uma visão que a gente não tem.

### **Hanna, Policial**

E eu não tenho essa visão de medo da favela que ele [Pedro Paulo] elencou na fala dele. Eu dou aula na favela, e eu escolhi isso. No maior aglomerado de Contagem. Eu também sou professora, e a maioria dos nossos colegas escolheu isso por que é muito mais rica a interação. Ou vocês chamaram os policiais errados ou simplesmente o debate não vai fluir. Nós vamos seguir no paredão aqui, pra cada um rechaçar a polícia? *[Intensidade]*

### **José Pedro, Policial**

O que é interessante também é o seguinte: a gente não vê todos os favelados como bandidos ou como criminosos, de maneira nenhuma. Eu tenho vários amigos que moram em aglomerado e eu particularmente, vejo uma minoria, mas vejo todo mundo conivente com essa minoria. Por quê? As pessoas não denunciam... por medo, por impunidade. Nós, policiais militares, não somos inimigos da comunidade. Existem maus policiais militares? Infelizmente existe, como existem más pessoas que moram no aglomerado, que moram aqui no bairro Santa Lúcia, trabalham para governo... Em vários lugares existem más pessoas, maus profissionais infelizmente existem. Cabe àquela pessoa que está sendo ofendida tomar a providencia necessária, fazer uma reclamação. Agora, não podemos julgar como um todo. Eu não julgo toda a comunidade, por que sabe que é uma minoria. Quando saímos para trabalhar, não pense que a gente medo de entrar na comunidade. Não é isso. Por que nós somos preparados. Se a gente for falar em medo nós temos medo simplesmente de sair na rua, se for falar dessa forma. Mas a gente é preparado pra enfrentar as dificuldades, mesmo assim vários policiais morrem. Entendeu? Existe, assim, um receio com a minoria e a reação das pessoas dentro do aglomerado. Por exemplo, se eu chegar perto de você [Laércio] - que você falou que já teve varias experiências negativas- você não tem estrela na testa. Se de repente eu passei e tive uma suspeição de você, eu simplesmente vou falar assim "jovem, por favor encosta na parede que nós vamos fazer uma revista em você". Se você for normalmente, eu vou pensar que você é um cidadão de bem, que você não tem nada de ilícito e você vai tranquilo. Obrigado e boa noite. Agora quando você começa a reagir de maneira truculenta e não aceita, aí eu começo a pensar: "tem algo errado, por que ele não esta aceitando". Agora se eu chegar e enfiar a mão em você, te bater ou alguma coisa, aí eu estou errado. Como você falou, se aconteceu isso, você deveria denunciar e reclamar. Eu acho que é interessante cada um citar o que aconteceu pessoalmente, mas é interessante também citar de uma forma global sobre essa convivência entre polícia militar e comunidade pra gente tentar resolver. Vocês não precisam ter medo de polícia militar. A polícia militar não é inimiga de vocês. Nós estamos aqui pra manter a ordem e a segurança de vocês. Infelizmente nós temos que combater essa minoria criminosa, por que, por exemplo: quem tem filhos pequenos dentro de casa, esses rapazes que estão envolvidos no crime não pensam uma vez antes de jogar uma droga na mão dos seus filhos. Eles não pensam. Eles jogam na mão dos seus filhos, colocam uma arma... Muitos casos aqui perto dessas crianças que assaltam, é

pra poder sustentar o vício de droga. Então a gente combate essas pessoas. Infelizmente, a gente não conta com o apoio de toda comunidade pra fazer denúncias. Isso que precisa mudar.

**Rosicleide, morador de comunidade**

Mas demora demais, quando a gente denuncia. Você não acha que é porque é na favela?

**José Pedro, Policial**

Mas é porque existe um trabalho... Não é, é em qualquer lugar. Vocês tem que entender o seguinte: Tem que existir uma investigação. Não é só assim: você chega e fala “na casa do João Ricardo tem drogas e tem armas”. A gente não pode chegar simplesmente na casa do João Ricardo, arrebentar a porta e caçar droga.*[Hesitação]*

**Rosicleide, morador de comunidade**

Mas é coisa assim, tem um carro de som aqui na minha porta... A polícia não vem.  
*[Interrupção]*

**José Pedro, Policial**

Aí não cabe a nós. Olha, o sistema de defesa social é amplo. Não é só a polícia militar. Pra poder fazer uma multa, pra poder punir essa pessoa que está com o som alto na sua porta, é necessário ter uma medição. A nossa legislação exige isso, então precisa medir e essa medição é através da prefeitura e você precisa agendar. Então às vezes você pede o agendamento, a prefeitura chega e não tem o som, entendeu? O que a gente faz? Nós, policiais militares, a gente chega e solicita que abaixa.

**Iranilce, moradora de comunidade**

Só que eu não me sinto conivente pelo fato de: eu saio de casa às seis horas da manhã e chego em casa às seis horas da noite. Então, o que rola na minha área, eu não me sinto conivente com o que está acontecendo, por que eu to vivendo a minha vida. Entendeu? Eu saio de manhã e o que aconteceu, aconteceu. Chego de tarde e tenho minhas coisas pra fazer, tenho que cuidar da minha casa e pronto. Eu não me sinto conivente com o que está acontecendo do meu portão pra fora, entendeu? Eu acho...

**Hanna, Policial**

Senhora, a Constituição Federal prevê que a segurança não é de responsabilidade só minha. É da senhora também. Se a comunidade não se envolver com essa segurança, nós não vamos ter segurança, não vamos.*[Interrupção; Autoridade]*

**Iranilce, moradora de comunidade**

Não, eu sei. Sim, sim, mas ninguém, ninguém que mora na favela vai entrar em conflito com traficante a favor de nada. Isso não é por conivência não. Isso é por que amanhã e depois eu denuncio e não vou ter uma proteção. Não vai ter policial na minha porta. E outra coisa: a minha casa é própria, eu moro aqui, não pago IPTU, não pago nada - eu vou ter que sair fugida como eu já vi muitos casos aqui dentro.*[Indignação]*

**José Pedro, Policial**

Existe um meio de denunciar hoje, que você não se identifica e é o 181.

**Laércio, morador de comunidade**

Bom com relação à PM ser preparada é difícil até... Que preparação- é difícil de falar, assim, que preparação é essa na verdade? Toda essa gentileza, essa educação... Todas as vezes que eu fui suspeito de algo, eu fui suspeito pelo o que? O que faz ser suspeito? Eu estar passando em área que teve troca de tiro, é de boca, não sei. O que faz eu ser suspeito? Isso é a primeira coisa. A segunda coisa: essa educação, eu nunca fui parado-bom se o policial me parasse assim, na hora eu iria falar:“parabéns,por que isso nunca aconteceu comigo”. O policial falar “por favor, encosta aqui na parede que eu vou te revistar”, isso nunca aconteceu comigo. Eu tenho um filho que vai fazer quinze anos. Agora, com esse calorão, eu cheguei cansado e ele estava lá em casa mexendo no computador e eu falei pra ele comprar um sorvete pra gente.Aí ele foi pegar o dinheiro e só tinha nota de cem, e ele foi feliz comprar o sorvete. Na hora que ele chegou na sorveteria, o policial: “pára, pára, que dinheiro é esse?!”, e ele falou, “não, é do meu pai”. E o policial, “quem é seu pai?”,ele suspeitava por causa da nota de cem reais. Aí eu tive que sentar com meu filho e trocar uma ideia. Por que a gente que tem filho homem, a gente fala “você tem que respeitar o policial mesmo, se não você vai apanhar, não tem jeito. O que ele falar, você fica na sua por que se não você vai apanhar, já aconteceu muitas vezes comigo” e foi uma experiência negativa pra mim. Mas então eu queria muito ser abordado por um policial e isso acontecer.[*Enfático*]

### **Goeldi, Policial**

O que eu vou falar aqui talvez é pra aqueles que imaginam que todo mundo é igual. Infelizmente há um preconceito de uma parte e de outra parte também. Infelizmente pode ter alguns militares que agem errado. Mas existem mecanismos hoje em dia, basta uma denuncia via 181, e você colocar o que esta acontecendo ali, que tudo vai ser apurado com o maior rigor possível. E com certeza esse militar será punido, se for comprovado que ele está errado. Eu em particular,nasci na [*nome omitido*] e eu morei lá durante vinte e seis anos. Minha mãe saía pra trabalhar todos os dias, meu pai era vigia noturno e ainda era aposentado, todo queimado das pernas para baixo. Então foi uma vida muito sofrida lá em casa pra mim e para meus irmãos. Mas a minha soube, com muita disciplina, segurar eu e meus irmãos dentro de casa. É lógico que tinha coisas ruins na rua, mas se a gente andasse um pouquinho fora da disciplina o coro comia. Então dentro de casa tinha disciplina. Os poucos contatos que eu tive na minha infância com policiais - foram poucos por que eu quase não ficava na rua -foram bons. Tanto que eu tive a vontade de ser policial. Depois que eu me tornei policial e já tinha cinco anos de polícia, uma vez eu estava andando na Rua [*nome omitido*], que é a principal da [*nome omitido*]. Fui buscar gasolina para meu irmão, e veio a viatura da ROTAM e nos abordou. Eu só falei com meu irmão: “[*nome omitido*], faça tudo que os companheiros pedirem aí”. Mão na parede e tal, e eu não me senti ofendido por isso. “Encosta aí, tem alguma arma?”, isso é a coisa mais natural que tem. E não tem como adivinhar se a pessoa é de bem ou não. Isso vale não só para o Aglomerado, mas vale também para a Pampulha. Essa atitude da ROTAM seria a mesma coisa se fosse na Pampulha ou na Savassi, se aquele cidadão fosse considerado suspeito. Outra vez foi no Anel Rodoviário. O carro do meu irmão estava parado em um lugar muito esquisito,e a polícia chegou, abordou, mas eu não me senti ofendido por isso. Eu sei como é o trabalho nosso. A gente às vezes fica muito melindrado, mas é a coisa mais simples que tem. Eu sei que às vezes tem policial que é um pouco truculento e tudo mais, mas se acontecer algum excesso basta denunciar. E se a gente não abordar, a gente não consegue trabalhar, fica difícil.

[*Intensidade*]

### **João Ricardo, morador de comunidade**

A Hanna falou que acha que não estava havendo debate. Eu acho que foi através do que o pessoal colocou, com a vivência de cada um, que o debate começou a acontecer. A senhora começou já a explicar, a se impor, eu acho que aí começou o debate até pra nós também. A gente pode falar que todo mundo tem a sua vivência. Mas você falou, e a gente tem essa vivência também de comunidade. Realmente era a ROTAM que subia aqui, e era essa vivência que a gente teve. Sabe, essa era a vivência que nós tivemos com a polícia, o que não quer dizer que é o caso de vocês que estão aqui. Da minha parte, eu falo e fico feliz de pelo menos vocês cinco vierem representar. Porque é lógico que vocês que estão com a farda vão responder por esses maus policiais, que agrediram a comunidade. Qualquer lugar que vocês forem sempre vai ter alguém falando mal da polícia. Também já trabalhei pra companhia, tropa de choque (fiz uns painéis) e eu vi um pouco da convivência de vocês lá dentro. Como que é o treinamento, igual o menino falando que acontece a mesma coisa dentro da comunidade - tem policial que aponta pro outro, que tem aquele comandante que quer fazer um trabalho bom que tá querendo impor essa visão que a senhora tem da boa abordagem. Mas a gente também - tem aquele policial que não faz essa abordagem com essa eficácia. Infelizmente vocês vão escutar, sempre que forem a uma reunião de comunidade, essas queixas. Mas também é bom ter essa visão, por que na hora que acontecer essa abordagem... Eu fiquei feliz de vir por uma coisa, por que a gente só vai conseguir construir uma sociedade - a nossa e a sua - se a gente conseguir ver a visão um do outro. Vocês têm a sua visão lá de dentro. É o seu trabalho, tem que chegar dentro da comunidade. Tem o bandido, que não vai querer ser preso, vai atirar. Tem a sua família, como nós temos, mas é bom estarmos aqui pra gente poder ter esse olhar seu e vocês terem o nosso olhar. Entendeu? Ela [Iranilce] também poder ter essa confiança. Nós aqui vimos que essa ligação que é feita, infelizmente chega no ouvido dos bandidos. Como? Entendeu? Seria bom responder essa pergunta para nós. *[Hesitação]*

### **Goeldi, Policial**

Desculpa, o 181 chega? Eu não entendi.

### **João Ricardo, morador de comunidade**

Vamos supor. Todo mundo aqui começa a ligar e denunciar a determinado ponto que está incomodando a comunidade toda. Esse bandido que está ali de alguma forma - é isso o que ela quer dizer, e o que todo mundo está querendo dizer, é isso: que a sociedade não confia nesse Disque Denúncia. Por que o bandido chega e corta todos os fios e vai direto na pessoa. Então assim, a comunidade realmente está vendo isso. Eu falo por que eu ando na comunidade a minha vida toda, todo canto dessa favela, e eu vejo essa vivência dos dois lados. E realmente é isso. Começou ali o pessoal que está incomodado a ligar, e passou um cara armado ali de repente e começa: fio cortado, começa aquela pressão. A galera arruma um outro jeito pra tentar ver se a tensão diminui. A polícia passa um dia e some, não passa mais. Então, essa é a visão que estamos querendo colocar. *[Hesitação]*

### **Luiz Augusto, morador de comunidade**

Acho que tem dois pontos que me chamou muita atenção. Eu penso que a culpa ou a circunstância não é da polícia militar. Aí a gente parte para um âmbito maior que vai envolver leis. Acho que se acontece isso na comunidade, é porque as leis são brandas. Ou porque não se cumpre a lei como se deve cumprir. Eu acho que, por exemplo, eu denuncio o tráfico de drogas e a lei prevê não sei quanto tempo. O cara fica dois anos e

volta - e eu vou ser obrigado a sair do meu lugar por que a lei não cumpriu. A PM vai lá novamente, vai apreender o cara, apresentar para a justiça e vai soltar de novo. Eu acho que se a gente começa a entender os dois lados - o lado da comunidade e o lado da polícia militar, o meu pensamento que eu tenho é o seguinte: eu convivi com a polícia militar desde criança, eu nasci e fui criado no Taquaril. Saí de lá e moro aqui hoje. Eu tinha essa mesma visão de que polícia militar não presta, polícia militar é truculenta, polícia militar é agressiva, e eu cresci com ela até meus dezesseis anos. Até que um dia um policial militar chegou pra mim e falou “olha, a gente tem esse projeto aqui. Você quer se integrar?” e eu comecei a trabalhar e a minha primeira oportunidade de emprego foi concedida por um tenente coronel. E aí eu começo a entender o outro lado da moeda, olhando não só como morador da comunidade, mas como cidadão. Eu acho que quando o policial sai de casa, quem está saindo não é um policial: é um ser humano, pai de família que está largando sua família pra trás, e está deixando sua mãe, seu filho, sua esposa - pra ir cuidar de um bem comum, e fazer seu serviço pelo qual ele escolheu. Eu acho que quando a comunidade começa a dizer “ah, por que a polícia não presta, a polícia é isso... A polícia é truculenta”... Eu acho que na comunidade também- os moradores da comunidade são truculentos, os moradores são arredios com a polícia militar, e eu acho que isso é um espelho. Então assim, quando eu sou abordado por um policial militar, a minha postura é levantar as mãos. Claro que eu sei dos meus direitos e até que ponto meu direito vai. Até que ponto eu vou admitir que o policial fale comigo de voz alta ou não. Eu fui abordado outro dia de forma muito truculenta. E eu falei: “Calma, primeiro você tem que me pedir com educação. Eu não sou marginal.” Concordo com ele que ninguém anda com uma estrela na testa falando assim, eu sou bandido, eu sou morador da comunidade. “O que o senhor quer? Eu vou colocar a mão na parede e o senhor vai me entrevistar”. Eu acho que quando você tem esse medo, não é por que você é morador da comunidade. Ninguém anda com a identificação “eu sou bandido, eu sou trabalhador”. Eu concordo que há bons policiais assim como há mal policial. Existe bom político e mau político. Eu acho que quando você pega uma corporação e identifica ela como os maus, por mais que seja uma experiência minha, isso não se aplica a todos. A gente tem que desmitificar essa postura de que policial e comunidade não podem conviver. Acho que a gente tem que começar a trabalhar para que isso aconteça. Esse é meu ponto de vista. Eu acho que eu começo a viver isso depois que eu tenho contato direto com o policial militar que me fez pensar o contrário do que eu via antes. Eu também tinha esse pensamento até aquele momento, quando eu comecei a conviver e entender o outro lado da moeda.

### **Martinho, morador de comunidade**

Bom, eu vou até relatar aqui uma história, por que com treze anos eu estava na polícia. Aquela polícia mirim que vocês aqui não devem lembrar. E eu estava no DET, aquele departamento estadual de trânsito, na João Pinheiro. Quem era o coronel era o Pimentel. Eu vou dizer uma coisa pra vocês: é uma disciplina exemplar. Todo departamento de polícia tem disciplina, ela é disciplinada, ela tem um dever a cumprir. Os problemas que acontecem no dia a dia com o policial e com o cidadão são coisas às vezes que são corriqueiras, como estamos debatendo aqui. A pessoa não tem estrela na testa, mas quando um policial aborda aquela pessoa, ele está cumprindo o papel dele e a obrigação dele. Se meu filho falar comigo hoje “pai, eu vou entrar na polícia” eu vou falar “vai com Deus”. Por que naquele momento eu tenho certeza que meu filho... Uma farda modifica o cidadão. Um amigo meu que está na polícia, eu falo assim “meu amigo, você ficou diferente”. Por que essa farda, ele tem obrigação de usar, saber que ela tem uma responsabilidade. Existe o mau policial, existe corrupto. Igual nós vimos no Rio de



Janeiro, um batalhão todinho foi preso, isso é coisa lamentável. Mas a polícia mineira, graças a Deus até hoje nós temos muita esperança nela. Agora, os casos que acontecem dentro da comunidade, são coisas que às vezes a gente não tem pra onde correr. O problema da denúncia às vezes ela é triste. E nós não vamos fazer cair nessa besteira de denunciar as pessoas que nós conhecemos e as pessoas nos conhecem. Nós já colocamos um bandido de frente para o outro para fazerem paz. Pra você verem o ponto a que já chegou. Às vezes alguém é mal abordado. Mas existe na polícia militar também um tenente, um sargento que está ali na frente e pode falar “você esta excedendo demais, está passando da conta” não é isso? Por que isso ajuda, e a gente passa a acreditar mais na polícia. A verdade é essa.

### **Goeldi, Policial**

Isso é feito. Quando é feito e não é denunciado, ele também responde junto com os outros.

### **Martinho, morador de comunidade**

Nós temos um caso muito interessante aqui na comunidade. Ele se chama [*nome omitido*], é procurador da Justiça do Estado. Nós estávamos no bar, e ele deixou o carro dele do lado de fora. A polícia chegou, olhou o carro dele e pediu que alguém abrisse e olhasse o carro dele. Quando abriu, não sei qual objeto viram ali. Esqueceu que o cidadão estava dentro do bar com nós - simplesmente ele não foi identificado como deveria ser. Ele simplesmente atendeu tudo que a polícia fez. Ele não colocou a mão na parede, mas educadamente chamou dois policiais no canto e conversou, identificou e pronto. Não teve escândalo, não teve aborrecimento, não teve nada. O trabalho da polícia dessa maneira, essa integração policial na comunidade é muito importante. Quando o comandante era o [*nome omitido*], nós entramos no quartel, debatendo sobre a questão social na comunidade. A polícia militar entrou na comunidade fazendo umas coisas até bonita, como o sopão. Nós sabemos também que a disciplina, o treinamento do policial, numa sociedade é diferente, e na comunidade é outra. A gente ta cansado de ver isso aí. A tropa de elite vocês veem treinando. Mas hoje a comunidade é totalmente diferente. Nossa comunidade cresceu. Eu estive na câmara dos vereadores e o reitor da Universidade Federal teve a capacidade de levantar e falar que aqui dentro da comunidade o pessoal ainda era analfabeto. Que o pessoal daqui ainda estava devendo à sociedade. Foi na hora que eu levantei e falei “meu amigo então você não tem conhecimento nenhum da nossa comunidade”. Nós temos duzentos e trinta estudantes formados em direito. Tudo isso que você está falando você não esta sabendo e não está acompanhando a realidade da comunidade. E fora os que estão aí hoje. Estão formando professor e todo mundo é da comunidade. E com essa situação que está acontecendo de violência no país, eu me sinto mais seguro dentro da minha comunidade do que no bairro, sinceramente, por que aqui todo mundo me conhece. E no bairro eu não sei como vai ser a minha procedência. Então, a minha visão da polícia militar para a nossa comunidade é a seguinte: eu gostaria de ver essa integração social. Eu acho que a polícia militar tem muito a nos oferecer e ajudar esses adolescentes que estão aí precisando de ajuda. Essa é minha opinião. [*Indignação*]

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Eu acho que foi superprodutiva essa proposta ter se iniciado pelas experiências individuais. Isso traz uma ideia de humanização. Sobre meu ponto de vista, pra humanizar a gente precisa mais do que abrir a mente abrir o coração. Abrir o coração para o outro e abrir o coração pra gente mesmo. Eu tinha uma monte de coisa que eu

queria falar sobre minha experiência individual, mas eu acho que nessa minha fala quero caminhar mais no processo propositivo. Primeiro, puxar a orelha da comunidade, por que sempre quando tem o chamado externo - por exemplo, o MIT veio pra aplicar um conhecimento, criar um aplicativo, e lotou. E aí a gente sempre saía da discussão com a faculdade internacional - vamos criar uma rede, vamos nos reunir mais vezes, ficou só no desejo. Da mesma forma, estamos aqui novamente discutindo mais por uma proposta que veio de fora. Eu acho que a gente vai avançar muito se a gente conseguir agregar estudos internacionais pra estudar uma rede eficaz. Uma rede que existe, e que sabe que mais do que preocupar com que nos distancia, um grupo de pessoas que se preocupa com o que une. E o que nos une é a comunidade. João Ricardo faz a cultura dele em prol da comunidade, a capoeira é em prol da comunidade. Cada um está aqui querendo uma comunidade melhor e isso é o que nos une. Qual partido que cada um tem, qual a ação individual que cada um tem, isso não pode ser prioridade. Então nesse sentido eu quero provocar a comunidade. São dois encontros que estão sendo propostos pra esse estudo, mas eu quero provocar-nos a pensarem uma ação em que a gente possa se encontrar. Seja uma vez por mês, seja quinzenal, se fosse uma vez por semana seria maravilhoso, pra gente pensar em como ser uma rede permanente e que pense em ações coletivas pra comunidade. Sobre esse caminho, que propostas praticas, que ações praticas e eficazes vão ser feitas pra que haja uma humanização não da polícia militar apenas, mas uma humanização da comunidade, do olhar do policial para a comunidade, do olhar da comunidade para o policial e assim por diante. Então, de coração bem aberto, eu também tive uma experiência legal com a polícia na minha infância. Isso foi quando ali no vigésimo segundo, na minha adolescência, fizeram uma ação global. Eu saí de lá com vontade de voltar pro vigésimo segundo, de ter mais ações, e foi uma única vez que aconteceu. Acho que a polícia perde essas oportunidades coletivas de ter realmente, de forma humanitária, a comunidade junto com as ações. Inclusive para denunciar. Eu tive uma situação na minha casa, que eu denunciei um policial e eu sofri retaliação, eu fui perseguido e não podia sair na rua à noite. Eu fui perseguido por policiais. Entraram policiais na minha casa com aquela máscara preta. Então essas experiências individuais são importantes pra gente ver como não repetir os mesmos erros. Tanto do lado da gente, que vocês dizem que também sofrem, como o próprio Doni falou. Eu fiquei pensando em ações praticas de como a gente pode caminhar pra uma coisa mais propositiva, caminhando nessa ideia de humanização. Por que pra humanizar precisa abrir o coração. Por que se a gente ficar o tempo todo trocando farpas a gente não vai conseguir se humanizar e nem humanizar a polícia, nem humanizar a comunidade e nem a sociedade. Quando eu disse que as pessoas veem a favela como todo mundo é bandido, eu não quis dizer da instituição da polícia, mas eu quis dizer da sociedade como um todo. Eu tenho colegas que moram aqui na frente que perguntam se aqui dentro tem roubo. Depois do discurso que veem na mídia. Então algumas ações que eu acho que seriam interessantes... Nas ações da Casa do Beco a gente sempre agrega coisas da infância. Eu acho que a polícia ir nas escolas fazer ações nas escolas, todas as escolas.

### **Goeldi, Policial**

Isso a polícia faz. A gente faz todo dia.

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Então pronto. Outra coisa que eu proponho: criar mais do que uma atividade do vigésimo segundo batalhão, como distribuição de sopa, uma coisa que atende um publico pontual - mas pensar em ações coletivas que possam ser realizadas dentro do

vigésimo segundo batalhão, como aconteceu na minha adolescência essa ação global. Não sei, talvez um batizado de capoeira dentro do vigésimo segundo batalhão.

### **Goeldi, Policial**

Mas isso já foi levado ao comando? Porque se levar eu tenho certeza que ele ouvir. Não sei se ele vai autorizar.

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Mas eu acho que essa proposta ela é menos burocrática. Ela é uma proposta mais de construir juntos. Eu não vou chegar aqui com uma ação da Casa do Beco. Eu posso chegar e propor “olha, vamos levar um espetáculo da Casa do Beco pra dentro do vigésimo segundo batalhão.” Mas a gente pode construir juntos. É interessante pra comunidade, é interessante pra vocês. Mais do que levar o ofício lá, é importante que as propostas que estão sendo construídas aqui por nós com vocês e com a gente sejam uma coisa coletiva. [falatório paralelo]. Pessoal, eu ainda estou na minha fala. Já que nós estamos fazendo lista de inscrição e eu não interrompi ninguém, deixa eu terminar meu raciocínio e aí eu libero a fala. [Autoridade]. A gente teve uma época de quando a gente era da comissão de direitos humanos, nós fizemos algumas ações pontuais numa esquina da comunidade. A gente fazia uma ação de um poeta declamando, e quem quisesse pegar o microfone podia declamar. Aí em outro ponto tinha um cantor cantando e em outro tinha um cara político falando... Talvez pensar em uma ação nesse sentido. Eu sei que, por exemplo, a polícia tem banda. Será que não seria interessante a gente pensar em uma ideia de uma banda, fazer um cortejo na comunidade e descer tocando? Não é pra falar de humanização? Eu lembro uma vez quando a gente participou de uma reunião parecida com essa, os policiais do GEPAR que tocam percussão comentaram que eles sofrem chacota dentro do quartel por parte dos policiais que são mais rigorosos, mais agressivos, mais ofensivos. Eles falam “chegaram os policiais mansinhos”. E a gente ouviu esse tipo de fala em uma dessas reuniões que a gente já fez. Mas mais importante do que ceder a essa pressão da violência é ceder a demanda de um policial, de uma comunidade mais em paz. Será que não tem policial da umbanda, policial pintor, pra fazer uma atividade com os alunos do João Ricardo, policial ator? A gente viu um vídeo na internet uma vez do policial gingando capoeira e com o uniforme. Aquilo desmistifica tanto. E tinha alguns comentários “Ah, esse aí com certeza sofreu algum castigo por ele estar uniformizado dentro da roda de capoeira”. Isso dá outra visão. Em 2003 nós estreamos um espetáculo que tinha como foco a criminalidade no morro, e se chamava “Bendita a Voz Entre as Mulheres”, e a gente fez uma pesquisa com as mulheres da comunidade. O lugar era o antro da criminalidade, da violência, do tráfico, e naquele período a gente tinha um ator do grupo Galpão dirigindo a gente. Então a gente conseguiu trazer grandes artistas mineiros pra dentro do morro pra poder assistir a nossa peça. A gente ganhou a mídia, por que a gente tinha um ator do grupo Galpão dirigindo um grupo de favela. Eu lembro que a gente chamou a polícia, não como convidada, por que a gente entendia que a polícia era ameaça mais do que proteção. Mas ela era ameaça para o morador da comunidade, mas as pessoas que estavam vindo de fora precisavam de uma proteção por que estávamos em um espaço de violência. Então fez o ofício e pediu pra polícia apenas circular. Por que aí os meninos do tráfico iam se distanciar. Foi muito legal a experiência por que a polícia ao invés de apenas circular entrou no espaço pra assistir. E a partir daquele momento foi um olhar diferente do policial, que se emocionou junto com a comunidade. E propôs: vamos levar isso aí pra dentro do vigésimo segundo batalhão, por que a polícia precisa ter essa outra visão da comunidade. Então eu acho que, de forma bem

propositiva, o debate falando das experiências individuais foi interessante, pra eu começar a escrever pensando em ação propositiva. Mais do que o policial vir proteger o público que está assistindo a nossa peça, como que esse policial pode vir enquanto parceiro? O Reveillon, por exemplo, acabou. Por que, durante dez anos, teve um assassinato. Em dez anos teve um assassinato, aí conseguiram que um juiz barrasse qualquer tipo de evento. Os eventos que acontecem na cidade hoje (não só aqui) colocam grade pra deixar o cidadão de bem - e eu não gosto desse termo - enjaulado, por que tem uma ameaça externa. Será que a gente não precisa reconstruir esse tipo de uso do espaço público? Não tem receita, mas eu acho que se a gente construir um espaço de diálogo permanente (e não diminuindo o estudo nada disso). Mas já que a gente tá com esse diálogo que iniciou agora, por que não ser uma coisa propositiva, permanente, pra humanizar, pra construir junto ações práticas que possam inverter o nosso olhar, o olhar de vocês e a gente ir transformando a comunidade de forma ampla. Mais do que apenas pensar que vai acabar a violência, a gente vai transformar as pessoas.

### **Goeldi, Policial**

O Pedro Paulo propôs aqui uma série de intervenções e atividades para que possa integrar a polícia com a comunidade. Eu faço parte de um grupo de policiais que faz esse tipo de atividade. Isso vem acontecendo. Tem o PROED, o Bom de Bola, a Transitolândia, o Canil, a banda de música. Se a comunidade se organizar e fizer um ofício ou enviar uma liderança, por exemplo, um vídeo desse aqui, o comandante vai tentar levar isso pra frente e deixar os militares a disposição.

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Mais do que isso de mandar ofício, é preciso haver uma solicitação dos responsáveis para que os policiais participem da construção junto.

### **José Pedro, Policial**

Pedro Paulo, deixa eu te falar. O vigésimo segundo, se tem alguém aqui que participa do 22, ele já fez tudo isso que você falou. De repente você não participou lá e não tinha esse conhecimento. O projeto só acabou por que iniciou a distribuir e não estavam encontrando pessoas para distribuir a sopa. Aí o instituto passou a pagar uma pessoa da comunidade para começar a fazer a distribuição da sopa, não deu certo acabou. O Bom de Bola na escola acabou por que foi diminuindo o interesse das crianças em participar. Era um projeto que as crianças chegavam lá e tinha reforço escolar, futebol, atividades de pintura, grafite, várias coisas, e o interesse das crianças acabou e não teve apoio. Teve um projeto lá de jui-jitsu que foi um sucesso, os meninos começaram a ganhar medalha no campeonato mineiro. Esse infelizmente foi um comandante que cortou. Mães foram lá e infelizmente não tinha apoio e acabou. Então a ação global, como você falou, já foram feitas várias, só precisa de apoio. Então tudo o que você falou o 22 já fez, só que não é interesse da comunidade. O instituto Dona Lucinha abriu diversos cursos, eu mesmo fui beneficiado com o curso de churrasqueiro. Abriu curso de costureira, cozinheira. Não divulgava e ninguém se interessava. As pessoas que se interessavam no curso, muitos estão trabalhando. Então tudo o que você falou o 22 já fazia. O instituto foi lá pra Antônio Carlos por que não tinha o interesse da comunidade aqui. Aí, o que eles passaram a fazer: colocaram faixa no aglomerado não sei se alguém já viu, foram colocadas diversas faixas falando dos cursos e não teve interesse. Mas não formou, e aí acabou. Igual ele está falando, nós temos o PROED, temos vários projetos. O Afroreggae iniciou aqui no 22. É igual você falou, no início a comunidade teve receio,

mas depois virou um sucesso internacional. Ele iniciou aqui, e foi lá pro Cabana, por que não houve interesse da comunidade.

### **Maria Augusta, moradora de comunidade**

É impossível falar da polícia sem falar nos problemas pessoais. Por exemplo, eu não tenho a convivência na rua. Só que tem um detalhe que eu assisti ontem e dois que aconteceram na minha casa. Uma vez a polícia foi por engano à minha rua, e em vez do policial me oferecer proteção, ele falou que eu poderia sair do morro com o bandido escondido. Depois a polícia foi correndo atrás do bandido, ele pula em minha casa - minha casa toda fechada. Eu tinha acabado de chegar - e ele começou a descer pela parede na janela do quarto da minha filha. A polícia bateu na minha porta e pediu pra entrar, falou que ele estava armado e começou a dar tiro. Ele entrou, dizendo que poderia ter arma escondida no meu quintal. E ele encontrou um quilo de cocaína. E falou comigo que eu poderia ser responsabilizada pelo quilo de cocaína. Como? Como que ele fala que eu poderia ser responsabilizada por aquilo, sendo que ele próprio viu o bandido pulando dentro do meu quintal? E ele falando pra mim que eu poderia ser responsabilizada por aquilo. Por quê? Você não consegue explicar uma coisa dessas. Eu gostaria muito que houvesse paz entre a comunidade e a polícia. Mas se a polícia tinha um meio de olhar se ele estava dentro da minha casa, como que ele me fala que eu poderia ser responsável por aquilo? Já tive várias vontades de fazer uma denúncia anônima e não tive coragem. Igual aconteceu ontem. Você está vendo que no meio da rua a polícia está pegando um, e os responsáveis ficam. E os adolescentes bobões não. Tem gente que fala que polícia merece tiro na cara. Eu não concordo com isso. Eu preferia que existisse a paz, mas a polícia também está levando um e o principal culpado está ficando no meio da rua. *[Indignação]*

### **Patrício, morador de comunidade**

Eu sou jovem também, eu vivo no Aglomerado. Com o trabalho, eu fico cansado então fico menos na rua. Na minha infância eu participei do projeto Bom de Bola, Bom de Escola. Tinha sim um reforço. O que acontece: a base de tudo é a educação que o próprio Aglomerado incentiva. No projeto, que eu me lembro, a gente tinha outras pessoas que vinham de fora. Tinha um professor de educação física específico, mas não tinha um professor de educação física que ia mostrar pra gente o contato direto com a polícia. Quando a gente entrava no batalhão, era a polícia pra lá e as crianças pra cá. A gente não tinha esse convívio.

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

Com o receio da comunidade, a gente ficava com medo de interferir e os meninos não querem ir.

### **Patrício, morador de comunidade**

Poderia ter alguns métodos, mas outra coisa: a comunidade carece de um líder comunitário pra poder divulgar as ações, uma qualidade de vida melhor e de convívio com a gente. Por exemplo, essa questão da percussão, eu vivi isso nos colégios que têm mais índice de criminalidade... Hoje a gente carece muito disso pra nossa realidade. Hoje, em relação a violência, a gente tá mil vezes melhor do que há dez anos atrás. Eu fui vítima de bala perdida com seis anos de idade e era uma das épocas quando ocorriam mais eventos, em 2002. Ocorria quadrilha, Reveillon, bailes funk, samba, tudo isso e alguns teatros dentro do morro. Na época de mais violência aqui. Hoje que a gente não tem mais esse índice de violência. Se antes morria vinte pessoas no crime por mês hoje

morre um, ou nenhum, no mês. E a gente não tem mais participação da polícia, por exemplo, no caso do Bom de Bola. Tem o PROERD também, que foi ótimo. E é isso, eu acho que é justamente isso, a gente precisa tanto da humanização da comunidade quanto dos policiais. E em relação a abordagem: na minha vida toda, de dez abordagens que eu tive, uma eu presenciei ultimamente. O policial chegou na comunidade fazendo a ronda- todos que fizeram abordagem comigo foram claros, firmes e convictos mesmo da abordagem. Só que sempre com um poucos mais de... Abordavam com educação, mas vinham com essa pressão quanto ao resto. Uma ação que eu vi - não sei se vocês já foram no decimo segundo, sempre tem fotos dos indivíduos. Todo policial que vier interagir com a comunidade aqui vai saber quem é quem, tem fotos lá cotidianas, vídeos. Um colega meu que trabalha no shopping Oiapoque, costuma usar corrente, aquele estilo da comunidade. O policial não abordou ele, não fez nada, mas o disse “o que você está olhando aqui filho da puta, vou te dar uma voadora”. Entendeu? Botou uma pressão. Então a gente precisa de um pouco mais de incentivo também principalmente de um líder comunitário pra gente poder ficar atento, pra poder ir lá e fazer as denúncias, ir lá e fazer as solicitações. Fazer as ações da polícia com a comunidade, pessoas e policiais que venham mostrar principalmente para as crianças, que são o futuro do Brasil, que policial não é o que a gente vê. Tirar esse preconceito de ambos os lados. Não sei se deu pra explicar basicamente, mas é isso.

### **Moderador**

Gente, nós temos 4 pessoas inscritas, estamos terminando. Tem o Patrick, Otacílio, Hanna e Laércio. Depois, termos um lanchinho que foi preparado para vocês. Então vamos nessa sequência, falando. E vamos reforçar mais uma vez a pergunta: o nosso objetivo aqui é pensar caminhos para construir uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade.

### **Patrick, morador de comunidade**

Eu vou pegar um pouquinho de cada um que falou por que fica mais fácil. Eu moro aqui há quarenta e sete anos. E a gente passou por vários momentos bons e ruins, violência pelos policiais ou não. Eu gostaria que tivesse mais policiais na rua sim. Sou daqueles que acha que a polícia está aí pra proteger e pra ajudar. Mas muita das vezes, na nossa comunidade a gente não vê isso- muito pouco policiais que agem dessa forma na nossa comunidade, e isso eu falo por que é de experiência própria. A violência aqui ela cresce mais quem combate ela é o próprio policial. O morador ajuda sim, mas ele é pé e mão quebrada muita vezes. Antigamente existia esse problema e não faziam nada nenhuma denuncia. Quantas vezes a gente queria fazer alguma coisa e “ah, você sabe que é policial e que trabalha dessa forma”. Hoje essa forma acabou. O policial trabalhava dessa forma, “você sabe quem é fulano”, pera aí - a polícia tem que investigar ou eu tenho que fazer o trabalho dela? A polícia tá ali pra isso pra investigar, pra trabalhar, pra voltar dez vezes se for possível na comunidade. O policial está ganhando, e ele trabalha pra isso e ele tem a experiência. Ele tem a experiência pra lidar com o marginal e com a comunidade. Eu acho que são poucos policiais ainda que estão preparados pra trabalhar em aglomerado. Então a gente vê que as coisas são as mesmas e não irão mudar. Essa relação entre a comunidade e o policial ela existe em todos os aglomerados, em todos os lugares, e a polícia entra lá dessa forma e a comunidade recebe a polícia dessa forma. Eu acho que isso só vai acabar no dia que essa forma for mudada e a comunidade ter a visão de que a polícia está ali para proteger. Ela não está ali pra bater em ninguém ou dar pontada e bater em ninguém. A polícia está fazendo o trabalho dela, e eu acho que é isso: ela tem que fazer e é o que a gente espera, por que acho que essa preparação tem

que ter ação social que faz parte. Existia muita ação social, mas essa ação social aconteceu muito isoladamente, e não existe mais ação social dentro da nossa comunidade. Eu fui coordenador do centro de saúde por uns quatro, cinco anos. A academia da cidade, nós evitamos que ela fosse dentro do batalhão. Pra dentro do batalhão ela não vai, como vai colocar uma academia lá dentro? Pega e bate em fulano aqui, e chega lá dentro, a mãe do fulano está lá dentro fazendo academia no batalhão policial. Eu tive reuniões quando começou aquele projeto da polícia militar, e nós participávamos de reuniões dentro do batalhão. Paramos de participar. Tinha como participar naquela época. Você participava de uma reunião lá e morando aqui dentro. Igual ele falou: ah, é seguro. Isso não existe. O que é seguro pra você não é pro outro. Pra um ali não é seguro. E quem é esse? Você não sabe quem tem estrela na testa. Mas da mesma forma, o cidadão não sabe quem é policial bom e quem que é o mau. É difícil às vezes de distinguir isso. É conversando com ele, na forma dele chegar nas pessoas, na forma que ele vai chegar em você, que você vai saber que ele é um policial que respeita o ser humano. Agora isso, quando ele não sabe lidar na comunidade... E quando acontece de que os policiais que estão mais treinados dentro da comunidade muda-se o comandante, muda-se os policiais. Esse batalhão, nosso o vigésimo segundo vem policiais até de excluídos de outros locais, que vinham pra dentro desse batalhão. Eu acho que precisa de mais ações sociais, uma relação melhor entre a comunidade e a polícia pra acabar com a violência. Por que esse negócio de denúncia é difícil e eu não me arrisco também não. Eu acho que a polícia tem como fazer isso, ela sabe e nós não sabemos mais do que a polícia. Por que eles são treinados pra isso. A comunidade ajuda sim, ela tem que respeitar o policial, ter o policial na rua, por que falta policial na rua sim. Eu acho que da minha parte, eu não vou dizer como a polícia tem que fazer, por que a polícia sabe trabalhar. Tem de haver essa integração e eu acho que a gente tem que estar buscando isso. A gente já tentou isso várias vezes. Eu acho que a nossa comunidade até que ultimamente, graças a Deus, a gente já passou um período muito pior de violência. Mas esses casos- pra melhorar essa situação e buscar essa paz é melhorando as lideranças sociais, buscar ações sociais. Essas ONGS que trabalham dentro da comunidade separadamente, as igrejas evangélicas e católicas... É buscando os líderes, pastor... Unir o vigésimo batalhão, por que, se ele quer cuidar da comunidade, ele tem que escutar todo mundo. Eu como faço parte da igreja, a gente tenta, faz caminhada pela paz. Mas não adianta, é carro que não respeita, a polícia que passa e não dá a mínima. Eu acho que tudo tem que haver uma conversa, uma discussão mais ampla pra chegar na paz que a gente quer nessa relação entre polícia e comunidade.

### **Otacílio, morador de comunidade**

Eu acho que é o seguinte: pior do que lidar com o marginal é o mau policial fardado, por que ele é o Estado ali presente. E a gente percebe que muitas vezes a abordagem policial em periferia e em bairros normais não tem o mesmo viés. A abordagem que você sofre aqui na comunidade com a abordagem que você sofre no São Bento, no Santo Antônio, não é a mesma coisa. Mas eu vejo também que falta uma questão de políticas públicas, por que na periferia falta toda uma infraestrutura, falta educação, falta saneamento, falta entretenimento e muitas vezes o Estado - o policial - ele tem que ir, tem que dar exemplo e definir rapidamente uma atuação que pra ele vai ter consequência pra vida inteira. Por que se ele responde de uma forma errada ele responde por isso no tribunal militar ou na sindicância. Então ele também acaba sofrendo. Se ele atua ele pode ser responsabilizado, e se ele não atua ele também é responsabilizado. Então eu vejo o policial como um ser que está no fio da navalha. Por

que quando a gente tem um problema, a quem a gente recorre? A gente recorre a um policial, a gente não vai recorrer a um vizinho pra uma questão conflituosa. Então o policial eu vejo assim: ele é importante, ele é necessário, mas tem que tomar cuidado também por que o policial é o Estado ali presente. Quando esse policial atua de uma forma errônea equivocada você não tem mais a quem recorrer, por que é o Estado que está violando o seu direito.

### **Hanna, Policial**

Eu me sinto até dissuadida de fazer um comentário. Eu imaginei que a gente ia ter um debate no âmbito global por que eu não sou daqui, não conheço a comunidade e não sei debater nenhuma afirmação em relação à atividade dos militares, e nem sequer conhecia a região. Poderia falar muito bem do local de onde eu venho e trabalho. Tem muitas ações sociais no meu batalhão e a gente pode até trocar figurinha. Então assim, a maioria das intervenções que vocês tiveram com a polícia a gente sabe só de ouvir falar. Essas intervenções normalmente não fazem parte do nosso dia a dia. Se eu fosse fazer uma abordagem com você na rua, você vai olhar pra mim assim- tem que ter policial pra todos os tipos de trabalho, do mais duro ao mais brando. Com certeza eu não serviria para subir no Aglomerado, para buscar um infrator que esfaqueou, matou, etc. Então tem que haver isso pra manutenção da ordem publica. Quem é a barreira entre a criminalidade e sociedade? Quer queira, quer não, somos nós. E tem que ter policial para todo tipo de gente. Por que da mesma forma que nós viemos da sociedade e carregamos todas as mazelas dela, a sociedade tá ai, é ela que nos abraça e que nos agride. *[Consternação]*

### **Laércio, morador de comunidade**

Eu achei boa as falas, independente da galera que tá aqui não ter a vivência no morro, mas eu queria muito pesquisar sobre o decimo oitavo pra ver como é essa situação em Nova Contagem, pra ver qual que é a relação da comunidade para com a polícia. *[Hesitação]*

### **Hanna, Policial**

A gente pode trocar contato.

### **Laércio, morador de comunidade**

Teve algumas falas que me preocuparam muito, como morador de favela, preto, pobre e favelado. Quando meu parceiro fala que policial não tem estrela na testa, isso pra mim é um absurdo uma pessoa falar isso. Não, eu não tenho estrela na testa. Eu sou capoeirista, eu trabalho demais pra conseguir meu dinheiro, e eu escolhi isso. Não é só o policial que não tem estrela na testa, todo mundo não tem estrela na testa. Isso pra mim não existe. O fato de eu não ter estrela na testa não justifica eu ser mal tratado, é uma questão de cordialidade, gentileza, tratar as pessoas bem. Quando a gente vê um representante do Estado, tem que ter esse treinamento que é falado que tem pra tratar as pessoas como pessoas - independente dessa estrela que existe ou não, isso pra mim não cola. Quando meu parceiro Doni falou que o policial é humano que esta saindo de casa, lógico que é humano que está saindo de casa. As pessoas que são abordadas também são humanas, e qual vai ser esse ponto de ligação pra ter esse tratamento. Na minha opinião, quando eu falo de humanização das ações, não adianta mesmo e também não aceito colocar a culpa na comunidade, que não cola. Por que eu com toda minha experiência de vinte e tantos tomando tapa na cara de policial na rua, eu vou apoiar meu filho a entrar no batalhão pra fazer aula de musica? Isso é surreal, é contradição, é impossível alguém fazer. Por isso o



Bom de Bola acabou, e o Sopão, por que ninguém aceita por que não existe esse diálogo de respeito. Então isso não vai acontecer- as ações, na minha opinião, têm que vir de cima. Esse treinamento que existe tem que ser mudado já, por que as pessoas na rua não suportam os policiais. Às vezes também sofre retaliação, e a gente tem que encontrar esse meio termo. Essa humanização tem que vim de cima, tem que mudar o treinamento. Por que esse treinamento não funciona, por que a comunidade não está satisfeita. Então quando eu falo de humanização, tem que vir de cima, e eu não aceito colocar a culpa nas ações que não funcionam. Pode ter certeza que tem que vir lá de cima, e essa preparação tem que mudar, por que ela não funciona. Definitivamente ela não funciona e a gente ta vendo aqui, explicito, que não funciona.

*[Indignação]*

### **Luiz Augusto, morador de comunidade**

Eu acho que a vivência que você teve com policial foi ruim e você defende ela até hoje, essa é a sua percepção. Eu também sou favelado, sou morador de favela desde que nasci. Passei por experiências bruscas mesmo. Então, quando eu falo que o policial que está saindo de casa é um ser humano... Ele é um ser humano ele ta prestando um serviço pro Estado, mas independente disso ele está sujeito a erro tanto como eu e você estamos sujeitos. Eu posso pegar uma postura ruim do policial e carregá-la pro resto da vida, assim como eu optei por carregar para o lado bom. Então se eu disser que o policial ele é um ser humano antes de estar fardado, ele é um ser humano antes de estar fardado.

### **Laércio, Policial**

Mas é igual a mim, igual a você, ele escolheu ser policial ninguém chegou lá e obrigou ele a ser policial. Então não justifica, e essa fala que ele é um ser humano não justifica, por que ser humano, a gente também é. *[Indignação]*

### **Luiz Augusto, morador de comunidade**

Eu, por exemplo, ao contrário de você, eu pego meu filho, levo no batalhão e falo, “vai lá”.

### **Martinho, morador de comunidade**

Eu gostaria de saber se algum de nós gostaria de ser chamado assim, de favelado, numa repartição pública. Você gostaria de ser chamado assim? Eu creio que não. Acho que a profissão é opção de cada um. Só que nós não estamos tirando mérito do que você esta falando. Só estamos falando que o policial é como você, como eu, só que eles têm uma determinação que tem que ser cumprida. Isso não quer dizer que eu tenho que abaixar a cabeça quando for maltratado. Eu não estou defendendo isso, estou falando que as coisas são essas. Mas a gente tem que admitir que também erramos. Agora, eu no meu modo de pensar se meu filho falar que vai entrar na polícia o meu diálogo com meu filho vai ser. Se ele seguir a disciplina da polícia militar, ele vai ter um grande amigo. Todos nós sabemos que lá dentro da polícia militar, a hierarquia é diferente. Lá dentro é disciplina. Agora, tem policial que sai no dia a dia dele e já sai com problemas de casa, com outros problemas e isso pode acontecer. *[Indignação]*

### **Laércio, morador de comunidade**

Ele é um ser humano. *[Interrupção]*

### **Martinho, morador de comunidade**

Ele é um ser humano, mas o que eu estou dizendo pra você é que a ROTAM tem um chefe de equipe. Tem um sargento e ele talvez seria responsável pela atitude do soldado.  
(Urgência)

**Rosicleide, morador de comunidade**

Mas muito gente já vem com o espírito altivo em relação a abordagem de policial.

**José Pedro, Policial**

Eu entendo, mas quando a gente fala de estrela na testa é pelo seguinte: eu citei aqui que existem maus policiais, existem sim. Não tem como a gente controlar isso não, assim como existem pessoas mal educada no meio da comunidade e não estou falando de todo mundo. Eu falei com vocês aqui que é uma minoria. Então, meu amigo [Laércio], é o seguinte: eu acho você poderia mudar a sua visão, mudar seu pensamento. Você teve problemas com policiais. A polícia ela é muito bem treinada. Pra isso foi criado o GEPAR. Ele foi criado pra ter uma intimidade com a comunidade. Pra ter uma visão ali, e saber quem é o marginal, quem é o vagabundo, quem é o infrator e quem é o cidadão de bem. Pra isso foi criado o GEPAR e ele atua somente nos aglomerados pra ter esse trabalho. Por esse motivo, igual você falou, que reduziu os índices de homicídio. Muitas coisas foram reduzidas no aglomerado. É o trabalho do GEPAR, mas ainda tem muita coisa a ser feita. Aqui é presa droga constantemente e o que eles fazem: eles coagem pessoas de bem pra guardar suas drogas. Mas você me desculpe, se você não mudar... Não quero te ofender de maneira nenhuma, mas você tem que mudar seu coração. Enquanto você ficar com essa dureza no coração com esse pensamento “eu não deixo meu filho entrar no quartel”, seu filho vai crescer com o mesmo pensamento que você. No início - eu entrei na polícia em 95 - existia policiais truculentos mesmo. Mas a polícia começou um trabalho que mudou tudo isso. Então existem maus policiais infelizmente, mas a visão da polícia hoje é outra. A polícia quer andar do lado de vocês, mas vocês têm nos aceitar também. A população não aceita a polícia é por que guarda aquela mentalidade “ah, o policial me agrediu”. Um policial te agrediu e você não denunciou, deixou passar aquilo ali. Tem policial hoje trabalha diferente e infelizmente tem alguns que ainda cometem erros. Mas a polícia militar está mudando.

**Laércio, morador de comunidade**

José Pedro, meu coração está muito aberto, e o do meu filho eu tenho certeza que também. Eu optei por estudar então a primeira coisa que eu fiz pra ele foi dar uma gama de material pra ele ler sobre o Mandela. Então na verdade é uma contradição mais uma vez: você mesmo falou que a comunidade não aceita os policiais. A comunidade eu falo no geral, não é só o morro não. “O que falta é a comunidade aceitar o policial”, sua fala foi essa. [Sarcasmo]

**José Pedro, Policial**

Não é toda a comunidade. [Interrupção]

**Hanna, Policial**

Mas nós estamos falando dessa comunidade aqui, porque eu nunca ouvi falar disso sobre a minha comunidade. [Interrupção]

**Moderador**

Gente, só uma coisa: eu acho que o debate está ótimo, e a gente pode continuar. Eu queria que as pessoas que estão com o tempo apertado preencham o questionário, e aí estarão liberados.

### **Pedro Paulo, morador de comunidade**

O Brasil saiu há muito pouco tempo de uma ditadura militar. A ditadura militar na favela, não só nessa favela, mas na periferia de forma generalizada, ela em muitas comunidades de favela (a gente vê isso no fantástico, apesar de não ser a melhor referência) a gente vê que existe ainda muito posicionamento de ditadura militar. Não é esse o caminho que eu acho que a gente... Que é a proposta inicial. A proposta é como encontrar ferramentas pra estabelecer uma cultura de paz. Eu defendi a ideia de o debate partir da ideia das experiências pessoas pra caminhar pra uma coisa mais propositiva. O Otacílio falou que a polícia representa o Estado dentro da comunidade, dentro da cidade, dentro da sociedade. A gente já teve situações que não ia ambulância dentro do morro e o policial realizou parto. Isso não é mito, eu vi. Então nos lugares onde falta saúde, falta educação, falta o básico social, a polícia tá lá. Aí pensando nisso a polícia é a presença do Estado dentro da comunidade. Se a gente estivesse debatendo aqui com o pessoal da Secretaria de Saúde, da Secretaria de Educação, com a Secretaria de Cultura. O caminho do debate seria: ausência para formas de se fazer presente. Nesse caso é uma presença que pode ser melhor, qualitativa. Uma coisa que eu acho que a gente deveria deixar bem claro, é assim: é inevitável a gente ter um espaço de debate desse e a gente querer - talvez cultural ou do nosso subconsciente - inverter o papel de cidadão que foi jogado na parede, e jogar os policiais na parede. É inevitável a gente estabelecer esse tipo de relação. E agora, como a gente reconstrói isso? Eu tenho muita vontade de conhecer o seu trabalho[Hanna]. Quando ela fala assim: “falta líderes representativos na comunidade”, eu tenho vontade de entender por que, realmente? Será que foi só falta de divulgação? Será que foi só isso mesmo? Será que não tem a ver o que ele está falando? Eu acho que o caminho é de mais de coisas propositivas. Quem sabe a gente não leva uma apresentação nossa pra Nova Contagem, quem sabe a gente não traz os jovens que vocês trabalham lá par dentro da escola aqui pra mostrar uma forma diferente de dialogar. Eu tenho no meu psicológico uma relação com a polícia na minha infância, na minha adolescência que não foi boa. Isso não vai apagar, mas daqui pra frente eu posso construir diferente. Já que a polícia é a presença do Estado e eu teria uma outra relação com a Secretaria de Cultura, com a Secretaria de Educação, com a Secretaria de Transporte... Por que eu não posso agora reconstruir também essa relação? Em outros momentos, a gente nem cogitava a ideia da polícia em um encontro como esse. E ainda mais sentado em roda, e falando de igual pra igual. Se a gente tá nesse nível de debate, eu acho que possível sim a gente reconstruir essa história da Ditadura Militar, que existe muito em várias comunidades de periferia do Brasil. Mas pegar as experiências que estão acontecendo e são interessantes e tentar replicar. As experiências que não deram certo tentar aprofundar no verdadeiro motivo de não ter dado certo. É o medo do pai de colocar o menino lá dentro sendo que quando ele vai com uma nota de cem reais comprar um sorvete, ele é visto como bandido. Eu fico ansioso agora nesse momento, porque a gente pode sair daqui sem ter feito nada propositivo. Sair daqui dizendo “ah, eu discuti com a sargento Hanna de igual pra igual”, “ah, eu fui desacatado pela polícia”. Sabe assim, me incomoda a gente cogitar a ideia de que a gente ficou aqui quase três horas debatendo e a gente vai sair do mesmo jeito que entrou. Não dá pra gente mudar o passado, mas é possível a gente construir uma outra relação.

### **Martinho, morador de comunidade**

A comunidade aqui – eu sou a quarta geração dessa comunidade aqui, pra você ver que são quase sessenta anos. A comunidade foi girando de tal forma que a imagem da comunidade em uma época ficou tão balançada que a pessoa já entrava aqui com medo. Quando você falava lá fora “eu moro no morro do papagaio” você era rejeitado. Pra você vê que situação chegou à isso. A pessoa tinha medo de conversar. Pensa bem que situação?! E mesmo assim, outro dia ainda eu presenciei, dentro do ônibus, o fato de dois caras conversando de que morava no morro do papagaio e ele estava com a maior garantia de aquilo dava pra ele um ticket de passagem e eu fiquei envergonhado com isso. Por que a comunidade estava dividida na porrada. Da licença da palavra. Nenhum subia lá em cima. Aqui quem subisse no papagaio estava ferrado e se descesse de lá pra cá já era, e ai não voltava mais pra contar a história. Porque o pau aqui comia. Foi na época da [falta da] água, na época da torneira, da dificuldade, pra ver como esse morro foi crescendo. E hoje, eu posso falar com você, que eu tenho orgulho em falar comunidade, até por que esqueceu o nome de favela, graças a Deus, e isso me orgulha muito. Isso aqui é um bairro hoje bem adiantado. Eu fiquei orgulhoso em ver o Laércionna Globo, fazendo aquele trabalho comunitário. Isso uniu a massa. A comunidade cresceu de tal forma que eu me sinto orgulhoso de morar aqui, porque a gente tem estudantes formados, como rapazes que são formados em Direito, a Marcia que é formada em Jornalismo... o Pedro Paulo em Teatro... O Laércio está ai. Então quantas pessoas aqui hoje tem o aval de dizer que isso aqui é uma comunidade? Isso aqui é um bairro, acabou chamar de favela. Agora o que tem é a má informação da nossa comunidade e quem não conhece, critica. Fala que é isso, fala que é aquilo. Mas eles não têm conhecimento. É isso que eu brigo demais em reunião nesses órgãos públicos. Nós para fazermos aquela passarela que vocês estão vendo ali em cima, nós tivemos quase que invadir o gabinete do Pimentel. Quase que invadir lá e parar e fazer um fuzuê disgramado. Mas nós fomos atendidos. A passarela tá lá. Eu sinto que a comunidade evoluiu muito, e muito mesmo. Isso é a questão do ponto de vista das pessoas. Tem gente lá fora que não conhece as pessoas [daqui], fala de qualquer jeito. Não tem um conhecimento da convivência. Então o pessoal vai julgando a comunidade de qualquer jeito. É muito bom que vocês estão aqui participando para vocês verem como a comunidade funciona. Tem altos, tem baixo e eu me sinto feliz aqui dentro e tenho orgulho de morar aqui. *[Intensidade]*

### **Laércio, morador de comunidade**

Eu quando eu falo dessa coisa da humanização, eu acho que é a política de paz mesmo, que ela vem daí. O José Pedro a ultima fala dele, que eu estava pegando o gancho, que é “a comunidade não aceita aproximar da polícia” e isso é fato. E isso é perigoso. Por que a comunidade tinha que estar junto do policial. Isso é, sem demagogia, isso tinha que acontecer. Se isso não acontece tem algo de errado aí. Eu, [quando] falo algo de errado é em alto escalão. É logico que jornalista, por exemplo, maioria não vale nada. Tipo assim, tanto que a gente sabe o que faz. Mas tem ótimos jornalistas também, mas isso é geral. Então, na minha opinião, pra sair daqui, pra sair um livro, enfim, eu acho que tem alguma coisa errada ai. É algo muito maior do que a gente, porque todo mundo sabe que a comunidade não é próxima da polícia. Se isso não acontecer essa cultura de paz não vai existir. Esta entendendo o que estou falando? Tipo assim, tinha que ser, se não aconteceu é por que tem algum problema, mas de onde vem? Eu sei que existem bons policiais...

### **Martinho, morador de comunidade**

A nossa criação aqui Laércio, nossa criação no morro aqui - pra você que chegou depois e as muitas pessoas que pegaram isso aqui um bairro formado - nós nunca tivemos aproximação como nós estamos sentados aqui com polícia.*[Interrupção]*

**Laércio, morador de comunidade**

Não, mas tem um detalhe, eles não são daqui, por que se fossem policial daqui...

**Martinho, morador de comunidade**

Nós já tivemos sim viu Laércio, nós já tivemos reuniões dentro do quartel lá, com o capitão Caetano. Isso vai de capitão pra capitão eu acho. Tudo o que você falou aqui o capitão Caetano fez- o jeito dele trabalhar, ele envolvia a comunidade. [Mas] quando um é bom, entra um que tem o raciocínio diferente, uma maneira de trabalhar diferente. Aí, meu filho, ele que comanda, ai você já viu.

**Laércio, morador de comunidade**

Mas é isso, tem alguma coisa, o que eu acho é que...

**João Ricardo, morador de comunidade**

Nós estamos voltando na mesma coisa. Estamos caçando um objetivo. Nós estamos indo e voltando a mesma coisa, discutindo a mesma coisa, o que é ruim o que é bom.

*[Interrupção]*

**José Pedro, Policial**

O objetivo é criar uma alternativa... Um vínculo pra mudar essa situação.

**Rosicleide, morador de comunidade**

Esse problema já foi falado, agora vamos à solução.

**Moderador**

Eu queria só reforçar...

**Pedro Paulo, morador de comunidade**

Antes de você reforçar, acho que o primeiro caminho seria conhecer o projeto que vocês fazem em Nova Contagem. Criar uma carreta, [para] quem tem interesse em ir lá e conhecer. Ver o que está dando certo e o que não está dando certo. Tentar com essa experiência, aplicar aqui, já que é pra poder criar o vínculo, já que é pra poder desmitificar a ditadura militar e estabelecer uma relação, que eu acho que é importante. O meu desejo é ter uma polícia que atenda a comunidade tão bem quanto atende o São Bento. Mas a gente precisa criar esse vínculo. Se o projeto é bacana, pronto, a gente tem uma referencia, [que] é a primeira ideia de cultura de paz. Por que? Porque quando fomos acionar o vigésimo segundo batalhão, a gente pode falar como que funciona no vigésimo dezoito. Como que a gente pode trabalhar desse jeito? A Rosicleide fala: "Ah, eu sinto falta dos representantes da comunidade." Não, os representantes somos nós mesmos.

**Rosicleide, moradora de comunidade**

Não é não.

**Pedro Paulo, morador de comunidade**

Você tem seu salão, você pode ser multiplicadora ali.

### **Rosicleide, morador de comunidade**

Gente, não é simples liberar lá. Não, eu discordo. *[Taxativo]*

### **Marinho, morador de comunidade**

Nós temos duas sociedades dentro da comunidade. Nós chamamos de sociedade interna e externa. Nos temos a sociedade interna. Sociedade interna, é onde os líderes são escolhidos pra representar aquelas pessoas. O Laércio, por exemplo, foi escolhido pra representar uma comunidade e a gente sabe que a comunidade necessita. Então ele vai levar, ele vai ser um representante interno da nossa sociedade interna em reuniões. O Laércio foi escolhido, nós passamos pra ele o cargo de vereador, nós passamos pra ele o mandato pra que ele possa representar a comunidade. Só que aqui dentro pra ter esse líder, é difícil também. Reunir esse pessoal aqui não é fácil. Ainda bem que o pessoal esta discutindo aqui, o que é a paz. Quando é preciso discutir outras coisas da comunidade, você chega ali no posto de saúde e você sabe quantas pessoas vão à reunião? Três, quatro. Você representar trinta mil pessoas? É difícil. O que acontece é o seguinte, muita das vezes na minha opinião, eu quando represento a comunidade, eu represento com unhas e dentes. Muitas das vezes eu não posso falar sobre tudo, é muita gente que mora aqui. Então essa que é a verdade.

### **Patrício, morador de comunidade**

Pessoal, fiz um diálogo com a Moderadora sobre eleições e independente de quem está sendo eleito à presidência, nós estamos fodidos. A gente depende da minoria. A comunidade *[buscando]* ter um porta voz, um líder comunitário e de repente a gente *[pode]* fazer uma reunião e promover um vereador pra ser um porta voz em todas as comunidades - apesar de ter alguns vereadores de outras comunidades - mas a gente consegue eleger aqui um vereador.

### **Rosicleide, morador de comunidade**

Consegue mesmo. *[Interrupção]*

### **Patrício, morador de comunidade (Continuação)**

A gente ter um porta voz pra trazer mais suporte pra gente. É assim que a gente vai trazer uma revolução. Como naquele ditado: “contra a força não há resistência” a gente aqui não tem força, o *[político]* que vem de fora é isso mesmo. Cada um aqui- somos poucos, somos uns cinquenta mil habitantes e a grande maioria também não liga, a juventude não se importa nem um pouco. Eu tenho vários amigos, que se eu for falar de política, *[fazer]* um discurso de paz com polícia, eu estou sendo um trouxa, otário. Desculpa aí falar. Mas é isso; a gente precisa fazer com que as pessoas - os jovens - se tornem um pouco atentos também. Por que a maioria dos adultos - Tá bom tem que se colocar no lugar do outro mas a forma de melhorar, é *[com]* a educação mesmo. É a gente buscar nas bases. Eu há dez anos atrás eu estive no projeto Semeandos e eu desde pequeno me preocupei com isso, mas a gente nunca teve uma estrutura do governo por exemplo, de reunir uma ação e fazer vários pontos. Eu tive um exemplo dentro da escola falando sobre reciclagem, de lixo, de rios e a gente não tem essa mesma visão.. Lixeiro não tem mais, não sei o que aconteceu. Não tem mais isso aqui. Tem lixo espalhado pra todo lugar. Não tem mais obra acontecendo. É basicamente isso. Eu tenho um colega que trabalha comigo e acho que ele participa da bancada que acontece na FAFICH. Diz ele que todas as obras que acontecem aqui no papagaio, na comunidade, acontece assim: Tem uma influência muito forte lá de fora, muitas pessoas são dentro da bancada *[deles]*, e da nossa são poucas a favor. Quando tem, é basicamente uma esmola.

Cada um vota, e é como o nosso, o voto é sigiloso. Ai o cara lá supôs que o outro colega dele estava a favor do pessoal de fora, aí ele disse assim: “O ciclano, vota à favor do pessoal da comunidade que o nosso aqui já esta ganho”, ou seja, uma esmola. O deles já estava ganho porque já estava [acertado]. O nosso era mais importante e não poderia acontecer primeiro porque eles queriam tirar nossa força, a gente não tinha tudo planejado. Esse cara que é conhecido da gente, ele mora lá no centro da cidade. Temos poucas pessoas que podemos buscar [para nos representar]. Acho que a gente precisa de uma liderança pra poder trazer essa informação para o pessoal aqui da comunidade e fazer também melhorias. Trazer o projeto de vocês e ver se essa aí é a solução. A gente vai ver, o que vocês fizeram com as crianças, com o pessoal lá das outras unidades, vai fazer diferença aqui, basta o pessoal daqui também aderir à essa promoção ai.

**Rosicleide, morador de comunidade**

Patrício, eu sou evangélica e eu acho que um dos maiores problemas - e que seria [também] a solução -, seria introduzir os pastores, os líderes evangélicos dentro dessa situação. Por quê? As igrejas evangélicas aqui são a maioria. É muito evangélico. Quando a gente reúne pra encontrão, é muita gente e tem uma força gigante. Só que os pastores não se unem pra um objetivo comunitário não. Fala que tem uma reunião na associação. Gente, olha, [não pode] faltar ao culto não.

**João Ricardo, morador de comunidade**

O que eles querem? Cada um quer a sua igreja.

**Rosicleide, moradora de comunidade**

Tipo assim, não pode ser em dia de culto.

**João Ricardo, morador de comunidade**

Cada um tem seu culto diferente.

**Rosicleide, morador de comunidade**

É cada um olhando o seu umbigo. Então isso aí seria uma sugestão, “agarrar” esses líderes comunitários pra...

**Patrício, morador de comunidade**

São as influências [deles], né?

**Rosicleide, moradora de comunidade**

É muita influência.

**Patrício, morador de comunidade'**

Igual você que é professor, você tem certa influencia pesada. Ele que é um autônomo, que faz serviço de pintura, muitas pessoas conhecem mas ninguém vai nos respeitar ou seguir nossa opinião. Você é cabelereira. Mas como pastor, ele é o líder. Você é uma colega, você é uma pessoa que está prestando o trabalho pra pessoa.

**Rosicleide, moradora de comunidade**

É, tem que ser líder, exatamente.

**Martinho, morador de comunidade**

Eu tinha vontade de perguntar a eles ali, os cinco, o que foi falado aqui, que deu pra aproveitar alguma coisa. Eu gostaria de ouvir vocês também, pra saber se as nossas falas aqui, o que pode ser tirado de proveito. [Saber] o raciocínio de vocês, [saber] se isso vai chegar no órgão mais competente, não sei.

**Goeldi, Policial**

Eu entendo a posição de cada um aqui presente. Por que tudo o que vocês já passaram eu já vivi. Eu tenho uma historia de vida idêntica praticamente, só que minha visão é diferente dos senhores, mas eu respeito muito. É super valido o que cada um de vocês falaram. A Hanna, com certeza, apresentou um projeto interessante, e que pode funcionar aqui também. Eu convido os senhores para pesquisarem além do décimo oitavo batalhão, pesquisarem projetos de outros batalhões, onde a comunidade realmente abraçou a polícia. Isso tem aqui em Minas Gerais. Na Cabana de onde fui criado - sinceramente tem muito tempo que eu não frequento mais lá, mas - eu imagino que o GEPAR da região faz um excelente trabalho.

**José Pedro, Policial**

Eu também respeito a opinião de todo mundo. Concordo com muitas coisas, mas posso visualizar outras coisas que, assim - são experiências que os senhores passaram, alguns casos ficou um trauma por causa dessas experiências e não está havendo uma liberdade de aceitar uma mudança. Não são todos os casos. Não está se dando uma oportunidade de conhecer a nova polícia, por que houve sim uma mudança na polícia. Repito: infelizmente existem maus policiais como existem maus profissionais em todas as profissões. Agora, cabe a população ter- igual você falou, é uma coisa que você esta fazendo e que nós deveríamos fazer. Todo mundo tem que fazer e eu cobro isso na minha casa: dar educação para os filhos, princípios de família, seja igreja católica, igreja evangélica precisamos disso. Por que hoje os meninos estão crescendo envolvidos no crime. Cresce e vê quem está envolvido no crime e que está ostentando várias coisas e as crianças ficam iludidas com isso. Então, assim, eu acho que tem que abrir essa tentativa de mudar. Façam igual o Laércio esta fazendo: eduque o seu filho, [mostre] os seu direitos, deveres e responsabilidades. É assim dessa forma que a gente vai começar a mudar essa situação toda que está tendo ai. E vocês tem o direito de reclamar, aprenda a denunciar, não deixa policial... Eu falo com vocês - igual vocês falaram aqui - se tem policial dando trela pra bandido e traficante dentro do morro, vão denunciar. Eu sou policial e eu estou correndo risco.

**Rosicleide, moradora de comunidade**

Não posso, José. *[Interrupção; Exaltada]*

**José Pedro, Policial**

A gente não pode deixar isso acontecer. Olha – 181...

**Rosicleide, moradora de comunidade**

Nosso lema é ser amigo de policial e amigo de bandido.

**José Pedro, Policial**

Gente, olha. 181. Viatura tal está sendo conivente com o tráfico. Não identifica nem nada. Porque eu não quero um mau policial trabalhando do meu lado. Vocês acham que eu vou querer um mau policial trabalhando do meu lado? Eu estou correndo risco de vida. *[Intensidade; Falatório generalizado]* O 190 precisa [de identificação] por que



tem muitos trotes. O 181 não existe a necessidade de você se identificar e eles tem que te passar uma senha pra você acompanhar o andamento. Pode ser lá de [Ribeirão das Neves ou de qualquer lugar. Você não precisa falar onde você está. Você só vai falar onde está acontecendo.

**Rosicleide, moradora de comunidade**

Então o 190 precisa [identificação] e o 181 não precisa.

**José Pedro, Policial**

O 190 é diferente. O 190 é pra filtrar as ocorrências e o 181 é [para] denúncias.

**Patrício, morador de comunidade**

[No 190] A maioria é trote né?

**Júnior, Policial**

É, infelizmente a maioria é trote. Essas denúncias aí, eu trabalhei no 190 e no 181. É dada uma atenção muito grande à detalhes. Detalhes que são importantes. Não adianta alguém ligar pra lá: “aqui meu vizinho aqui tá traficando droga” só isso não adianta. “Meu vizinho, ele é azul, é verde, tem cabelo grande, aproximadamente tantos anos, guarda droga em tal lugar, mora na rua tal, numero tal, o nome dele é tal”. É detalhes. Detalhes mesmo, falar onde mora, onde guarda [drogas], o que guarda, [etc]. Tudo o que souber. Quanto mais detalhes mais valor tem a informação.

**Hanna, Policial**

Tanto que a polícia não precisa de você quando chegar lá. Você passa tudo o que você souber de informações pra você não ser identificado, não precisar de testemunha, [testemunhar] de que viu, eu não sei assim (*incompreensível*).

**Júnior, Policial**

Hoje em dia eu trabalho na estatística e todas as informações que são bem detalhadas geralmente levam a alguma coisa muito boa. Prisões, apreensões. Levam a um resultado muito bom. Uma pessoa falou que a polícia tem o dever de investigar. Tudo bem, tem o dever de investigar, mas é muito mais rápido quando a sociedade está junto com a gente. Nós também somos a sociedade. Eu, Júnior sou da sociedade eu trabalho e moro em residência, tenho vizinhos que eu brinco, brinco com todo mundo, converso com todo mundo da mesma forma. É da mesma forma. Então temos que trabalhar todo mundo junto. Polícia militar trabalha para o bem comum, para o bem da sociedade. A gente precisa da ajuda da sociedade pra trabalhar melhor.

**Rosicleide, morador de comunidade**

Na verdade, Júnior a comunidade precisa de uma cultura interior devido aos policiais de antigamente, que eram mais truculentos. Então fica essa imagem. A gente precisa de uns psicólogos né... [Risadas]

**Júnior, Policial**

Isso tudo é verdade, tem um preconceito de ambas as partes.

**Patrício, morador de comunidade**

É o que eu disse. As ações sociais que aconteciam antes, ainda eram em uma época de violência, [que] hoje não acontece mais, não tem mais o índice de violência e também não tem mais as ações pra poder mudar essa visão da comunidade.

### **Júnior, Policial**

Eu acho que faltam mais reuniões como essas daqui pra todo mundo falar abertamente, cada um.

### **José Pedro, Policial**

Agora, essas reuniões não podem ficar só para o relato do livro não. A gente tem que levar isso ao conhecimento das autoridades. Eles têm que saber o que esta acontecendo. Além desse fato, a gente tem que ter força - não é só vocês que passam dificuldades aqui com as ações sociais não - no meu bairro também tem e em todos os lugares. A gente tem uma maneira de cobrar, mas infelizmente não é eficaz, que são nas urnas. A gente coloca o pessoal lá e não temos certeza se a pessoa vai fazer ou não. Mas a partir do momento que começarmos a nos conscientizarmos mais, começamos a tirar uma nata, quando eles sentirem que nós estamos nos conscientizando e modificando um pouco nossas ações, de repente, [vão] ter que ter atitude.

### **Rosicleide, moradora de comunidade**

A verdade é que nós somos coniventes. Todos nós somos. *[Falatório generalizado]*

### **Martinho, morador de comunidade**

A comunidade quando começou aqui, meu amigo, quando isso aqui era barro puro, você descia e tinha que pegar o sapato e colocar dentro de um saquinho de plástico pra você pegar o ônibus lá em baixo. Essa comunidade era vida. O pessoal aqui, juntava todo mundo aqui pra mexer na rua, pra subir com estes postes, que você está vendo ai. A gente puxava isso aí por esse morro afora. A comunidade foi crescendo, ela foi expandindo, foi melhorando e o pessoal foi perdendo o interesse. A verdade é essa. Essa menina falou uma coisa certa aqui: nós fazemos reuniões, ali na entidade que eu frequento. Nós chamamos a maior parte dos pastores, e vou te explicar uma coisa, aonde eu frequento é que você prepara o cidadão que tem vício de alcoolismo para que ele possa escolher algum objetivo na vida. Quando você fala de alcoolismo, de alcoólatras anônimos - Nós fizemos uma reunião aberta ao publico. Eu fiquei envergonhado, veio mais gente de fora do que gente da nossa comunidade. Aqui participou o padre e um pastor. Um. No meio de tanta igreja aqui. Nós saímos de igreja em igreja batendo nas portas e eu fiquei triste com isso. Eu fui coordenador do posto e nós tínhamos a reunião pra discutir coisas do posto de saúde e você tem ir na secretaria, tem que bater na porta da secretaria da saúde. O bicho pega que lá, que você tem que ver. Era com secretário que a gente estava de frente à frente. É onde encontra todo mundo e às vezes você chega lá, e da comunidade tem dois representantes. O orçamento participativo – uma das coisas é perdendo o orçamento participativo, justamente por conta disso.

### **Moderador**

Vamos fazer um encerramento com uma palavra

### **Laércio**

Reticências.

**Maria Augusta**

Precisamos de ideias e projetos pra fazer a melhoria da polícia e da comunidade.

**José Pedro**

As portas do vigésimo segundo batalhão estão abertas pra todos. A gente precisa mesmo melhorar esse elo. Tem aqui o vinte e dois e tem a companhia que trabalha na área de vocês, que é a cento e vinte e quatro. E eu penso que as transformações, a gente não pode ficar esperando de ninguém não. Elas começam por nós. Nós que temos que dar início as mudanças. Não vamos esperar por ninguém não, porque ninguém vai fazer. Nós é que temos que correr atrás.

**Pedro Paulo**

[Vocês] não estão falando só uma palavra hein.

**Martinho**

Espero que o que foi dito aqui hoje que seja de bom proveito. Que cada um raciocina, e que deus ajuda. Nota dez pra cada um.

**Pedro Paulo**

Construção coletiva.

**Rosicleide**

Socialização.

**João Ricardo**

Legitimidade.

**Otacílio**

Diálogo

**Luíz Augusto**

Aproximação

**Apoena**

Parcerias

**Goeldi**

Empatia.

**Hanna**

Eu já falei, não é? Positivo

**Júnior**

Detalhes

**Patrick**

União entre as duas comunidades. Que os policiais façam mais esse tipo de coisa. É trabalhar junto com a comunidade.

**Grupo 2 de policiais e moradores de comunidade Brasileiros**

## **Participantes**

**Otávio**, Policial, 25 a 39 anos, ensino superior incompleto

**Stefani**, Polícia, 25 a 39 anos, ensino superior

**José**, Polícia, 40 a 59 anos, ensino médio completo

**Alberto**, Polícia, 25 a 39 anos, ensino superior incompleto

**Daniel**, Polícia, 25 a 39 anos, ensino superior incompleto

**André**, morador de comunidade, 35 anos, ensino médio completo

**Robson**, morador de comunidade, 32 anos, ensino médio incompleto

**Clarissa**, moradora de comunidade, 52 anos, ensino fundamental completo

**Manuela**, Técnico FVivo, 26 anos, ensino superior incompleto

**João**, Técnico FVivo, 24 anos, pós-graduado

**Suelen**, Técnico FVivo, 32 anos, ensino superior

**Layse**, adolescente, 14 anos, ensino fundamental incompleto

**Samantha**, adolescente, 15 anos, ensino médio incompleto

**Orlando**, adolescente, 17 anos, ensino fundamental incompleto

**Cláudio**, adolescente, 16 anos, ensino médio incompleto

**Ingridy**, adolescente, 13 anos, ensino fundamental incompleto

**César**, adolescente, 12 anos, ensino fundamental incompleto

## **Moderador**

Acho que já nos apresentamos. A questão que a gente gostaria de conversar sobre ela é como a gente pode construir uma cultura de paz entre a comunidade e os policiais.

### **Robson, morador de comunidade**

Talvez seja tarde pra começar, mas eu acho que quem nasceu em periferia e quem é policial acho que tem problemas grandes, primeiro social, falta de educação (*incompreensível*)... Acho que... Acho que esse momento é bom pra isso, há muitos anos atrás quando foi começado, e o problema que está falando aqui da maior idade penal eu acho que você não resolver isso aqui nesse país, porque nesse país não tem justiça. Nos Estados Unidos se você fizer isso com doze anos, mas lá tem lei, tem justiça e nós não temos. Tem que ser uma coisa de cada vez, mas eu acho - acho um momento bom pra fazer isso. Por que dentro da periferia o jovem, com a idade hoje de trinta e seis anos eu nunca fui a delegacia, nunca foi preso, nunca tive ficha criminal nenhuma, mas já fui espancado pela polícia várias vezes, isso acontece. E o problema é você tirar os ruins, talvez eles não consigam fazer isso... Mas antigamente era tão grande a obra da polícia, e tão extensa, que ficava tanto longe dos olhos deles, e você não consegue ter referência, ir e estar reclamando. Isso aconteceu muito, muito na minha vida. Quando eu falo que eu trabalhei é... Eu trabalhei nos estados do Brasil, mas foi com a ONG (com a ONG não) - referência comunitária da Inglaterra. Quando chegamos em Recife - BH é muito calmo - lá é muito violento, eles acabavam tampando a nossa boca, opressor e nós não fizemos nada, ficou lá seis anos e não teve investimento do país e foi embora. Dos vinte jovens que trabalharam com a gente morreram dezenove e um só que não sabemos onde está. Então hoje é mais fácil, BH é mais fácil, entendeu? Mas temos que fazer as coisas certas por que o governo não pode jogar as coisas nas costas da polícia, não pode. Não vai resolver nunca né. Tem que saber separar as áreas como educação, infraestrutura. Se não tem uma comida na mesa, se dentro da sua casa seu pai não vai trabalhar, sua mãe não vai trabalhar como você vai

viver? Como você vai pra escola, né? Então sabendo separar as coisas eu acho que - não pode só a polícia com a comunidade, tem outras coisas.

### **Alberto, Policial**

Eu acho que na verdade o trabalho da polícia para com a sociedade na atualidade ele tem mais a... como parceiro, como aliado do que trabalhar contra. A gente percebe que a mídia- vamos se dizer assim ela foguenta esse diálogo entre as pessoas e a polícia. Então põe a polícia como um bicho papão e a polícia fica armada como um bicho papão né. Então, ou seja, do mesmo jeito que a mídia afere determinados ataques daquela pessoa que está ali - lógico não é todo mundo é a grande maioria que está ali passando por problemas comunitários e vê ali naquele policial uma maneira às vezes de melhoramento da própria vida e aquele policial às vezes agride, prende, usa de força ou de truculência vamos dizer assim. Nós somos muito profissional em um contexto geral, então aquela pessoa ela traz pra si uma negatividade e expõe a público por que a gente observa que conviver em aglomerado é muito mais próximo não por que as casas estão próximas, mas todo mundo mais próximo do que em bairro normal. No bairro normal eu conheço o meu vizinho de cima, de baixo e do lado, agora no aglomerado é quase impossível não conhecer as pessoas que estão ali. Então eu acho que às vezes dificulta- mas dificulta as vezes e é um paradoxo- como eu falei (*22'31" incompreensível*) ou seja, um homicídio hoje já dar estresse pro governo, já dá estresse pra segurança pública, igual você falou ali, a gente tem que plantar a semente ali, a árvore tem que crescer e dar fruto. Então, ou seja, são doze anos de atuação direta em aglomerado e mostrando pra aquela sociedade que tá melhorando a criminalidade, falando em segurança pública tem que conversar com diversos setores, não é só polícia militar, ou seja, falando de criminalidade hoje a gente vê que o adolescente ele vai pra escola com muito mais tranquilidade. Ele não tem que ficar ligando ou esperando o pai ir buscar no final do beco por que tem traficante, ou é... Criminosos rivais um esperando o outro passar por que aí vira zona de conflito. Ou seja, a gente percebe esse melhoramento olhando de fora, a gente não tá ali pra saber o que acontece.

### **André, morador de comunidade**

Então é... A gente tem que pensar essa aproximação da polícia com a comunidade. É entender é... Uma questão um pouco cumplicidade de há quinze anos atrás. Muitos anos atrás até mesmo dentro da corporação da polícia militar que eu não tenho conhecimento bastante pra dizer sou extremamente leigo, mas digo como morador e como uma pessoa atuante dentro das comunidades assim. A gente vê que é um embarcado assim de uma tal forma que a gente tenta na maioria das vezes não levar para o lado pessoal, tentar ver outras partes por que você falar em polícia por exemplo, são homens fardados, mas são homens, mulheres, pais, mães, que tem seus sentimentos também e... eu não sei, eu sinto um pouco dessa melhora assim, como você disse são coisas de anos e anos atrás a truculência. É de muitos anos e isso vem se arrastando e se pensando bem assim a gente- eu mesmo já fui abordado- quando se fala polícia uma das primeiras coisas que se diz é sobre abordagem, é pra qualquer pessoa dentro de comunidade ou não se falou sobre a ação da polícia dentro da comunidade ou fora se fala abordagem. O outro viés também é entender como essa população reage quando a polícia vem- que muita das vezes ela já vem negativa então fala assim "olha tem polícia entrando na comunidade então nós vamos nos revelar de alguma forma" e é sabido por mim também e por todos, por muitos jovens que polícia também não tem que entregar flores que fica complicado. Mas talvez nesse exato momento um ponto crucial de tentar entender e eu acho que é muito difícil, vai pro lado da psicologia que eu não entendo absolutamente nada, tá

adentrando a viatura, tá adentrando na comunidade e o policial ele sabe que a vida dele também está em jogo, por que a outra parte não vai aliviar de hipótese alguma, ou seja, ele vem armado pelos dois sentidos. Pela arma e também pelo seu psicológico "qualquer coisa eu vou ter que defender, primeiramente tenho que me defender". É... E nesse exato momento quando essa polícia adentra hoje eu acho que uma das coisas por mais que tenha hoje como um policial vai conseguir diferenciar isso assim, sabe? Poxa que ele deve, aí nesse exato momento ele vai ser tratado de uma forma. Mas eu fiz uma... foi realizado uma ronda, uma batida - e tem um grupo de jovens que não tem pelo menos não tem nada com eles, é o que mais se pega hoje jovens reclamando dentro das oficinas que tomou uma. E a galera - a polícia quando ela sobe pelo menos no Jardim Leblon sobe de com força. Qual que é- o que mais se preocupa pelo menos o que eu acho é como que a polícia ela consegue diferencia fulano por beltrano dentro do mesmo grupo, dentro de uma mesma comunidade. Tanto que muita das vezes essas pessoas uns vão estar com drogas, armas e outros não. Por que eu estou dizendo isso, por que a comunidade hoje ela entende que aquela pessoa que está devendo e ela usa, ela vai ser recebida de uma forma exatamente pra ela. Então por exemplo, eu tenho contato com alguns jovens eles são usuários e eles traficam e eles... Eles entendem esse posicionamento da polícia de quando a polícia os pegar vai ser tratado daquela forma pra aquele tipo ali. Mas o que a comunidade talvez ela não consegue entender é quando jovens, moradores não tem nada a ver com nada, as vezes foi pego no lugar errado, no horário errado e recebe um certo tipo de tratamento. Talvez esse é aí um dos maiores embates que tem, que precisa ser estudado. Não sei se a polícia tem esse tratamento pelo menos no geral como você disse eu acho fantástico quando a polícia tem essa aproximação com a comunidade. Não é essa aproximação de "vem na minha padaria tomar um cafezinho comigo não", "ele fica aqui na minha porta"... não é nada disso, é uma aproximação assim. Por que nós estamos lutando hoje pra apagar uma coisa que é de muitos anos, que a polícia é ruim. A polícia não é ruim. Nós precisamos da polícia e todos concordam com isso, todos concordam com isso. Eu acho que hoje precisa ter um... por exemplo, dentro de uma viatura um policial que de uma hora pra outra ele estoura por alguma coisa por algum motivo. E aí ele comete um ato ali que ao ver da comunidade foi um ato errado, e aquilo geram aí- gera desconforto, gera descontentamento pela comunidade que ela também está despreparada, ela começa associar aquilo e começa a juntar -a fazer uma junção só das coisas negativas que a polícia vem fazendo. E aí tem esse embate total. No meu ponto de vista eu consigo ver alguma melhora, é preciso mais informação. Eu estava até conversando com os meninos assim, pra nós é a partir do momento que eu acho - pode me corrigir se eu estiver errado- achar necessário fazer uma batida, uma.. (como que se chama mesmo?)... uma revista ela tem esse direito sim, eu acho que a polícia ainda, a corporação não se atentou ainda a passar essa informação pra essa comunidade. Que essa comunidade ela tem que entender- talvez eu fale alguma besteira aqui e podem me corrigir- que numa batida policial se eu colocar a mão no meu bolso eu estou arriscado a tomar um tiro. Por que a vida do policial naquele momento de realização ela é vista como legítima defesa. Mas o que eu entendo é que se essa comunidade ela passa a ser informada, aquelas pessoas de bem elas estarão cientes dos seus direitos e seus deveres de uma abordagem e ela passará a ver a polícia com outros olhos automaticamente aquela polícia que já entra totalmente armada pros dois lados. Psicologicamente e teoricamente falando ela vai ter mais uma... ela vai ser mais segura nos seus atos assim, salientando que quem deve tem que pagar pelos seus atos e isso é indiscutível. Eu não discuto isso. Eu discuto é o tratamento das comunidades em relação a essas práticas assim, essas... São algumas

praticas assim que a gente vê que é das duas partes quanto da polícia quanto da comunidade assim sabe? Não sei, esse é meu ponto de vista talvez.

### **Alberto, Policial**

Anos atrás existia uma matéria que se chamava (*32'15" incompreensível*) quando a gente conversa sobre agressão de ambas as partes as vezes percebe-se que gerou tudo aquilo, ou seja ha um pavio ali a ser aceso, é abordando para com o abordado, é o direito para com o dever. Então às vezes as pessoas não estão fazendo determinadas coisas e cumprindo determinadas normas e por outro lado o outro esta revestido de uma- vamos se dizer assim ora realizar tal ação e aquela pessoa não tem aquela educação o bastante pra entender. Então, ou seja, às vezes a polícia acaba sendo usada mais de uma vez como alvo negativo.

### **André, morador de comunidade**

Mas você consegue entender que precisa ter estudos para com essas comunidades e... É discutido também, a gente falar assim, vamos trabalhar... Infelizmente, existe um dificultador pra esse tipo de conversa, não sei porque cargas d'água. Talvez uma outra esfera, o GPA tem esse contato com o FicaVivo!, essa coisa assim, mas vamos pensar em GPA em uma coisa mais sólida, mais... Voltar pro caso esse debate, essa formação, informação dessas comunidades, de alguma forma, melhora muito. Acho que melhora bastante assim. Indica também que o profissional, também tem que se capacitar porque hoje o senhor pode falar o que é necessário para este trabalho, mas em termos existem alguns policiais, por exemplo, no ar do momento, na altura do seu - daquela dinâmica ali no momento daquela abordagem, daquela ação que esse policial ele se altera e ele comete algumas coisas assim. Então é isso e ela vem acarretando várias coisas.

### **Alberto, Policial**

Eu estava conversando com um militar há um tempo atrás, e ele falou que a maioria das penas, que a gente é apenado ou interno ou externamente falando, com a justiça militar. A gente é apenado, e na maioria das vezes ninguém sabe que o militar agiu querendo resolver o problema. Então assim a sociedade - em todo - e eu fui esses dias conversar sobre esse assunto, e esses dias que fui me alertar que a gente vai até o problema. Quando tem um tiro... Quando tem qualquer problema social, ele vai até o problema e geralmente aquelas pessoas até mesmo o solicitante ele sai do problema, às vezes uma pessoa que é vítima que está pedindo um auxílio por que causa de um traficante que ameaçou por causa (*incompreensível*) - que é o que acontece muito, não sei se é tanto assim mais - ou seja, aquela pessoa que já denunciou vários militares e naquela hora é que ele é mais afligido e até mesmo aquele profissional que tem uma certa rispidez com aquele policial ele vai cumprir o papel dele perante o Estado. Nós quando saímos do quartel, de dentro de casa pra trabalhar, nós já temos tudo isso na cabeça de que nós vamos ter enfrentar. Eu vou chamar quem? O governo? O professor? Então, ou seja, as vezes o que falta na sociedade é que se apoiarmos uns aos outros todo mundo ganha. Não tem essa do que a polícia não fez ou deixou de fazer é muito pessoal a.. o ato vamos se dizer assim a contradição que o policial se meteu é muito pessoal. O batalhão tem seiscentas polícias, então um, dois, três, quatro por causa de determinadas ações que determinado fez e os outros quinhentos e noventa? Tipo assim vai tudo por água a baixo o serviço de um, então, ou seja, quando a sociedade fala muito pode até ser por essa mídia boca a boca né, "aquele negócio de aglomerado são difíceis demais.. aqueles ali são mais tranquilos". Às vezes foi naquele dia e naquela hora e o policial tem as vezes que ser ríspido pra que não crescesse determinado, ele foi ríspido por que- você

que esta estudando psicologia pode explicar pra nós- quem as vezes foi ríspido ali, as vezes ele consegue tirar dois, três, quatro do crime "o policial é bravo demais, ou seja vou começar a trabalhar e estudar" . A gente tem na nossa cabeça de que as vezes tem como conversar e tem como as vezes a tonalidade de voz mais forte ou até mesmo uma rispidez pra inibir dois, três, quatro entrando no crime e é feito isso, e é dessa forma. Só que aquele que está do outro lado como ouvinte vai imaginar que o policial foi muito (37'58" *incompreensível*) pra determinada criança de onze, doze anos, não imagina que aquele policial tirou do crime.

### **Moderador**

Vamos só esperar um pouco, tem mais pessoas querendo falar.

### **Orlando, adolescente**

Que nem você falou aí muita das vezes quando a polícia militar sobe na favela, na comunidade do Jardim Leblon que eu já vi já fui parado três vezes e muitas das vezes agrediam meus amigos por nada e as vezes os amigos meus correm e apanha de novo por que quando vê o mesmo policial que bateu nele no dia anterior subindo o morro ele olha pra polícia e fala assim "não, aquele policial já me bateu e vai me bater de novo, eu vou correr por que não quero apanhar". Muita das vezes a agressão do policial que ocorre na gente, a gente não quer apanhar de novo e a gente acaba correndo dos policiais pra não apanhar. Que muita das vezes a gente quer ficar em casa- a gente quer sair como aconteceu um dia lá na capoeira que nós íamos fazer uma apresentação. Saiu eu e mais dois colegas meus a gente foi abordado e a gente com nada e os policiais começaram a bater em um amigo meu e bateram nele demais, e ele não estava com nada e bateram nele e mandaram a gente sair. Hoje ele ficou com raiva da polícia, ele está com raiva então pode se acontecer que um dia ele ver o mesmo policial que bateu nele ele pode ver e tomar um tiro, então não foi dele, foi do policial ter batido nele por que ele não estava com nada. Muita das vezes a gente da periferia só por que a gente mora na favela a gente é visto como ladrão. Ontem de ontem um amigo meu subindo o morro e um policial parou ele do nada andando de bicicleta começou a falar com ele "você usa droga?" "não".. "você tem uma cara de noiado" só por que a gente mora na favela a gente é conhecido como noiado. Essa é que é a maior... Erro de alguns policiais não todos.

### **Moderador**

O César tá ali um tempão com a mão [levantada].

### **César, adolescente**

Eu queria falar que o grande problema da comunidade é que eles não veem o policial- quando o policial vai fazer uma abordagem eles veem isso como se eles quisessem fazer isso. Mas os policiais fazem isso pelo trabalho e o grande problema de alguns policiais é que muita das vezes eles usam muita violência é claro igual ele falou- eles não podem chegar dando flores, tem que usar mesmo a violência, mas muitas vezes eles exageram.

### **André, morador de comunidade**

(40'39" *incompreensível*) uma vez nós tivemos que tirar um policial de lá por houve uns procedimentos de como é que fazia, foi pro batalhão e foi tirado e agora já voltou de novo. Não sei se ele passou por reciclagem, foi e já voltou de novo. Ele é muito ignorante, muito arrogante. Um dia ele invadiu uma casa lá- como você entra assim sem bater no portão, "isso aqui não tem lei não". Muitas vezes ele fez muitas coisas lá. É



difícil fazer, mas qualificar o trabalho. Parece que eles mandam os piores pra nós- na teoria né, a prática aí fica muito ruim. Os meninos estão crescendo também e estão vendo isso, pra mim que já estou com trinta e seis anos e não tenho ficha criminal nenhuma então a gente acaba não sabendo pra que lado andar por que o cara foi tirado através de um abaixo assinado e já está voltando de novo. Não sei o que aconteceu se ele foi melhorado, piorado, a mesma ação entendeu?

### **João, técnico FVivo**

Eu queria colocar uma questão que a Rose traz no tema como há uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade. E aí assim o André traz que precisa de informação, que a comunidade precisa se informar e a polícia precisa de conhecer aquela comunidade. Então eu acho que além da informação precisa de comunicação. A polícia precisa se comunicar de uma forma mais pacífica com a comunidade e a comunidade tem que aprender a conviver com a polícia de forma pacífica. Inclusive falando de comunicação há de haver de a comunidade se comunicar com os órgãos que vão fiscalizar a ação policial. Um policial que entra da forma como ele coloca que derruba uma porta sem mandato. Aqui não tem lei? Aqui tem lei sim e aí a comunidade não deveria ter medo, hoje em dia a gente tem medo, mas não deveríamos ter e ter esse canal de comunicação com a polícia. E outra coisa que a própria comunidade às vezes tem que desconstruir é que alguns sujeitos são merecedores de serem tratados de maneira truculenta. Você não tem antecedentes criminais, você não estava com nada e não apanhou. Mas aí se o cara tiver uma coisa, se ele for sei lá... se ele estava com alguma coisa ou realmente tem antecedente criminal, mesmo assim ele não tem o direito de apanhar por causa disso. Ele também é um cidadão que também tem que gozar dos seus direitos e deveres. Ele vai ter que ser preso, penalizado e conduzido de forma correta, mas não tem nada que fala no nosso código civil, estatuto, alguma coisa que fala que algumas das penas é apanhar da polícia ou ser penalizado de forma humilhante. Não tem nada que fala, então assim claro que o cara tem que ser preso mesmo, e a comunidade não tem que ajudar ele a não ser preso não, mas por outro lado também a polícia não pode agir de forma - não vou falar truculenta (*interrompido*) – ilegal.

### **Otávio, Policial**

Nós assistimos há pouco tempo um simpósio aqui na UFMG que o pessoal de medicina tratava de prevenção do uso abusivo de drogas pra problemas complexos normalmente a gente busca resposta simples né e aí normalmente a gente vai errar. Esse problema é um problema complexo, não tem uma resposta simples, os órgãos, os governos tem que fazer parte da comunidade, todo mundo tem que se envolver, mas eu tenho plena convicção que se passa pelo caminho da educação, não é simples assim, mas vamos ficar dando murro em ponta de faca até as autoridades entenderem e investirem pesadamente na educação que não é uma coisa pra curto prazo. Eu penso isso a respeito da solução do problema. Agora uma das coisas interessantes, por exemplo, é a maior parte do tempo- pra mim que trabalho com prevenção do uso abusivo de drogas, a maior parte do tempo no meu serviço a farda e a arma não são meus principais- pra mim não vai adiantar não faz diferença e isso mostra que a polícia tem que procurar se profissionalizar. Então o policial- a principal arma nossa hoje não é a farda, nem a arma. Vai ser esse diálogo com a polícia comunitária, a polícia baseada nos direitos humanos, legalidade... atos ilegais não são mais admitidos, tem ouvidoria. Outra coisa, na favela do Leblon tem um amigo meu policial que é da favela do Leblon, não existe essa segregação os policiais e o pessoal da comunidade não. Tem muitos amigos nossos que passam pelo programa e amanhã são polícia. Não tem essa segregação de policiais e

peçoal da periferia. Eu sou do Santa Amélia e passei toda minha infância no Leblon e quem sabe amanhã eu não sou policial ou outra coisa aí. Então não existe segregação da periferia. *(interrupção: eu não posso concordar com isso)* Pra mim é, e sou policial e pra mim é.

**Robson, morador de comunidade**

Mas a reação de quem convive lá dentro não é a mesma, você me perdoa.

**Manuela, técnica FVivo**

O jovem que é usuário e é de classe média a abordagem dele é outra.

*(Várias interrupções)*

**Otávio, Policial**

Mas dependendo do usuário. Por exemplo, eu sou usuário de droga, eu bebo álcool de vez em quando.

**Manuela, técnico FVivo**

Eu falo dos usuários da classe média e dos usuários... Eu falo da abordagem com o jovem de periferia e com o jovem de classe média é diferente A gente sabe disso.

**Otávio, Policial**

Mas como eu vou saber quem é da periferia e quem é da classe média ate eu receber uma denuncia de que tem alguém portando droga aqui? A minha abordagem eu sou policial vai ser a mesma pra todos. Pode ter abordagem diferente sim, mas não vamos generalizar.

**Manuela, técnico FVivo**

Não, eu não estou generalizando.

**Otávio, Policial**

As abordagens são diferentes. Se eu for em periferia igual eu já fui com a Rotam a minha abordagem... Tem colegas que não faz? Tem.

**Clarissa, moradora de comunidade**

Deve haver na formação do policial um diferencial, olha, a abordagem na periferia deve ser uma. Na Savassi, no alto da Afonso Pena deve ser outra.

*(49'50" incompreensível)*

**Moderador**

Gente, esperem aí que a Ingridy está com a mão levantada querendo falar tem um tempão.

**Ingridy, adolescente**

Pessoas que são da classe A ou média eles tratam totalmente diferente, agora pessoas tipo assim, da classe mais baixa eles já querem tratar com ignorância e xingando. Isso já aconteceu comigo diversas vezes. Que me encontraram na Savassi e eu estava andando arrumada, tipo igual lixo. Muitas vezes o que passa no jornal o que os policiais fazem com os jovens de hoje em dia, as vezes a pessoa pode não estar com nada, vai lá quer bater, quer xingar achando que é pai da gente. Muita das vezes é as femininas que

enquadra a gente e manda ficar com a mão na cabeça e abrir as pernas, a gente abre as pernas beleza, e os policiais também eles sabem que não podem colocar a mão em adolescente mulher, mas muita das vezes eles abusam do poder que eles têm - tipo assim eles batem e eles já deram na minha cara. E eles abusam do poder que eles têm e isso eu não acho certo, por que se eles estão com problemas na casa deles, eles tem que resolver lá e não com pessoas que eles abordaram na rua, não com pessoas que ele encontra em qualquer esquina e acha que esta com droga e quer pegar. Por que eu acho isso errado. Muita das vezes tem briga e a gente vai fazer ocorrência e eles falam "minha filha eu tenho mais o que fazer, não sou pago pra isso" Muita das vezes acontece isso- tipo briga de escola. Isso é ocorrência não é? Então eu sou obrigada a vir aqui e fazer, não obrigada a dar patada. Que muita das vezes são coices que eles dão nas pessoas. Que nem se eles encontram a pessoa com a maconha, quer enquadrar e quer descer pode estar com o baseado na ponta e vai lá e coloca cinco gramas de maconha, trinta gramas de cocaína, doze de pedra só pra pessoa ficar com o artigo trinta e três.

### **Daniel, Policial**

Pouca droga ou muita droga é crime.

### **Ingridy, adolescente**

Não! Quando você está com um baseado de maconhadá como usuário totalmente diferente de tráfico.

### **Daniel, Policial**

Se tem um professor que é ruim, não são todos, é só um. Se tem um motorista que é ruim, não são todos motoristas de ônibus, é só aquele. Mas se tem um policial que faz degradação, são todos, não é só aquele, são todos. Quando tem determinadas ocorrências 'ah brigou marido e mulher', 'furtou minha galinha', quem vai atender essas ocorrências de quem mora no aglomerado e de quem mora na zona sul não é o GEPAR<sup>1</sup>, não é a ROTAM<sup>2</sup>, é da comunidade.

### **Alberto, Policial**

Atendimento normal comunitário.

### **Layse, adolescente**

Eu acho que o Brasil enfrenta problemas também com a droga, mas a gente enfrenta problemas. Eu acho que tem muita gente dando importância demais para o tráfico, mas tem muitos ladrões, muitos estupradores, muitas famílias que dentro de casa agride crianças. Igual eu moro (54'22" *incompreensível*) e lá chega história de pessoas que foram abusadas dentro de casa e quando elas forma acionar a polícia ela estava muito mais preocupada com o traficante que estava lá na ponta do beco do que preocupado com a criança que estava sendo agredida dentro de casa. Eu acho que também tem outras formas de impor respeito de se impor. Acho que a pessoa consegue impor mais respeito que ao invés de colocar medo nas pessoasdeviam colocar respeito. Mostrar pra comunidade, para as pessoas tanto na favela quanto na Savassi que eles são policiais e estão pedindo respeito. E medo e respeito são duas coisas completamente diferentes.

### **Orlando, adolescente**

---

<sup>1</sup> GEPAR stands for Expert Group on Policing Risk Areas.

<sup>2</sup> ROTAM are operating units of the military police that has the task of preventive or act repressively against so-called "violent crime".

Mesmo se for mil reais e mesmo se for muita droga a abordagem da polícia nunca deveria ser assim, passar por cima, e ser truculenta. Acho que não é por aí. Isso é ilegal. Pode ser caminhões de droga, a abordagem não é essa. Tem que ir lá e identificar qual o tipo de situação, ser educado... O caminho é esse.

### **João, técnico FVivo**

Eu acho muito interessante que eu faço - estou no décimo período da faculdade de direito eu fui fazer uma audiência pra fazer relatório aí chegou um sargento, o nome dele é bem conhecido e ele estava resolvendo questão de uma ocorrência lá. Existia ali um traficante, esse traficante foi pego com bastante drogas e a juíza várias vezes perguntou pra ele "você foi ameaçado, constrangido pelos policiais?" e diga-se de passagem. Aí ele falou "olha, nunca fui tão bem tratado. Esse policial chegou na minha casa, pediu pra entrar, abordou na minha casa e realmente achou muita droga. Uma parte é minha e a outra parte é pra uso e inclusive só me algemou depois que saiu de dentro da minha casa". Agora eu te falo uma coisa, vocês perceberam que só ouvir de um lado só, mas eu sempre ouvia a fala dele, qual que é a questão - uma das questões. Problemas complexos não se atingem só em um ponto, sabe, atinge com educação, com saúde, com emprego, não é isso? Com informação. Aí que vem a questão... nós temos um histórico, nós temos uma sociedade que em termos de direitos fundamentais está começando a caminhar a níveis históricos - nossa constituição é de oitenta e oito, as instituições, elas estão se - mudando a sua performance. Na polícia militar nunca se fez tantas ações na questão de direitos humanos, os profissionais - a primeira coisa que eles aprendem lá é respeitar a dignidade humana. Agora eu falo o seguinte: existe um preconceito, um preconceito com a polícia. O que é um preconceito em julgar as pessoas, é um conceito anterior com alguns policiais talvez pra atingir com eficácia ele tem que estar dentro do seu tempo, até mais. Hoje o que nós mais precisamos ver é isso, como a sociedade está vendo o policial e como o policial está vendo a sociedade. Seria até interessante deixar o policial falar como que a sociedade trata ele, "nossa, eu chego lá, e ele acha que estou invadindo o espaço dele quando eu mando ele colocar a mão na cabeça ele acha que por que ele é negro, pobre, não é isso? Nós chegamos em uma discussão interessante de abrir essa discussão, porque às vezes acontece.

*(interrupções)*

### **Alberto, Policial**

Mas é mudar um pouco isso a abordagem.

### **João, técnico FVivo**

Só para concluir nós estamos em um impasse e não vamos resolver segurança pública de um dia para o outro. Primeira coisa muito mais paliativo se resolve é com cultura de paz com a cultura de sem esse preconceito de o policial achar isso que hoje são a minoria eu te garanto isso nós somos preparados hoje pra isso em um lugar ele afirmou que "ah, sobre essa questão de procedimento..." qualquer questão jurídica hoje é apurada e se constatar qualquer questão de irregularidade aquele policial dentro da regularidade, dentro dos padrões que a lei determinou ele é sancionado. Não existe essa questão por que nós queremos que os profissionais- eu sou casado e tenho filhos um policial lá ele vai prender meu filho também, você está entendendo? Eu preciso que ele seja um profissional que atenda o meu filho, que atenda o seu que atenda toda circunstância e isso está sendo trabalhado. Como a sociedade- os espaços que nós estamos discutindo os assuntos e tem coisas que temos que olhar pelo retrovisor como

eles estão falando aí pra ver os erros e andar pra frente e... estabelecer mais vezes esse diálogo aqui trazer os policiais pra conversar, mas ao mesmo tempo os policiais- eu como policial tenho que voltar pra dentro da minha academia, dentro do meu batalhão e falar "gente, eu tive tal situação aqui e talvez eu ache que podemos ter tal procedimento", mas você como cidadão será que de fato aquilo foi preconceito, ao contrário de muitos cidadãos ele não quer que impeça a lei do traficante por que o traficante dá um botijão de gás pra ele e umas buchinhas de maconha e aquele cidadão vai decidir de outras formas. Então o estado tem que fazer seu papel na medida de legalidade. Nós temos que abrir nossos olhos pra vermos quem é essa academia é uma academia de polícia e ver qual currículo e como está sendo confeccionados os currículos. Vai resolver amanhã? Você sabe que não... o que vai acontecer? As coisas estão sendo implantadas pra chegar nessa medida. E inclusive eu trabalho nessa questão administrativa trabalho em aglomerado há muitos anos na questão desse assunto de comunicação dentro dos desprotegidos e só podia fazer essa abordagem dentro dos desprotegidos que envolvem polícia militar e comunidade por que é isso, é interação. Nas reuniões chegar e falar "ó nós vamos tentar isso, nós temos problemas e cada um é agente potencial pra obter uma resposta", mas nós temos que o que? Olhar pra frente, ver os nossos erros mas não *vim* com preconceito.

### **Otávio, Policial**

A polícia estuda, estuda, estuda a sociedade que tá intrínseca nela, mas será que a sociedade estuda, estuda, estuda a polícia que trabalha pra ela?

### **César, adolescente**

Igual ele falou do psicológico dos policiais, muitas vezes os policiais pensam assim é... Embaixo da farda de um policial tem um ser humano como qualquer um da comunidade então vai e fica ali- muitas das vezes ele entra na comunidade com a mão na arma pra tipo assim se ele aponta um revolver pra mim eu vou atirar em defesa né.

### **André, morador de comunidade**

Vendo isso eu acho interessante essa questão que começa a aflorar é... Eu particularmente através das oficinas de capoeira desde uns dois anos pra cá através de uma cartilha que tem sobre os direitos e os deveres da polícia militar em uma abordagem, não só a polícia militar, mas nós como os possíveis abordados. Eu comecei a orientar esses jovens para uma possível abordagem por que naquele momento eu entendi se eles tivessem entendido sobre aquilo talvez eliminaria vários problemas e vários acontecimentos que podem acontecer em uma abordagem. Eu fui abordado várias vezes, várias e várias vezes e eu comecei a aprender que em uma abordagem o início da abordagem vai me dizer como vai ser o término dessa abordagem. O início dessa abordagem, a partir do momento que eu fui abordado pela primeira vez a primeira fala do policial, como ele diz o policial vai falar uma forma pra todos tem suas aspas aí, mas vamos lá. Eu como receptor dessa abordagem a minha primeira fala com essa guarnição vai dizer muito como vai ser essa abordagem pra mim, então assim, estão sendo perguntados e através das perguntas que o policial esta fazendo comigo se eu "tripudiar" outras e outras e outras até o momento que eu caio em nervosismo. Aí é... Pra se pensar nesse estudo também de se pensar como é essa abordagem pra nós civis normais e como estamos sendo abordados e até a fala da moça Ingridy a fala sobre foi pego com não sei quantos quilos... Nós temos que entender que temos que responder por nossas atitudes e não transportar os nossos erros pra outros. Então se eu for pego, eu, por exemplo, eu ao adentrar na universidade e ver o pessoal bebendo ali eu achei um absurdo eu achei

aquilo ali um absurdo tremendo e os meninos começaram a conversar comigo sobre isso e é um absurdo isso. Pra eu formador de opinião isso pra mim é inconcebível. É festa? Não interessa. Deixei de saber se é festa por que daí vai vim outras coisas, há estrupo no campo até espanca. Mas o que eu quero dizer é que eu não devo ser tratado diferente se eu tiver com um grama de maconha, com uma buchinha, se eu tiver com vinte quilos. Lógico que existe as suas responsabilidades através do ego. Talvez isso é e gera um certo problema e o traficante joga na mão do menor e o menor diz assim “não ´da nada pra mim” esse é um dos grandes perigos e esse é um ponto que nós jovens temos que pensar não colocar esse problema talvez pra outro. Assim, eu quero fumar dentro da minha casa eu fumo lá. Agora se eu fui pego na rua eu tenho que ser responsabilizado por aquilo e em contra partida, em paralelo a isso essa posição da policia é o que eu digo essa abordagem esse momento que muitas das vezes ele é nervoso, por que a dinâmica daquela comunidade daquela guarnição ali o policial sabe que é tenso e não bate algumas coisas policia e comunidade. Mas eu ainda volto a dizer sobre a informação. A formação dessas pessoas talvez adentrar na comunidade e dizer “pessoal os direitos de abordagem aos cidadãos é esse”. O cidadão de alguma forma vai saber pra quando o policial agir fora aquilo a pessoa olha “você não tem o direito de fazer isso comigo”. Eu acho isso muito massa por que quando ele diz que o jovem é amigo dele o jovem é aluno meu e é um menino extremamente são em relação a droga ele ficou com tanto medo do policial que ele foi “tripudiando” as palavras que o policial pegou o dedo dele e entortou e ele chorou. E é um menino que eu garanto que é são [em relação às drogas].

### **Grupo 3 de policiais e moradores de comunidade brasileiros**

#### **Participantes**

**Guilherme**, Policial, 40 a 59 anos, ensino superior completo

**Pedro**, Policial, 40 a 59 anos, ensino superior completo

**William**, Policial, 25 a 39 anos, ensino médio completo

**Miguel**, Policial, 25 a 39 anos, ensino médio completo

**Yan**, Policial, 40 a 59 anos, ensino médio completo

**Kaique**, morador de comunidade, 55 anos, ensino superior incompleto

**Rachel**, moradora de comunidade, 55 anos, ensino médio incompleto

**Rubem**, morador de comunidade, 29 anos, ensino superior incompleto

**Rafael**, morador de comunidade, 30 anos, ensino médio incompleto

**Fátima**, moradora de comunidade, 34 anos, pós-graduação

**Inácio**, morador de comunidade, 54 anos, ensino médio completo

#### **Moderador**

Bom, gente, meu nome é Moderadora. Eu coloquei uma caneta e um papel porque a minha formação é jornalista e agora também pesquisadora e a minha rotina diária é escrever. Eu acho que eu escrevo diariamente desde doze anos, quando eu comecei a escrever um diário, e acho que desde então todos os dias eu escrevo. Alguém ficou sem se apresentar? Todo mundo se apresentou, né... Então, gente, a dinâmica é livre, é aberta, né, todo mundo pode se colocar, se posicionar, da maneira que achar melhor. A gente só pede pra não tentar falar em conjunto, não falar ao mesmo tempo. A questão nesse primeiro momento então é: Como e quais os caminhos que a gente pode trilhar ou como que podemos construir uma cultura de paz entre a comunidade e a polícia.

### **Kaique, morador de comunidade**

Eu vou... Eu tenho... Eu fui liderança comunitária, presidente de associação, hoje sou presidente de uma creche aqui dentro da comunidade e essa... (*Silencio com um sentido de reflexividade, pensamento, tentando resgatar uma memória*) Quando eu coloquei na minha apresentação que é uma luta que é eterna, foi porque eu já participei de varias situações e discussões, às vezes nos piores momentos da comunidade, quando a gente tinha confrontos dentro da comunidade, a relação com a polícia militar era uma relação ainda muito distante – e ela ainda não é a relação ideal -, mas ela teve vários pilares que foram construídos e eu tive a oportunidade de estar participando de vários pilares dessa construção. E desde quando eu vim pra cá eu vim pensando que... Eu não sei se sou eu que estou ficando pra trás ou se as coisas estão se adiantando demais, mas esse diálogo acho que ele já não existe mais. O que existe... A instituição polícia militar, infelizmente, de uns anos pra cá, os governos que vem sucessivamente entrando, estão fazendo com que ela vá se acabando. Ela ainda tem algumas relações comunidade e polícia militar às vezes quando as pessoas... Pelo homem que está ali antes da farda, pelo policial que às vezes atua aqui dentro, mas mora próximo - aqui ou dentro de outro aglomerado - e vive a realidade do dia-a-dia. Então assim, eu não sei... Eu fico às vezes pensando... Toda vez que eu participo eu tenho a liberdade, seja com tenente, com coronel, ou comandante geral... A minha fala é sempre a mesma. De ser claro, aberto, e de dizer que é uma instituição que infelizmente, ela está sendo dissipada. Aí é questão política, é questão que a gente não pode se alongar muito, mas tem uma coisa bacana também. Ela se preocupa em participar, em chegar na comunidade. A gente já teve vários momentos aqui na comunidade de muita intensidade, de discussão mesmo, de sentar... E na época eu me lembro do [nome omitido], que eram severas mesmo as suas afirmações. (*Comparação com tom irônico*) A gente fez várias manifestações porque tínhamos uma relação muito distante com a polícia e já fizemos vários projetos juntos e hoje, por exemplo, uma das coisas que eu condeno é a polícia militar não sentar pra fazer projeto com a comunidade. Ela entrou em uma mesma linha de chegar e querer achar o projeto pronto e implantar, e isso não funciona mais. E a própria comunidade também ela tem culpa porque a sociedade chegou a certo ponto que... Nosso caso aqui, por exemplo, as pessoas hoje, elas não sentam mais para discutir. Associação de bairro é muito pouco, até as próprias entidades. Porque cada um está se preocupando consigo mesmo, com a sua segurança própria, com a sua realidade, com a sua entidade ali que você dirige, e não quer discutir mais com a sociedade como um todo. Então a própria comunidade tem culpa disso. Eu me lembro que... Eu sou nascido e criado aqui dentro no aglomerado e é uma coisa que eu sempre falo nos encontros que a gente tem. A criação do vigésimo segundo batalhão pra gente aqui, é... Toda vida a gente teve polícia dentro do morro, dentro da comunidade, e antes do batalhão - por volta dos anos setenta - a gente tinha um posto policial que era aqui dentro, que foi a pior época da comunidade, onde tudo aumentou, tudo triplicou, violência... Não existia diálogo polícia e comunidade, era aquela coisa terrível. E quando foi implantando o batalhão, durante dez anos foi a mesma coisa. Os piores dez anos da comunidade. Porque foi um batalhão que veio implantado de uma forma que não se sabe como, foi um decreto do Governador Helio Garcia, e um batalhão que veio diversificar, ele veio totalmente o contrário do que era nossa comunidade. Porque foi um batalhão criado, na época, eu não sei se eu posso falar isso, pra se colocar um refúgio da polícia militar. Aqueles soldados oficiais, aquelas pessoas que não tinham uma boa conduta dentro da polícia militar, todos eram jogados pra cá, aqui no vigésimo batalhão. E jogando eles pra cá e jogando eles pra dentro da comunidade, nós chegamos em um patamar dos dez anos da pior fase

da comunidade, os piores dez anos que se teve. *(Tom de indignação)* Aí a comunidade voltou pra dentro de sim mesma e falou “isso não pode continuar, porque vai chegar num ponto em que ou a comunidade vai ter que se rebelar e se trancar ou nós vamos ter que tirar o batalhão daqui”. Mas nenhuma das duas coisas era a solução. É sentar e dialogar. Aí nisso tudo a gente inclui: era questão da abordagem, era questão de desrespeito dos direitos humanos, direito do cidadão, era a questão da própria comunidade às vezes não respeitar o policial que estava ali naquela hora. E nesses dez anos a gente contou com várias parcerias e uma delas a própria UFMG, que nos ajudou muito, a PUC, a própria... Como que fala? Qual o nome? Do padre... Arquidiocese, a própria arquidiocese. Então a própria comunidade resolveu que tinha que se juntar e achar uma solução pra isso e achava que o diálogo seria a pior coisa. E vários eventos que a gente fazia, eu próprio organizei alguns eventos, eu fiz vários eventos aqui na comunidade, a gente fez um em mil novecentos e... Em dois mil... Em noventa e nove, que foi o ponto de cultura Telemig celular. Nós conseguimos colocar aqui dentro da comunidade, montar uma arena da cultura aqui com dez dias. E na pior época da comunidade, onde havia guerra, droga, tiro, vários tipos de situações dentro da comunidade. Aí desse ponto pra cá a gente percebeu que poderia ter diálogo sim, poderia a gente sentar junto e fazer as coisas acontecerem. Então isso foi acontecendo aos poucos, hoje não sei com que frequência, porque não participo muito. Mas, eu acho que é por aí, é sentar e dialogar. Porque o diálogo tem sempre que existir, em qualquer circunstância. Então, assim, nós já passamos por situações aqui dentro de muitas vezes a nossa própria segurança pessoal estar ameaçada. Quando você quer lutar por um ideal, um objetivo, e saber que as coisas vão acontecer dentro daquilo que a lei permite, dentro do que aquilo que é o que tem que acontecer no dia-a-dia, a gente fica satisfeito com as mudanças, mas ainda tem muito para que se construir ainda a respeito dessa situação.

### **Moderador**

Como construir, então, essa cultura de paz, entre a comunidade e a polícia?

### **Kaique, morador de comunidade**

É, essa é que a boa pergunta né...

### **Pedro, Policial**

Olha, eu vejo que construir essa relação é através disso aqui, através de conversa, através de ouvir os lados, como o seu Kaique falou. Hoje eu não sei porque aqui não é minha realidade, sou lá de *[outra cidade. Nome omitido]*. Mas desde 2010 eu trabalho também nessa área, eu comando a base comunitária lá e nós temos um acesso à comunidade. E isso aí a questão é a seguinte: A instituição Polícia Militar, ela incentiva isso, tanto é que estamos muitos aqui, somos de unidades diversas, pra participar dessa conversa e antigamente não existia isso e hoje a Polícia Militar se atenta a isso. Mas tem o homem por trás da farda, então, lá no batalhão, tem comandantes que são mais abertos, cria o CONCEPE, tem a coisa com a comunidade. Mas tem outros comandantes que a visão deles já é mais operacional, porque apesar do governo fazer uma propaganda que incentiva o preventivo, é mentira. *(Tom de indignação em relação ao governo)*. O governo cobra do comandante a quantidade de armas apreendidas, se diminuiu o número de assaltos. E o trabalho comunitário é um trabalho que vai obter resposta a longo prazo. E o governador não quer resposta a longo prazo. Ele quer resposta pra agora. Por que? Pra ele lançar a propaganda política dele. Eu falo porque eu vivo essa situação. Em 2012 eu comandava trinta soldados. Hoje eu só tenho dois. *(Pausa. Risada irônica.)*. Porque não pode deixar de manter a viatura básica pra atender



ocorrência, tem que ter o GEPAR que é especializado na área de risco, e também o policiamento comunitário. Mas lá na minha região não tem como eles fazerem o trabalho comunitário, porque eles vivem o tempo inteiro pelo repressivo. Porque eles prendem e hoje infelizmente você só acha menor com droga, os maiores você não acha. Acha os menores e levam pra lá, fica lá e amanhã tá de novo aprontando a mesma coisa. Então eles ficam o tempo inteiro empenhados no repressivo. Não tem como trabalhar com o comunitário. Quando eles vão trabalhar com o comunitário, os marginais vão lá e ameaçam a comunidade. Não deixa a comunidade ter essa relação com a polícia. Às vezes vai lá e tira aquele marginal que está atuando ali e prende ele... A gente entra com essa aproximação e quando começa a ficar bacana, ele solta e vem fazer ameaça aqui tudo de novo. E pra nós é complicado, o pessoal fala “ô sargento Pedro, prende ele”, pra mim prender tenho que ter flagrante em delito. Eu tenho que ter fatos pra mim prender, eu não posso prender... talvez eu sei que ele matou uma pessoa, mas eu não tenho provas, eu não posso prender ele. Pra mim prender ele, ele tem que ter acabado de cometer o crime ali. A comunidade, também, é assim, é uma via de mão dupla, né, porque eu entendo que o morador também, eu entendo que às vezes denunciar ali é complicado, mas às vezes eu preciso de uma testemunha, de uma denúncia anônima, pra mim embasar ali pra mim prender aquela pessoa. A denúncia é muito importante porque se eu prender um rapaz com droga aqui e eu tiver varias denuncias anônimas eu posso embasar, por aquelas denuncias anônimas ali em anexo ao REDS e encaminhar pro delegado e o delegado já faz o contato com o promotor pra acionar ali pra já tirar aquela pessoa da área. Só que muita das vezes nós não recebemos... quando recebemos denuncia anônima é infundada, é de um vizinho que quer prejudicar o outro, e para o cara que ta atuando ali não acontece. E outra coisa que o seu Kaique falou, a polícia hoje nós estamos passando por uma dificuldade efetiva. Então até pra participar disso aqui mesmo, olha só para você ver, eu por exemplo, eu estaria trabalhando hoje de oito às dezoito, aí teve que suprimir alguém lá pra mim vir nessa reunião. Não que a reunião não seja importante, não é o que eu to falando, na minha visão ela é muito importante sim e isso aqui é a base pra ter uma relação entre a polícia e a comunidade. Pra nós entendermos a relação da comunidade - eu pelo menos procuro entender a reação do morador lá, os riscos que ele passa, a situação que ele passa, a ameaça que ele passa, até onde ele confia no poder publico, até onde o infrator que foi preso vai ficar realmente preso mesmo, porque a gente sabe hoje que não tem garantia. Então tem comandante que pensa assim: “ah, não vamos mexer com essa reunião nada não, eu preciso de gente na rua pra não ter assalto”, porque se tiver assalto ele vai ser cobrado. Então a gente esbarra em uma situação que a polícia está com muita demanda e pouco efetivo pra cobrir, o governador fala que incentiva uma coisa, mas na verdade ele incentiva outra, porque isso é questão de governo, não estou falando do atual governador não, é uma questão de política. Porque todos nós sabemos, por exemplo, nós trabalhamos com o PROERD, todo mundo acha o PROERD maravilhoso, né, que é os policiais que dão aula pros alunos lá, pra incentivar os alunos o não envolvimento com droga. Mas isso vai colher o resultado quando? Daqui dez, quinze anos. Então talvez daqui dez, quinze anos, o governador nem governador é mais. Então hoje lá no meu batalhão, a gente deve ter umas... Só na minha companhia nós temos mais de sessenta escolas, pra um policial dar aula pra todo mundo... Um policial dar aula pra todo mundo. Às vezes mandam uma viatura lá na escola e chega lá dois policiais só, e vários alunos fazendo quebraadeira na escola. Então a gente acaba ficando... Porque nós não temos muito apoio da lei. Igual eu estava conversando com ela ali, eu acho que o problema do nosso país é que... Eu não concordo em aumentar a maior idade penal, não. Se você falar que dezesseis anos ele tem consciência do que está fazendo, ele não tem não. Só que eu acho que o meio, a

reeducação dos menores tinha que ser mais eficiente e não do jeito que está. Porque tem situação que você pega o menor aprontando... Na minha realidade, lá não tem pra onde levar o menor. Eu pego ele, levo pro pai dele, e assino que o pai dele recebeu ele, daqui a pouco tá na rua aprontando de novo, e aí? *(Fala marcada em vários momentos por um tom de muita indignação)*

### **Moderador**

A gente quer tratar dessa questão também, daqui a pouquinho (risadas).

### **Guilherme, Policial**

Bom dia a todos mais uma vez. E Moderadora, e à todos, eu pergunto pra todos em relação a essa primeira questão, pra gente definir corretamente o que a gente ta discutindo. A gente ta discutindo a eficiência da polícia na comunidade ou se a gente ta discutindo uma cultura de paz com a polícia. Porque a gente precisa ver realmente se existe um problema de cultura de paz com a polícia. E isso a gente poderia verificar isso de outra forma, nas denúncias que são feitas em relação às ações equivocadas dos policias, nesse tipo de relacionamento, qual o tipo de relacionamento hoje da polícia militar com os moradores, pra gente definir bem. Porque se não a gente vai discutir, Kaique, a eficiência é uma coisa, mas a cultura de paz e o tipo de trabalho que o militar, que o policial faz na comunidade, se é eficiente ou não nós estamos discutindo uma coisa, mas se ele é pacífico ou não... É bem diferente. Então eu vou pegar nesse ponto, se vocês me permitem, sobre a cultura de paz com a polícia militar. Eu sinceramente trabalho dentro do aglomerado tem doze anos, conheço bem a comunidade. E a polícia na verdade, ela não tem outra forma de ser, se não for na comunidade. Querendo a polícia ou não, querendo a comunidade ou não. Ela acaba o seu fim, o seu começo, ele é na comunidade. Porque se não a polícia não existe, se não for pra comunidade. Veja bem, alguns escritores dizem e afirmam - e pouca gente escreve sobre a polícia, de onde veio a polícia, e eu só vou dar uma pincelada muito por cima sobre isso - dizem que a polícia antigamente ela era uma polícia paga pelo particular pra tomar conta dos seus feudos. Ok? Então não existia polícia publica. Polícia pública paga com dinheiro público é moderno. Então nós estamos vivendo uma modernidade de polícia do estado, polícia pública paga com dinheiro público e nós estamos vivendo essa transformação social juntos. Estamos vivendo isso juntos. Existe uma mudança profunda no modo de fazer polícia na Constituição de 88 que todos nós estamos aprendendo a viver a polícia e a entender a polícia diferente a partir daí. E os movimentos sociais, eles são lentos. Não existe uma mudança na sociedade que dure menos de cinquenta anos. São lentos. Mas a gente percebe, o senhor falou de dez anos, né, de quando foi criado o batalhão, e de lá pra cá eu tenho certeza: a relação com a polícia mudou muito. Mudou muito. Se você pudesse, Kaique, verificar a questão de denúncia, forma de atuação do GEPAR, por exemplo, que é quem atual diretamente aqui dentro do aglomerado, é uma atuação diferenciada. O governo, o Estado, pensando nisso junto com a Polícia Militar, pegou esse projeto, inclusive junto com a UFMG, e criou o GEPAR juntamente com o Fica Vivo, que a área de atuação do Fica Vivo - que tem o centro de prevenção criminal - ela é idêntica à área de atuação do GEPAR. O GEPAR não faz um trabalho sozinho divorciado da prevenção criminal, da prevenção, da mediação de conflito, do trabalho, do regresso, e não está divorciado. Daí a diferença de atuação do policial militar que trabalha no GEPAR, a Polícia Militar entendendo que essa mudança de comportamento do policial militar passaria também por uma mudança do tipo de serviço prestado dentro das comunidades, cria o GEPAR. E o GEPAR "Agrupamento Especializado em Policiamento em Área de Risco". Porque policiamento em área de risco precisa de gente

preparada, policiais preparados que conseguem conversar com a senhora e conseguem ser rígidos e cumprir a lei com quem esta infringindo a lei. É essa a função do GEPAR. Então quando a gente fala de cultura de paz com a polícia hoje, Moderadora, com toda sinceridade, eu me sinto em um ambiente de paz junto com a comunidade, comandando um grupo de GEPAR, eu me sinto em um ambiente de paz junto com a comunidade. É através de um bom dia, é através de um olhar franco, é através de saber onde é que a Rachel trabalha, é saber qual é o papel dela dentro da comunidade. Eu me sinto em um ambiente de paz. E eu tenho a certeza, em que pese, aqui no Morro do Papagaio aqui, e constantemente a gente tem alguns reflexos, ou seja, alguns confrontos entre policiais e autores de infração, mas a comunidade ela é preservada. Essa relação com a comunidade ela é preservada. Se eu falar com vocês aqui “ah, não. Nós não temos problemas da polícia com a comunidade”, eu vou estar mentindo. Porque o trabalho do GEPAR é diferenciado. Você consegue, Rubem, diferenciar a abordagem do policial do GEPAR que trabalha dentro da comunidade, do pessoal de outra Unidade que às vezes vem e não conhece a comunidade. Mas por que isso, ô Moderadora? Por que a polícia também entende dessa forma e que precisa de um trabalho diferenciado dentro da nossa comunidade. Eu, pessoalmente, participo de inúmeras reuniões com a comunidade. Nós tivemos uma reunião no Alto Vera Cruz, e está documentado isso, com mais de cento de vinte moradores, capitaneada pelo deputado Paulo Lamac, presidente da comissão de mobilidade urbana da Assembleia, pra falar sobre mobilidade urbana no Alto Vera Cruz, veja bem, o nosso problema não é violência Moderadora... Cidadania crescendo, brotando. E olha pra você ver como são as coisas. A gente, a Polícia Militar consegue perceber isso reunindo pra discutir mobilidade e não pra discutir violência e não pra discutir a ação da polícia. Pra discutir mobilidade. E a polícia militar estava junto, porque nós somos da comunidade. E o interessante disso é que a demanda da comunidade é que se fiscalizasse o trânsito porque eles não estavam conseguindo andar. Precisava haver ordem ali naquele lugar. E cobrando da polícia o que a gente podia fazer através de convênio, que é fazer as multas, e cobrando também da BHTrans reeducar as partes. Veja bem, então é um avanço dessa comunidade que tem um senso de comunidade muito forte. A historia de formação do Alto Vera Cruz é diferente do Taquaril, como é diferente do Morro do Papagaio. E isso no processo de comunicação e no processo de crescimento faz uma diferença muito grande. Aí eu pergunto Rubem, qual que é a historia do Morro do Papagaio, como ele foi formado, de onde essas pessoas vieram, qual que é a formação? Por exemplo, no Taquaril foi um mutirão, Moderadora, as pessoas construíram as casas no mutirão, então existe um sentimento. No Alto Vera cruz pessoas que ocuparam ali um terreno que era do INSS e depois eles conseguiram, um terreno ali chamado Morro do Minério, começou a chamar Alto Vera Cruz. Existe uma história e essa história dentro das comunidades vão apontar pra onde que ela vai chegar. O Alto Vera Cruz eu considero hoje, Kaique, que essa reunião apontou um chamado e um pedido de cidadania. Que nós passamos atuar mais firme com relação às multas, questionados às vezes por aqueles que estavam sendo multados, mas a resposta era: a comunidade está exigindo uma postura mais firme com relação ao trânsito. Isso é comunidade. O que foi combatido e o que foi levantado pela comunidade dentro de uma reunião com uma representatividade muito grande – porque cento e vinte pessoas não é pouca gente em uma reunião da comunidade - foi colocado em prática porque nós entendemos que era aquilo que ela estava precisando na hora. Ok? Então quando a gente fala de paz, só pra gente determinar mesmo o foco da discussão, porque eu não consigo, sinceramente, dentro do aglomerado, eu não consigo ver o problema da paz com a polícia ser exatamente um problema. Talvez se nós sentarmos aqui, Rachel, e discutir qual que é realmente o problema do Morro do Papagaio, nós talvez nos

surpreenderíamos. Inclusive isso aí foi pauta de um curso junto com a UFMG e a comunidade no Alto Vera Cruz para a solução de problemas, e nos surpreendemos com os problemas que realmente a comunidade tem, e não passou pela polícia. *(Fala muito teatral, com palavras pronunciadas com foco diferente e pausadamente, exemplo: cidadania. Tom de explicação e de glória e orgulho em relação à polícia).*

### **Moderador**

Gente, queria só fazer mais um acordo também, pra gente tentar conduzir a nossa fala em torno assim de uns quatro, cinco minutos. Pode ser?

### **Guilherme, Policial**

Pode.

### **Rubem, morador de comunidade**

Posso fazer algumas colocações? Há muito anos atrás quando se chegava aqui dentro, e às vezes estava em um bar e era abordado, era raro você chegar e ver um policial chegando e falando “bom dia, com licença, tô fazendo meu trabalho”. Hoje aqui na comunidade, e eu saio daqui cinco e meia da manhã e chego onze da noite, apesar do momento em que eu estou, eu vejo sim uma diferença. Porém, é igual eu sempre penso, a polícia ela tem a Inteligência por trás, não tem? Ela sabe quem que é. É claro que não está escrito na testa “eu sou, eu não sou”, mas a polícia conhece, a polícia que está aqui na comunidade todos os dias, ela sabe quem que é. Então às vezes... Igual eu penso, eu respeito... A farda, quem olha sabe, aquela ali é uma autoridade. Minha mãe é uma autoridade pra mim e eu sei como eu tenho que respeitar. Eu acho que a comunidade, as pessoas, igual eu mesmo, eu nunca desrespeitei um policial e muitas pessoas nunca desrespeitaram policial. Então às vezes, eu já ouvi falar de amigo meu que é polícia, eu não sei o que acontece... *(Hesitação, gaguejando, tentando achar palavras)* Eu sei, vocês são seres humanos, acorda de manhã e está mal humorado e tudo... Então já ouvi falar muitas vezes que veio, descontou, às vezes nem querendo. Às vezes chegou e deu um murro a mais, deu um tapa a mais. *(Silêncio apreensivo)* E eu acho que esse tipo de abordagem, esse tipo já sumiu muito, hoje em dia eu não vejo. Pelo menos comigo tem muito tempo que eu não vejo isso. É igual você falou, tem as pessoas aqui dentro e tem os que vem de fora, isso eu não sei, é igual eu falei, eu não fico muito aqui mais, então não sei, não sei sobre essa abordagem porque eu não estou aqui muito mais, estou fora. Então tem essa diferença. Agora não sei se continua sendo assim ou não.

### **Guilherme, Policial**

Só pra te... Só pra não deixar você falando no vazio. Existe uma matéria hoje na Polícia Militar que é trabalhada no SUS chama-se ‘tratamento das pessoas’, Rubem, porque nós entendemos - não só como civil ou com você que esta aqui e é da comunidade - que nós devemos tratar bem porque somos acima de tudo servidores. Nós devemos tratá-los bem, não só você, mas o tratamento dentro dos quartéis também. Só pra te esclarecer que existe uma matéria dentro da grade curricular da polícia.

### **Kaique, morador de comunidade**

Em relação ao que o senhor colocou do Alto Vera Cruz, do Taquaril, a nossa história aqui não é diferente. E eu acho mais singelo ainda porque nossa comunidade nasceu com pessoas que vieram do interior. As pessoas simples, pessoas que vieram pra arrumar emprego, pra dar bom estudo ao filho, pra crescer. Isso há muitos anos atrás. E hoje os aglomerados não é mais essa realidade, não existe mais aquele “ah, me arruma

um pó de café emprestado”, hoje não existe mais isso. Não existe mais mutirão. A palavra mutirão hoje, você vai colocar ela dentro da comunidade, ela existe se eu for vizinho do Rubem, se eu souber que ele vai bater uma laje lá comigo de manhã. Muitas vezes lá da minha varanda eu fico vendo o pessoal trabalhar e não vou lá ajudar eles. Mas se eu tenho consciência que eu vim de um sistema que eu ajudei a construir, eu vou lá ajudar. Quando o senhor coloca também, uma coisa que a gente cobra muito aqui na comunidade... A polícia comunitária ela existe... especificamente o GEPAR aqui dentro... Mas a gente fica sabendo da polícia militar dos bairros, né, do São Bento, da associação do bairro de Lourdes... E uma coisa que a gente cobra muito aqui, por exemplo, e já foi até projeto de audiência pública, da política tentar interferir nisso, do alto comando da polícia militar, é a questão do policial entrar.... As comunidades de BH Alto Vera Cruz, Serra, Morro do Papagaio, sendo comunidade de vilas e favelas, não tem um histórico igual por exemplo do Rio de Janeiro, aí você pega o Morro do Alemão, a Rocinha, que a polícia mesmo com toda essa infra-estrutura que tem agora, com todas aquelas unidades que estão sendo colocadas lá dentro, ainda é recebida a bala. Então por exemplo uma das coisas que a gente sempre condenou aqui: porque que a viatura, na hora que ela sai daqui do... desce aqui o asfalto, o policial tira a arma que tá empunhada na janela pro lado de fora, ela volta pra dentro, pra perto do corpo dele? Já tentaram nos convencer disso, que “ah... é diferente”... A gente não aceita isso mais. Não aceita. (*"A gente não aceita isso mais" – frase dita lentamente e de forma muito enfática*). Vou explicar ao senhor porquê. Pode acontecer... as ruas aqui são todas, né, irregulares, acontece alguma coisa e infelizmente o policial vai colocar o dedo no gatilho, a arma dispara. A gente sabe. A primeira coisa que vai ser dita é que a polícia foi recebida a bala. Não estou falando da polícia, é o geral. A primeira conclusão que vai ser feita vai ser essa. A polícia jamais vai admitir uma apuração, uma perícia bem feita, ela jamais vai admitir que foi um acidente, que partiu o tiro do policial. Então a primeira coisa que a gente coloca é isso. Uma das coisas que as vezes nos deixa revoltados são os tratamentos diferenciados quando nós aqui dentro pagamos impostos igual todo mundo, as vezes nós não pagamos IPTU, mas pagamos impostos em um palito de fósforo que nós compramos aqui, a gente participa também. Quando o senhor coloca que tem que tratar a sociedade bem, eu concordo plenamente, entendeu? Só que são realidades diferentes.

### **Moderador**

Só reforçando: então o Kaique, ele está pontuando essa diferença de tratamento da polícia em relação à comunidade e outras partes da cidade...

### **Guilherme, Policial**

(*Interrompendo*) Moderadora, só... Desculpa interromper, mas eu não consigo ver a diferença de tratamento. Eu quero pontuar isso. Porque não é um tratamento diferenciado... Mas uma atuação. Um tipo de atuação. Então tem que ter cuidado, Kaique, em definir as coisas corretamente, para que a gente não parta encima de um pensamento equivocado. Não é uma diferença de tratamento, mas uma diferença de comportamento. Se está certo ou se está errado, vamos discutir, ok. Mas eu quero partir disso. O correto é: o comportamento técnico e tático é diferente, tudo bem, aí nós vamos concordar, mas o tratamento não. Porque não houve questão de diferença de tratamento. Só pra deixar isso claro.

### **William, Policial**

Queria perguntar um negócio pro senhor. O senhor pega o carro, dirige?

**Kaique, morador de comunidade**

Dirijo.

**William, Policial**

Quando o senhor conhece um trânsito de uma cidade, tem locais que são mais perigosos, tem cruzamentos as vezes que não têm o sinal de parar, que o senhor dirige com mais cautela, vira e fala assim “bom, aqui pode acontecer algum tipo de acidente”...

**Kaique, morador de comunidade**

*(Interrompendo)* Dirijo respeitando as leis de trânsito...

**William, Policial**

Não, não vamos falar de leis de trânsito. *(Tom de irritação)* Questão de senso de motorista. *(Kaique tenta falar alguma coisa ao fundo)*. E digamos que há outros lugares que o senhor sabe “não, aqui é mais tranquilo, essa rua é mais tranquila, aqui eu posso dirigir com mais tranquilidade”. Não existe isso no trânsito?

**Kaique, morador de comunidade**

Sim.

**William, Policial**

Assim também é a polícia militar. Você falou no início, né, por trás da farda nós somos um ser humano também né, nós temos família, filhos. E a probabilidade de ter algum tipo de confronto com quem está em desacordo com a lei às vezes no aglomerado é maior do que em outro local. Isso não quer dizer que o policial militar que está com arma em punho, que é um policial preparado, que trabalha com uma arma – eu trabalho com uma arma, e sei manusear ela - não quer dizer que esse policial que está com a arma em punho vai maltratar o cidadão de bem que trabalha, que acorda às quatro da manhã, na comunidade. Só que a probabilidade de entrar em um confronto ali é maior do que em algumas outras áreas. Não quer dizer que no São Bento é tranquilo, mas a probabilidade aqui é bem maior, infelizmente, do que no São Bento. Ou seja, ele faz isso pela própria segurança dele. Porque o conforto pode ser imediato, sem aviso. Da mesma forma que o senhor sabe que em alguns lugares é mais perigoso e o senhor tem que dirigir com mais cautela, o policial militar também, em um lugar que ele pode ter um confronto, ele vai trabalhar com maior cautela, mais preparação do que em outros locais, entendeu? Às vezes pode acontecer que em outro local ele seja pego desprevenido, mas a conduta dele em tratar a comunidade é diferente. Eu trabalho no aglomerado e eu trabalho no centro também. Ou a minha arma fica no ponto ou fica na mão. Eu já tive troca de tiro, já vi colega meu morrer e eu não quero isso nem pra mim e nem pra minha família. Eu sou um cidadão de bem também e também pago meus impostos. Eu percebo que noventa por cento do problema da comunidade não é polícia militar. Eu fico às vezes esperançoso porque eu só estou vendo a polícia militar dos órgãos do governo aqui. Aqui faltou infra-estrutura, saneamento básico, transporte, moradia. Lá na Vila Pinho, eu vou usar uma expressão, peço desculpa pra vocês: o cidadão acorda e tem bosta na porta de casa. Não tem saneamento. Então eu vejo que se todos os órgãos do Estado atuar de maneira efetiva, a polícia militar vai ser simplesmente mais um pequeno órgão de toda grandeza que é o Estado. Porque o nosso serviço de perícia é a retenção qualificada e a prevenção. Não tem como mudar isso.

Mas, onde que esta o problema? O único órgão do Estado que chega dentro dessas comunidades é a Polícia Militar. O nosso trabalho não é fazer moradia para o cidadão, o nosso trabalho não é trazer mobilidade urbana, não é trazer escola, não é trazer saneamento básico, nem transporte. O nosso trabalho constitucional é a retenção qualificada e a prevenção. Policiamento ostensivo. Só que a polícia militar está tentando abraçar isso também porque ele é o primeiro órgão do estado que tem a possibilidade de ter uma conversa que a gente tá tendo aqui hoje.

### **Guilherme, Policial**

Só vou pontuar uma coisa muito interessante, tem um poeta moderno, é até um narrador de rodeio, ex-policial militar, e ele diz assim – e isso é um sentimento que está dentro do meu coração: “se nós pudéssemos trocar nossas armas por um dicionário nós trocaríamos só pra ter a certeza de voltar pra casa”. Se eu tivesse certeza, Moderadora, que se eu falasse aqui assim “tira seu carro daqui e põe ali” e eu tivesse certeza que você iria colocar, eu não trabalhava nem de canivete na mão. Nós somos pai de família e nós valorizamos a vida. Valorizamos a vida. E quando nós falamos de sociedade, Kaique, eu estou nessa sociedade. Quando eu saio da minha casa com a minha família, eu quero a mesma coisa que você quer com a sociedade, eu espero da polícia a mesma coisa que você espera. Então, essa visão da polícia como algo que está acima, não, nós somos homens e mulheres e pais de família e queremos a mesma coisa como cidadão. Por isso eu falo, e eu falo com sinceridade, se pudéssemos sair de casa desarmados com a certeza de que a farda iria resolver os problemas de polícia, nós não trabalharíamos nem armados. Então a arma, pra nós, ela é simplesmente um instrumento pra nossa defesa. Não é algo para que seja perseguido. Você pode falar assim pra mim “Ah, mas nem todo mundo pensa assim”, é verdade. Tem alguns meninos que ainda precisam evoluir profissionalmente; e é isso que a gente busca, e é esse o meu papel e o papel do sargento, de trazer pra eles o conhecimento, porque o conhecimento é mais do que informação. É informação aliada à prática que produz o conhecimento. E o conhecimento a gente passa com o tempo. Então se essas coisas acontecerem pontualmente, nós vamos delimitando, vamos delimitando: “olha, essa postura não é a correta”. Nós estávamos conversando sobre isso ali embaixo agora, né, Miguel? Aí é que precisa, Kaique, dessa liberdade, de você procurar me procurar “ô tenente, pessoal aqui tá trabalhando desse e desse jeito”. Se eu achar que está correto eu vou explicar pra você porque está correto e se eu achar que está errado eu vou explicar pra você porque está errado, eu vou chamar e falar com os policiais e vou orientá-los. Mas eu gostaria de deixar essa certeza pra vocês aqui enquanto comunidade e para os pesquisadores: existe na polícia militar um desejo de paz. Um desejo de paz. Eu numa palestra disse assim: “Ninguém fala com tanta prioridade de paz do que aqueles que conhecem as mazelas da guerra” e nós conhecemos de perto. Eu já pessoas, Kaique... Vi meninos que eu vi nascer e chegar aos treze, quatorze anos e morrer vítima de homicídio por causa de tráfico. Nós temos pessoas que foram crescendo, entraram pro tráfico, saíram do tráfico e tem o maior respeito – “ô seu Virgílio, eu estou tranquilo agora, estou de boa” e essa coisa toda porque achou outro caminho. Pra nós não tem coisa melhor. Nós temos dentro da comunidade pessoas que são artistas de renome e que nasceram lá no meio. Renegado, por exemplo, no Alto Vera Cruz. Renegado é reconhecido nacionalmente, mas nasceu ali e tem maior respeito conosco e nós temos com ele também. Então a minha fala, Kaique, não é de falar “ah nós estamos certos”, não, não é isso. Existe aquilo que é equivocado e nós estamos aqui pra corrigir. Aquilo que é equivocado que se corrija. Mas o que é o correto precisa se explicar também que é o correto, é uma postura correta, não é implicância do policial militar com a comunidade. Mas é porque

existe uma realidade dentro das comunidades que a gente não pode fugir dela também. A gente não pode fugir, porque existe o trafico, existe a violência, e tem pessoas armadas andando dentro dos aglomerados, e que ao encontrar com a polícia vai haver um tipo de reação. Pode haver - e geralmente eu discordo na realidade – mas pode haver uma reação - e é por isso que o policial às vezes, perdão se estou me alongando, mas é porque eu preciso deixar claro algumas coisas pra comunidade - é por isso que o policial as vezes está com a arma na mão: pra antecipar uma ação contra a vida dele. Basicamente é isso sim. Mas se existe erro, ô Kaique, é bom a gente conversar. É conversando que a gente vai se acertar. Eu tive a oportunidade, Moderadora, de parar um cidadão na rua, eu abordei ele e ele “precisa me abordar com arma?”. Eu entendi que ele na verdade estava com dúvida. Eu parei cinco minutos, tirei aqui, coloquei, disse assim: “meu irmão pega essa sua carteira que você ta com ela e coloca ela na mão. Tá. Agora coloca na cintura. Eu vou te abordar, finge que isso é uma arma. Até eu tirar minha arma da cintura, ó, você já me atirou. Agora eu vou fazer diferente, ó, minha arma ta vazia, ó, não tem nada, vou segurar ela na mão. Põe a carteira na cintura.” Sinceramente, no meio da rua! “Põe a mão na carteira e tenta tirar.” Na hora que ele tentou tirar eu falei assim “larga. Tá vendo? Eu ganhei um tempo na sua frente”. Só basicamente isso, pra mim deixar só mais isso. E desculpe as minhas intervenções, mas é que a polícia precisa muito ser explicada e às vezes a gente não tem esse tempo, sabe, Moderadora, então por isso que às vezes minha intervenção de alonga um pouco, mas é nesse sentido, vocês me perdoem. *(Em algumas partes em referencia a paz, diz essa palavra lentamente e com um tom de emoção)*

## **Grupo 4 de policiais e moradores de comunidade brasileiros**

### **Participantes**

**Michel**, Policial, 24 anos, ensino superior incompleto

**Gustavo**, Policial, 41 anos, ensino médio incompleto

**Cynthia**, Policial, 33 anos, ensino médio completo

**Thiego**, adolescente, 19 anos ensino médio incompleto

**Cibele**, adolescente, 17 anos, ensino médio incompleto

**Yago**, adolescente, 15 anos, ensino médio incompleto

**Thaiane**, adolescente, 18 anos, ensino médio completo

**Nathália**, adolescente, 16 anos, ensino médio incompleto

**Eric**, adolescente, 15 anos, ensino médio incompleto

**Isadora**, moradora de comunidade, 76 anos, ensino médio incompleto

**Margarida**, moradora de comunidade, 47 anos, ensino médio completo

**Milena**, moradora de comunidade, 43 anos, ensino médio completo

### **Moderador**

Como vocês acham que pode ser construída essa cultura de paz entre policia e comunidade? Como vocês acham que é a relação entre a policia e a comunidade? Vocês até já estavam mencionando algumas coisas...

### **Gustavo, Policial**

Gostaria de começar dizendo queria assim principalmente direcionar a comunidade que a polícia militar hoje, ela é muito sobrecarregada, existe um órgão da Sefa, existe o IBAMA, existe a 192, existe os Diretos Humanos, existe todos os órgãos mas toda e



qualquer coisa a sociedade acha que é a polícia militar que tem que resolver. Eu até estava comentando com este rapaz aqui que eu era soldado, aí veja bem, foi até uma coisa boa que aconteceu na minha vida mas vejam só, eu era soldado estava ali no canto da Presidente Vargas, aí um belo dia estava uma pessoa morrendo afogada lá na baía do Guajará, era dez horas da noite...veja bem, segurança da Estação das Docas, guarda portuário, taxista e várias pessoas que estavam lá, adivinha o que eles foram fazer, eles correram até a Presidente Vargas pra chamar dois policiais que estavam lá, o guarda portuário e o segurança estavam vendo a pessoa morrer, aí eu tirei o meu cinto de guarnição e me joguei na baía do Guajará dez horas da noite, daí tem algumas coisas né pertinente no nosso regulamento que me agraciou que eu extrapolando meu deveres funcionais que não era minha obrigação mas eu fui fazer aí me fizeram lá um relatório um levantamento e fui promovido a cabo por ato de bravura, né? Hoje eu sou sargento mas a minha história como cabo foi essa. Então, nos somos muito exigidos pela sociedade mas na minha opinião a gente ainda não foi reconhecido dignamente pelos governos. Mas a gente é muito cobrado então, uma coisa que eu queria dizer pra vocês é que chega uma hora que o policial acaba sendo ignorante certas vezes involuntariamente ou sobrecarregadamente as vezes a sociedade ela não entende isso, porque toda e qualquer coisa e a gente que tem que dar conta, e não é assim, a gente tem que saber chegar com as pessoas e dizer “por favor, o que é que dá pro senhor fazer?”. Muitas das vezes o nosso apoio não é ir lá e resolver aquela coisa, muitas aquilo não é função minha mas a pessoa quer que faça, que eu atue, que eu leve, então a sociedade tem que entender que não é missão nossa, tipo, é escroto ver um parente seu morrendo, baleado, ou então ferido gravemente por um automóvel aí a pessoa pede “tira, tira, leva daqui, socorre” mas não é função nossa, a gente tem que passar adiante, chamar o resgate, fazer o negócio certo. Então assim o que eu tô direcionando pra vocês é uma ramificação que eu poderia falar aqui a noite toda e a tarde toda.

### **Cynthia, Policial**

Eu acho né, que já mudou muita coisa na relação da polícia com a comunidade hoje em dia, a gente vê que a comunidade entende bem mais do que antes, mas tem coisas como o sargento falou hoje mesmo lá na seccionalo policial estava fazendo o relatório de ocorrências, e é isso mesmo que ele falou, o policial resolve até briga de cachorro e tá lá na ocorrência mesmo, que chamaram a polícia pra resolver a briga dos dois cachorros lá deles só entendendo que a gente é apenas mais um órgão que tá ali sim próximo a comunidade mas nem tudo a gente pode resolver. Quanto a comunidade vê dessa forma, eu acho que tem alguns policiais entenderem que a polícia é o que tá mais próximo da comunidade, e por isso que tem essa cobrança também. Tem esse desacordo de ideia que a comunidade pensa que tudo a gente resolve e a gente sabe que nem todos os problemas a gente pode resolver mas eu ainda entendo que o fato da comunidade querer isso, a polícia, é porque é o órgão mais próximo da comunidade e acaba que sobrecarrega mesmo, né? Enfim não é nossa culpa, mas é isso.

### **Moderador**

Como pode ser construída uma cultura de paz entre polícia e comunidade?

### **Cibele, adolescente**

Eu acho que depende da formação, do pensamento da pessoa, como ela vê, eu tenho uns amigos que acham que policial é a parte mal, violento, bate nos adolescentes não sei o que, aí eu fiquei tipo, ah não para, porque a polícia tá ali pra promover a tua segurança, um órgão do bem, eu fiz até uma redação onde eu expliquei tudinho a comunidade fala

e tu acabas absorvendo sem parar pra pensar, sem tirar a tua opinião e ver se essa opinião e certa então isso vai muito do que a sociedade joga pra ti.

### **Moderador**

E pra vocês como pode ser construída uma cultura de paz entre policia e comunidade?

### **Margarida, moradora de comunidade**

Tem muito da família, a cultura de paz. Dar uma educação melhor para os seus filhos porque se uma família educar uma criança pra não ir pro caminho do mal daí não tem como ter um caminho do mal porque a família está educando em um caminho do bem o seu filho. Acho que depende também da família.

### **Gustavo, Policial**

Como a senhora falou, o caminho, a base, é igual a construir uma casa, o alicerce de uma casa, pro que a gente quer aqui é a educação, tanto que a se a senhora fizer a sua parte ali, o marido fizer a parte dele educando aquele jovem, a gente não quer dizer que aquele jovem não vá cometer uma infração, sei lá porque uma infração ou uma contravenção é diferente, a gente já vai acolher, a gente vai abraçar um garoto desse e dizer não pera ai calma, esse garoto aqui tem que ser um pouco mais instruído talvez os pais dele não tocaram nesse assunto aqui, talvez ele não saiba o que pode prejudicar ele futuramente com relação a concurso público, na escola dele...eu acho que o primeiro impacto, não, “ah tu estas preso” não é isso, a polícia também orienta, ela conversa entendeu? Mas a gente também já é um braço pra uma orientação, a educação, tem que vir de casa, ela não pode partir da gente, eu discordo disso, hoje em dia, um policial que bate em uma pessoa, em um vagabundo, em um adolescente, ele tá baixando o nível dele, não cabe mais isso, ele vai educar com uma porrada ? Vai educar espancando? Não, ou tu estás preso ou ainda cabe uma orientação ou ainda cabe levar ali pra uma Funcap pra ele ser melhor orientado? Não tem isso. Não cabe mais um outro tipo repressão ou aquele tipo de hoje em dia a gente ainda é acionado pela sociedade pra dizer “olha vai ali e dá um susto no meu filho” entendeu?. Não cabe mas isso, quer dizer que você não deu educação por seu filho e eu que tenho que assustar ele? Não, eu acho assim que a sociedade tem que estar atenta se o garoto procurar saber o que pode prejudicar ele, ao longo do tempo, a nossa experiência como pai e mãe, a gente tem que estar inteirado pra ir ali ó, isso aqui pode se transformar nisso, dar orientações, as orientações dizendo o que é certo o que é errado, dizendo que um cachorro na delegacia ali tem mais dignidade do que um cara que está preso. Tem gente que tá fazendo e acontecendo aí fora mas ainda não caiu a tempo, o negócio numa cadeia é feio, fora as rebeliões, tem muita coisa aí que é complicado, o jovem tem quer ser orientado alí todos os dias. Hoje eu vou falar disso, “oi, fulano, tu vais pra escola né, então atenta nisso, tu vais trabalhar ne, atente pra isso aqui”, é orientação todos os dias não custa nada. Uma palavra amiga todos os dias.

### **Moderador**

Quais são as situações, assim em termo de segurança que vocês enfrentam aqui no Guamá?

### **Cibele, adolescente**

Segurança ou insegurança? (risos) Constantemente é muita briga, são sempre as mesmas pessoas que também estão envolvidas no mundo do tráfico, sem querer desmerecer vocês, mas ali na rua tem muitos jovens até crianças que roubam que fumam, não

querendo desmerecer vocês, eu só não me sinto tão insegura porque eu moro ali, por que eles me conhecem mas por outro lado eles podem dizer, essa menina faz isso e isso esse horário, ou podem mandar outras pessoas fazerem, então ou a gente fica só em casa ou fica sem saber se tu vais voltar de onde tu foi.

### **Cynthia, Policial**

Eu acho complicado falar do bairro do Guamá da questão da insegurança, porque eu moro em outro bairro, já fui a outros bairros, mas não é porque eu trabalho aqui, já morei em outros bairros também, mas eu vejo que o policiamento do Guamá, Terra Firme, não é um mau policiamento, eu vejo muita polícia, muita viatura a frente de outros bairros, aí, mas realmente não tem como, não tem como ainda, é muito populoso, tem muito problema social, é muito difícil, a gente vê muita viatura na rua, tenta um pouco diminuir a violência, mas a gente não consegue abraçar tudo de uma vez. E no dia que a comunidade entender isso, a gente tá fazendo o nosso trabalho mas não dá conta. Porque não é só questão da segurança, tem outros fatores antes disso, tem questão da educação, da moradia, do desemprego e aí acaba tendo essas consequências. A situação do Guamá é difícil.

### **Gustavo, Policial**

Vocês querem um outro exemplo bem claro pra que a sociedade entenda mais ainda o que a gente passa? Por exemplo, um comandante, a nível alto, estava querendo fazer uma pesquisa pra nivelar, pra ver como está o índice de aproveitamento entre a polícia militar, a polícia civil, enfim de aproveitamento nosso no geral, pra ver se esse ano tá prendendo mais ou prendendo menos, com relação ao ano passado, com relação ao mês do ano passado, com relação a mês desse ano, aí eu digo mas pera aí, eu acho que está faltando mais órgão aí pra entrar nessa reunião, como eu falei, porque pera aí, quer dizer que eu sou policial militar, ano passado, eu prendi gente pra caramba, mas quantos o juiz colocou nas ruas pro dia das mães, de natal. Quer dizer que simplesmente eu tô suando a camisa aqui, policia militar, policia civil, outros órgãos ai, “ah porque o índice de violência não abaixa”, por que não abaixa? Quer dizer que quando chega dia das mães, final do ano, o cara que tá matando, roubando, tem o mesmo direito de ser liberado seiscentos, pra vir perturbar de novo a sociedade? E se de novo vai ter um índice elevado no final do ano, os culpados somos nós. O juiz que está assinando a liberação de seiscentos perto do Natal não tem culpa, a culpa é da policia militar, da policia civil... Tá certo!

### **Gustavo, Policial**

É porque eles sabem que o que eu tô falando é verdade. A gente prende muito e eles sabem disso.

### **Milena, moradora de comunidade**

Mas isso é verdade mesmo

### **Isadora, moradora de comunidade**

Eu tenho um neto que foi preso no dia do Círio, estava em São Braz e a gente não sabe o que estava fazendo, coisa boa não era não, porque a gente ainda não foi lá, ainda não conseguimos. Já pegaram ele fazendo ligação, aí transferiram lá pra Marambaia, lá ele tá. Eles falam a senhora que é a avó dê o dinheiro pra tirar ele de lá. Só eu? Vou dar o meu dinheiro pra tirar ele de lá e ele vai fazer de novo o que não deve, parece que eu gosto mais dele do que a mãe dele, a irmã dele disse pra mãe, “poxa, mas vocês também

não querem ajudar” e a mãe dele disse “ah, o deixa ficar pra lá pra aprender!”, porque se ele tivesse trabalhando ai com o pessoal, fazendo alguma coisa boa, ele não estaria lá.

### **Thiego, Policial**

Como o sargento falou tipo, eles prendem, o juiz vai e solta. Isso é até perigoso pra eles que estão na rua. Tipo o vagabundo vai e eles prendem, o juiz vai solta e eles tentam se vingar neles, é a até perigoso isso pra profissão, é uma profissão muito arriscada e infelizmente o governo não paga o que a profissão merece.

### **Cibele, adolescente**

E também dizem que hoje muitos policiais pagam com a vida, o seu próprio trabalho que escolheu pra si, às vezes, eles acabam pagando com a vida.

### **Gustavo, Policial**

Uma coisa que eu queria deixar bem claro, parece que a gente já esta bem avançado, uma tecnologia ótima, mas parece que ainda não atentou, não é preciso você se identificar, bora falar a grosso modo, a gente não tem bola de cristal, a gente precisa do apoio da comunidade, como? Denunciando e denunciando não é se expondo porque a gente sabe que eles estão correndo os mesmo riscos que a gente quando a gente prende o juiz solta e eles quando denunciam diretamente pra gente, quando eles aparecem porque “ah eu denunciei, ele vai prender, daqui a duas semanas, o juiz solta”, as vezes, eu ate entendo porque a sociedade não colabora mais ainda com a gente, porque eles sabem da impunidade. Eles sabem que daqui a um mês, ou até menos, dois, três meses, o culpado vai tá solto, mas eu volto a dizer, a gente não pode perder a esperança, existem as denuncias anônimas que vocês continuam tendo acesso para colaborar com a gente. Mas eu até entendo pessoas que não vão dar a cara a tapa pra denunciar, a grosso modo, porque eles não tem mais confiança no sistema. Eles sabem que pode ter represália. Não é isso?

### **Cynthia, Policial**

Pior com a questão da maioria porque um menino de 12 anos assaltando ônibus e a gente não pode fazer, a gente vai lá pega mesmo, mas e ai qual a pena dessa criança? Criança mesmo de 12 anos, mas a gente não pode fazer, qual é a situação e aí dessa criança, porque é uma criança, mesmo armados, a gente sabe que aquela criança ali tá quase perdida. Dificilmente vai ter um retorno pra elas justamente pela questão social...

### **Gustavo, Policial**

Eu vou dizer uma coisa que vocês vão até se espantar, eu não concordo com a diminuição da maioria. Nos Estados Unidos, o maior de idade continua sendo maior de idade e o menor de idade continua sendo menor de idade, sendo que lá a peia em menor funciona, menor cumpre porrada(tempo) de cadeia que funciona, em regime fechado, em colégio interno, então por que que eu não aceito? Não concordo? Porque tem outros casos, com relação a idade pra adultos, tem outros caso que não convém. Um garoto de 16 anos fazer as atribuições de um adulto, isso não quer dizer que ele não tenha responsabilidade pros outros atos, entendeu? Eu querer que um garoto de 16 anos vá se expor numas forças armadas, fazer os esforços que a gente que fazer na idade adulta, ah é uma coisa, eu não aceito isso, eu não quero, o jovem tem que decidir, porque se diminuir vai ter que acompanhar, é por isso que eu não concordo com a diminuição da maioria, o que tem que acontecer são as leis serem mais rígidas para os menores de idade. Então não é fácil, hoje eu chego com um menor de idade com um

38 maior do que o meu, simplesmente no outro dia ele é liberado, com presença dos pais, muitas das vezes porque ele é réu primário, porque tem residência fixa. Enfim, é muito fácil.

**Moderador**

Então, gente, como pode ser construída uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?

**Eric, adolescente**

Pode repetir a pergunta?

**Moderador**

Como vocês acham que pode ser construída uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?

**Eric, adolescente**

Eu acho que mais comunicação, mais conversa entre os policiais e a comunidade, porque às vezes é só falta de conversa, porque tipo assim um exemplo, tipo o policial chega lá de uma hora pra outra, dizer uma coisa que não é, aí tipo tem que ter aquela conversa, “como foi? Como aconteceu isso?”. Acho que é mais falta de comunicação mesmo.

**Margarida, moradora de comunidade**

A bandidagem tá solta por aí...

**Eric, adolescente**

“É muito bandido, pouco policial, às vezes acontece de que tem muito jovem que fala que vai ser policial, mas quando vê um policial sendo morto fala “égua” [gíria] eu não vou ser mais policial, porque ele morreu lá.”.

**Gustavo, Policial**

Aqui é o bairro mais populoso de Belém salvo engano acho que é o mais populoso de Belém, então a comunidade tem que investir mais em projetos culturais, educacionais pra combater essa praga que tá se proliferando aí de festa de aparelhagem [festa comum nas periferias de Belém], disso e daquilo porque o jovem tem que entender a questão da educação porque se o jovem for por esse lado, só festa, só farra, o que vai acontecer? Quanto mais baderna, mais trabalho pra nós, quanto mais educação, mais espaço pra gente conviver melhor, porque como o jovem falou aqui, vai abrir espaço pra mais diálogo porque tu só vaister algumas contravenções, infrações, vai haver menos crime, porque a população vai ser mais educada, tem que preencher espaço com a cultura, quando for mais tarde, a noite ou de tarde, na sala de aula, tem que dar ocupação sadia pros jovens, se não vão continuar dando trabalho pra gente na rua.

**Moderador**

Me digam uma coisa vocês acham que faz diferença a cor da pele em relação a abordagem do policial?

**Cynthia, Policial**

Depende, do polícia, não é só a cor da pele, questão de vestimentas também, tem policia que vai nessa.

**Gustavo, Policial**

Não, faça uma outra pergunta, pergunte se a gente faz discriminação.

**Moderador**

Você que tá falando.

**Gustavo, Policial**

Não, mas pergunte porque eu vou lhe dizer que a gente é sim discriminador.

**Cynthia, Policial**

Mas eu posso fazer uma pergunta, eu policial para a comunidade? Porque tem dois irmãos meus que dizem ah vocês só abordam fulano assim e assado. Se você tá vindo numa rua, vem vindo uma pessoa, um rapaz com um livro, uma mochila na costa, bem vestido, nem questão da cor da pele, questão mesmo da discriminação, e tá vindo um com luzes, brinco, tatuagem, bermudão, andando daquele jeito que a gente conhece, você vai ficar com medo de quem nessa situação, vai pensar que será assaltado por quem? Acha que vai ser assaltado por quem, vai mudar pra que lado? Vai entrar em qual rua?

**Gustavo, Policial**

Se a senhora for ver hoje não cabe mais falar em cor da pele, hoje cabe mais falar de que tipo de ambiente tu estás frequentando, a cor da tua pele não nos interessa mais, há muito tempo que eu acho que isso não cabe mais, mas assim se tu estás saindo da igreja ou de um aniversário a probabilidade de eu te abordar é muito menor de tu estares saindo de uma festa, de um Super Pop [festa comum nas periferias de Belém] duma... Vocês entenderam... Ah mas é discriminação, pois eu digo que é discriminação sim, eu tenho que dar a César o que é de César.

**Cynthia, Policial**

E a comunidade entende.

**Gustavo, Policial**

A comunidade pede isso pra gente

**Cynthia, Policial**

Entra no ônibus um rapaz assim assado ou uma menina assim assada, ligam pra polícia dizendo que tem um suspeito no ônibus, não vai ser aquela pessoa que vai ser o suspeito, pode até ser que aquela pessoa faça um assalto, mas dificilmente ela vai ser suspeita.

**Gustavo, Policial**

A gente tem que errar pra menos e não pra mais.

**Eric, adolescente**

Eu acho que o que eles falam realmente é verdade, se um cara anda na rua todo meio despintado (gíria para homem malandro), como falam né, todo meio malandrão e ou outro mais comportado, provavelmente a policia vai parar aquele menino que tá

andando de uma forma suspeito que não era pra ele tá andando, tipo tatuagem não tem não tenho tatuagem.

### **Gustavo, Policial**

Posso dar uma dica pra vocês jovens? Andem com os documentos de vocês. Bora falar a verdade, ainda existe muito policial truculento, mas tu queres ver tu acabar a ignorância dele pelo menos pela metade? Eu vou falar por mim, eu vou dizer, encosta na parede abordagem de rotina, eu não tô te ofendendo mas eu tô falando sério, num tom pra ti entender o que eu quero, com uma dicção. Ai, tu diz assim, tudo bem, seu policial, é na viatura ou na parede? É na parede. Aí tu dizes assim, olha se o senhor quiser a minha identidade tá bem aqui, mas tu não pegas, porque até pra ser abordado tu tens que saber ser abordado, não pegue em nada, nem no seu bolso nem na sua cintura, vá e diga “meu documento tá no meu bolso, o senhor quer que eu pegue?” Égua jogador (gíria) tu já me quebraste em 50% porque eu vou pensar, “era pra eu ter abordado aquele ali, esse aqui tá todo documentado”. Eu já vou te abordar rápido e já vou te liberar porque eu quero pegar o outro lá na frente. Porque o cara que é mal intencionado não quer ser identificado. Isso é uma dica para vocês divulgarem.

### **Moderador**

Essa primeira parte da conversa é assim mesmo, a gente faz as perguntas e vocês respondem como vocês acharem melhor, depois a gente vai pra uma segunda parte, eu faço mais perguntas, e eu participo mais da conversa, mas pra encerrar essa primeira parte a gente já tá acabando, eu queria só repetir a pergunta principal e queria que vocês ficassem a vontade para participar. Como pode ser construída uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade? Depois de tudo isso que a gente conversou como é que vocês respondem essa pergunta. Como pode ser construída uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?

### **Margarida, moradora de comunidade**

Através da educação, a família procura ir para as baladas, e leva o filho, o filho de menor, e aquele filho vai crescer nesse ritmo de querer saber de balada. Tá se espelhando no pai e na mãe que tá nesse ritmo. Se a mãe dá uma educação que não seja pra ele seguir isso, ele não vai seguir, ele não vai procurar briga entre a comunidade e a polícia, então eu acho que através da educação, também tem como ele disse tem bandido que fica bem vestido, mas as aparências enganam porque bandido hoje se veste melhor que uma pessoa de bem pra polícia não achar que ele é bandido.

### **Milena, moradora de comunidade**

Eu acho que tem que ter mais envolvimento com a cultura, os pais levando seus filhos adolescentes pro lado da cultura, porque aqui nós temos muitas culturas, tem o boi bumbá, tem quadrilha, tem forró, tem carimbó, tem tudo isso, então envolvendo com essa cultura, deixando essa cultura de aparelhagem (festas das periferias de Belém) porque pra mim isso não é cultura, essas coisas, essas baladas mais quentes, acho que aí diminuiria muito a violência.

### **Gustavo, Policial**

A gente até agradece porque já deu pra perceber que a comunidade já entende um pouco da dificuldade que a gente tem, eles sabem que tudo pode ser melhorado, equacionado, ir pra um nível melhor, de acordo com que as coisas vão acontecendo, quando eu entrei

pra polícia, faz pouco tempo,tenho questão de cinco anos na policia, eu tenho 21 anos, mas os mais velhos que estavam saindo, diziam que para entrar na policia o cara ia passando na frente do quartel e dizia “ei, vem cá, não quer ser polícia?”, isso quer dizer pra mim, que a sociedade pagou o preço dela, por muitos anos, até por questão de ditadura, questão de muita coisa que hoje não cabe mais, qualquer policial hoje já tem uma faculdade, se vocês forem analisar o policial também tá fazendo a sua parte. É uma questão de sempre estar melhor, mas a sociedade tem que nos ajudar através da educação. Esse é o caminho.

**Cynthia, Policial**

Eu acho que é os dois lados entenderem que tem suas dificuldades mas mesmo assim se ajudarem, a comunidade tem dificuldade, tem as questões sociais e a policia tem dificuldade também mas quando os dois entenderem isso e se ajudarem.

**Margarida, moradora de comunidade**

Também a comunidade ajudando a polícia no caso assim de roubo porque as vezes a gente é roubado por um celular e a pessoa acha que é coisa boba e não vai registrar um BO, se a gente toda vez for roubada e colocar um BO a policia tem como averiguar mais o bairro, tendo esse BO que nós comunidade estamos denunciando.

**Gustavo, Policial**

Através das estatísticas né senhora? Isso mesmo muito bem.

**Margarida, moradora de comunidade**

É porque a gente acha que é coisa pouca e não vai registrar BO e fica por isso mesmo.

**Gustavo, Policial**

Chega de impunidade, chega de não denunciar, chega. Né isso?

**Milena, moradora de comunidade**

Porque muitas das vezes as pessoas pensam que não vai dar em nada.

**Margarida, moradora de comunidade**

Mas se enganam.

**Grupo 5 de policiais e moradores de comunidade brasileiros**

**Participantes**

**Ricardo**, Policial, 36 anos, ensino superior completo.

**Roberto**, Policial, 30 anos, ensino médio completo.

**Eduardo**, Policial, 31 anos, ensino médio completo.

**Carolina**, adolescente, 14 anos, ensino médio incompleto.

**Larissa**, adolescente, 19 anos, ensino médio incompleto.

**Juliana**, adolescente, 16 anos, ensino médio incompleto.

**Fábio**, adolescente, 15 anos, ensino médio incompleto.

**Lucas**, adolescente, 14 anos, ensino médio incompleto.

**Sandra**, moradora de comunidade, 69 anos, ensino médio incompleto.

**Mônica**, moradora de comunidade, 64 anos, ensino médio incompleto.



**Moderador**

Bom, a pergunta principal desse nosso primeiro momento é “como construir uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?”.

**Ricardo, Policial**

Minha opinião é, eu vejo assim, a gente fala muito em educação. Claro tem que haver educação, de uma maneira geral, nós somos representantes do estado, e tenho costume dizer que o tratamento é de acordo com o cliente. Eu sempre falo isso, então, eu sei ser muito educado quando as pessoas são educadas e sei, também, ser mais enérgico quando a pessoa é mal educada. Então eu acho assim tem que ter educação de todos os lados né? Mas claro que existem inúmeras outras ações que devem ser implementadas pra que se alcance essa paz tão almejada por todos.

**Carolina, adolescente**

Você poderia fazer a pergunta de novo?

**Moderador**

Como construir uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?

**Carolina, adolescente**

É pra dar sua opinião de como poderia fazer né?

**Moderador**

É.

**Carolina, adolescente**

Tipo assim, as pessoas elas, a comunidade lógico, ela tipo assim... elas só sabem falar mal do policiamento, que são grosseiros, mas tipo assim, a sociedade fala mas não vê o sacrifício que eles fazem toda noite, né? Ai eu acho que assim, falta a comunidade se comunicar com os policiais, quando eles pararem assim, cada comunidade vire falarem, se comunicar com eles. Porque eu acho que falta mais comunicação entre eles. Porque se tiver comunicação, perfeito eles vão ficar mais tranquilos com a segurança.

**Roberto, Policial**

Por ser policial tem também a interação da comunidade com a polícia para tentar quebrar essa barreira né? Que policial só serve pra reprimir por que todos nós somos seres humanos, né? Temos nossos sentimentos e a sociedade não vê isso, só vê como a mão de força do estado, a repressão e cria essa barreira entendeu? Eu acredito que através da interação como tá tendo agora, vejo que nenhuma criança dessas aqui presentes teve contato tão próximo com um policial militar assim.

**Carolina, adolescente**

Verdade, tipo assim os meninos chegaram e falaram “Oh, olha ali policial, ah não, não quero mais”.

**Larissa, adolescente**

Tão com medo de quem hein?

**Carolina, adolescente**

Tão com medo de quê gente, só...

**Ricardo, Policial**

Muitas vezes existe uma certa repulsa né? Até porque nós temos essa característica. Geralmente atuamos pra repelir uma conduta inadequada de alguém e ninguém gosta de ser reprimido. Muitas vezes até mesmo estando errado não gosta, então a gente acaba muitas vezes mal interpretado, vamos dizer assim, por agir dessa forma que é nosso trabalho e são muitas vezes incompreendidos, nesse sentido, e acho que não é por aí quando tem essa interação já algum tempo o estado vem implementando ações políticas de Estado no sentido de fazer essa aproximação entre as policias e a comunidades um deles por exemplo é a própria unidade integrada ProPaz<sup>3</sup>, que já existem varias no estado, não estou defendendo bandeira politica nenhuma, eu defendo a sociedade de maneira geral, são projetos assim muito bons que agrega policia militar, corpo de bombeiros, policia civil, comunidade que está lá presente com cursos. Tem uma ocupação como falou a Carolina e tirando muitas vezes esses jovens, essas crianças que estão ali numa situação de abandono, de falta de assistência do estado essas coisas todas.

**Moderador**

Aqui no Guamá como é essa relação entre policia e comunidade?

**Larissa, adolescente**

É muito difícil.

**Carolina, adolescente**

Não é muito boa, não é.

**Larissa, adolescente**

É péssima.

**Carolina, adolescente**

Nossa comunidade não tá lá nota 10. Se fosse pra dar uma nota de 0 a 10 acho que seria só 1. Porque não tem muita comunicação com os policiais.

**Larissa, adolescente**

Eu dava era 0.

**Juliana, adolescente**

Pela comunicação né? Pela comunicação, porque serviço tem. Mas não existe essa interação entre comunidade e policia. Acredito que devia ter mais momentos desse entre sociedade e polícia, tipo, como eu vou entender o que eles querem de mim e o que eu quero deles se não existe esse momento.

**Ricardo, Policial**

O que ela falou muitas vezes a gente realmente... Eu assumi aqui o comando do Guamá em abril e nós implementamos aqui não um serviço novo, mas estatísticas comprovam pra gente que 98% da população e comunidade de bem, são pessoas de bem que vivem na comunidade que não cometem crimes que pagam seus impostos que exercem seus

---

<sup>3</sup>Pro Paz é um programa da secretaria estadual de segurança que fomenta politicas publicas para crianças, jovens e adolescentes.

direitos que cumprem suas obrigações e apenas 2% desse universo que vem a cometer crime e nos voltamos 100% da nossa força operacional pra esse 2%, nós não nos preocupamos com os 98% da comunidade que muitas vezes por falta de uma assistência, de uma conversa, as vezes de um esclarecimento, comete crimes que muitas vezes nem sabe que é crime. Por exemplo, queimar lixo no quintal que incomoda o vizinho da direita e o vizinho da esquerda. Então isso ai é uma contravenção penal e coisa quequase ninguém sabe. Então muitas vezes as pessoas cometem crimes por um desconhecimento apesar de que a lei diz que ninguém pode alegar desconhecimento depois que ela já tá publicada e isso é de muito tempo desde 1940. Então tem todas essas situações realmente essa falta de comunicação ocorre, a gente tem melhorado nisso, eu separei uma equipe minha do policiamento que percorre as escolas, não sei onde esses jovens estudam, não sei se alguma vez essa viatura já esteve lá naquele colégio mas eles tem feito visitas diariamente, claro a gente não consegue cobrir tudo porque a demanda é muito grande, mas gostaríamos de ter policiais em todas as esquinas, mas infelizmente a realidade não é essa. Há uma carência de recursos humanos nós não temos condições de fazer isso. E eu gostaria sempre que a comunidade fosse uma extensão dos nossos braços, nossos olhos e nossas pernas e que eles tão lá onde a gente não alcança eles podem através de alguns instrumentos eles podem sempre melhorar a segurança daquele local. Um exemplo aqui a Carolina mora na lá [rua. Nome omitido] ela sabe lá quem é o traficante, quem usa droga quem trafica, quem alicia menor, quem explora prostituição, ela sabe, mas nós que não estamos lá, não moramos no local, nós desconhecemos. Então ela com a informação que ela tem ela pode ajudar muito na segurança como muita gente tem ajudado. Pessoas as vezes ligam pro 181 ai chega na tela do meu computador uma denuncia e vamos investigar essa denuncia. Né? E muitas vezes a gente tem êxito consegue pegar drogas, pegar arma então a comunidade precisa se dar conta que ela é importante nesse processo. Porque a lei diz que a segurança publica é dever estado e direito e responsabilidade de todos não é só nosso vocês são instrumentos importantíssimos nesse processo.

*(Discurso feito em tom de esclarecimento, participante sempre se mantém como esclarecedor dos questionamentos em relação a segurança, usa-se de conhecimento especializado e experiência vivida para “liderar” a discussão)*

### **Moderador**

E ai como a gente pode então construir uma cultura de paz entre policia e comunidade?

### **Sandra, moradora de comunidade**

Eu acho que... no que eu vou falar... que tenha mais um pouco de respeito e educação com os policiais que trabalham, porque eu acho assim, os policiais trabalham tanto eles ganham pouco... muitas das vezes antigamente não tinha muito assassinato, hoje em dia de vez em quando tão matando, porque eles são a segurança e ao mesmo tempo não são. Porque ao mesmo tempo eles podem gozarem ter um assassinato por eles não é verdade? Então isso ai eu queria saber porquê? eu tenho um sobrinho que trabalha e ele fala pra mim “tia a gente trabalha e só Deus por nós”... Eles tem que ter uma segurança. Eles trabalham, são pessoas trabalhadoras noite e dia. Então quer dizer tinha que ter uma segurança mas os grandes tem que olhar mais pelo policial ,né?

### **Ricardo, Policial**

Muitas das vezes essa questão, as vezes algumas pessoas tem uma visão, tem gente ate que diz que policia não trabalha né? Equivocadamente, porque a gente trabalha muito então só que a maioria, eu diria assim, 95% das nossas ações não são divulgadas na

imprensa porque a imprensa não quer coisa boa, a imprensa gosta, ela enche o jornal de morte porque é o que vende o jornal, mas geralmente não veicula as ações positivas, boas da polícia. Olha, ontem por exemplo saltaram um mercadinho aqui na Mocajás levaram 15 mil reais do cidadão. Durante a fuga tentaram tomar de assalto um motociclista q estava armado, reagiu e baleou um na perna, mesmo assim continuaram em fuga, aí tomaram de assalto um veículo, um Fox vermelho nos fizemos o cerco já em frente a UFRA pegamos os 15 mil reais uma arma calibre 38 os dois elementos foram presos e 6 aparelhos celulares, mas ninguém soube disso. Então todos os dias nós arriscamos nossas vidas, eu falo isso todo dia pra tropa de manhã que a gente sai pra arriscar a vida de manhã por pessoas que a gente não conhece e que muitas vezes não valorizam nosso trabalho. Que as vezes por ações de desvio de conduta de um ou outro policial e nós somos um universo de quase 20 mil homens, somos sacrificados todos né? E é preciso conhecer realmente o trabalho e essa aqui é uma oportunidade pra conhecer, realmente, o nosso trabalho e ver que não são só coisas negativas. Na verdade são muito mais positivas quase que 100% de coisas boas que a polícia faz e que não se dá valor é a situação dos mil e um erros né? Pode acertar 1000 vezes, mas se errar 1 acabou. Nós precisamos ser perfeitos, mas nós não somos perfeitos porque nós vivemos na comunidade, né?! Nós sentimos cansaço, o sono, fome, choramos, nós temos sentimentos embora nem todos conseguem. somos treinados pra ignorar esses sentimentos mas tem muitos que não conseguem, que se envolvem emocionalmente com a ocorrência no momento as vezes uma morte de uma criança, as vezes se comove mas a gente não pode se emocionar tem que ser de ferro porque a comunidade e a sociedade não aceita. Nós temos que ter defeitos até porque quando erramos nossos erros, geralmente, o nosso erro implica na vida ou liberdade de alguém e esses são os maiores bens jurídicos que uma pessoa possui.

### **Ricardo, Policial**

Podem falar. Fiquem a vontade, não se sintam coagidos, não se preocupem que a gente não vai marcar vocês, a gente sabe que existem muitas deficiências né? Mas vocês podem ter certeza que a gente faz tudo e mais um pouco que a gente pode.

### **Mônica, moradora de comunidade**

Eu me sinto protegida por Deus, Nossa Senhora e depois a polícia que protege o povo nosso também...

*(Interrupção)*

### **Ricardo, Policial**

Os anjos que estão na terra somos nós.

### **Mônica, moradora de comunidade**

É, pois é... primeiramente a Deus nossa senhora e depois vocês que protege. Sempre tem carro de polícia passando na minha rua. Por mais que tenha adolescente que não quer obedecer mãe e avó, mas aí eu tô dando conselho pra eles choro, peço pra eles demais, peço que Deus proteja eles pra tirar desses caminho das drogas que tá horrível né? E vocês tão aí trabalhando, trabalhando mesmo, vocês trabalho muito arriscando a vida de vocês e tudo.

*(Satisfação)*

**Carolina, adolescente**

Eu acho assim que não é o problema da gente não tem como se sentir seguro. Eu acho que não são coisas de vocês, eu acho que a gente precisa de mais, de pessoas no policiamento o pessoal fala mal de vocês porque vocês são só um cada um né? Vocês não podem tá naquele lugar em outro e outro não porque é muito pouco aqui no Pará o policiamento né? Então eles tem que compreender que vocês são só um. Vocês são pessoas não são robôs, que vocês vem assim não que agora que tá chegando eleição vamos ver qual vai ser o governo o roubo, roubo que vai acontecer ...não sei. Acho que assim, se for uma pessoa, assim, chegar e pedir a policia e depois a policia chegar lá e eles vierem com a ignorância pra vocês, errado.

*(Interrupção)*

**Larissa, adolescente**

É porque tem muitos policiais ignorantes quantas e quantas vezes eu já vi na televisão policial batendo em alguém só porque assaltou e eu não acho isso certo.*(Indignação)*

**Ricardo, Policial**

Esse assunto que ela falou ai em relação a isso mais uma fonte aí seria interessante a imprensa tá aqui agora, né? Pra ver essa interação da policia com a comunidade, mas infelizmente nunca tá presente, mas agora vai um policial bater em alguém como ela falou... vai tá sendo filmado vai ter essa barreira, a sociedade não confia, entendeu?!

*(Indignação, mas educado)*

**Carolina, adolescente**

Esse ai tá gravando? Não, é porque eu que tô falando mais.

*(Silêncio e risos)*

**Moderador**

Não, fiquem tranquilos podem falar todo mundo eu só tô gravando porque a gente não vai conseguir guardar tudo de cabeça... as coisas que vocês falaram eu esqueci de avisar vocês no inicio mas não tem problema não.

**Ricardo, Policial**

Se passar mais tarde no Metendo Bronca<sup>4</sup>?

*(Descontração, risos)*

**Moderador**

Não, não vai.

**Carolina, adolescente**

Como ele falou dos policiais que batem, mas eles estão se defendendo ai as pessoas que são grosseiras com eles e as vezes eles não têm paciência. As vezes atacam eles e eles tem que se defender e as pessoas gravam no modo deles se defenderem um dia um parente que é policial, não vou revelar o nome lógico e ele foi controlar um menino que estava usando cola, ai ele foi querer bater nele e ele foi se defender ai um menino que

---

<sup>4</sup>Metendo Bronca programa policial transmitido pela RBA afiliada a rede Bandeirantes.

tava do lado dele gravou. Sendo que ele estava só se defendendo aí isso aí teve um problema, aí depois ficou tudo resolvido, mas acho assim uma parte os policiais perdem a paciência com eles porque eles são muito agitados eles querem bater mesmo eles não respeitam. Eu falo muito. *(Revolta)*

**Larissa, adolescente**

Eu me sinto mais ou menos protegida, mais ou menos. Mas eu me sinto mais ou menos protegida. Por um ponto sim por outro ponto não. Esses dois tão conversando muito acho que eles querem falar... *(Desdém)*

**Moderador**

Vocês se sentem protegidos?

**Alguns**

Nada a declarar.

**Moderador**

Como construir uma cultura de paz entre a polícia e a sociedade?

**Larissa, adolescente**

Com mais educação e com mais comunicação. *(Confiança)*

**Moderador**

Eu tenho uma pergunta pra fazer pra vocês e eu quero que vocês sejam sinceros. Vocês acham que cor da pele faz diferença na abordagem policial? Tipo assim, a abordagem em relação a uma pessoa negra a uma pessoa branca ou a como ela tá vestida isso faz diferença na abordagem policial?

**Eduardo, Policial**

Vou te falar por mim a atitude da pessoa faz com que a gente tenha essa suspeita. Eu sou negro, eu me considero negro e nunca fui discriminado antigamente quando eu não era da polícia eu gostava de rock, andava de preto e nunca fui abordado por um policial por gostar de rock e me vestir como roqueiro. *(Tranquilidade)*

**Larissa, adolescente**

Acho que tem muito a ver com o jeito da pessoa. Assim o modo de se vestir, mas é porque assim tem esses meninos assim tem muitas vezes para as pessoas porque tem tatuagem, eu já vi uma situação dessa só pararam o menino porque ele tinha tatuagem então só pela tatuagem pensa que já é ladrão e pelo jeito de se vestir porque ele se veste todo malandrinho, mas ele não é. *(Contido)*

**Ricardo, Policial**

Aí ela cria essa ideia de que a pessoa se veste como malandro entendeu?! Cada um se veste como quer como achar melhor a sociedade tem esse pensamento que a pessoa se veste como malandro não só nós policiais como ela, uma jovem que já tem esse pensamento...

**Moderador**

Isso faz diferença na abordagem policial?

**Ricardo, Policial**

Pra mim não... Muitos dos pessoal que trabalha na rua diariamente, muitos dos policiais já conhecem os infratores que agem em determinado local por exemplo tem um rapaz na João de Deus, que eu não vou citar o nome por questões éticas e tudo, mas que assalta direto na João de Deus e tem 15 anos nós já levamos ele duas vezes ai ele vai pra delegacia leva pra DATA, casa dele vai assaltar, a gente pega, DATA, volta pra casa, vai assaltar então a gente percebe, eu diria assim que em torno de um 80% dos jovens que cometem crimes tem umas características aliás a experiência dos policiais e a vivência deles nesse local eles já reconhecem e abordam. Muitas vezes eles não tem nada como por exemplo como a gente fala eles assaltam de cara limpa, eles assaltam sem faca, sem arma porque a vitima fica com medo e entrega os pertences. Então nos sabemos que ele comete crimes abordamos ele não tem nada nos não podem levar ele preso porque ele não tem nenhuma arma, naquele momento ele talvez já estivesse até pensando procurando uma vitima, mas a gente não pode fazer nada não é crime pensar em roubar. Tem que pegar o flagrante e quando a gente pega nesse caso a vitima não comparece pelo medo essa sensação de impunidade acaba gerando medo na comunidade porque ele sabe que a gente vai levar lá e ele vai reconhecer vai dizer foi ele e talvez ele ainda saia antes que a própria vitima. E as pessoas ficam com medo com razão.

**Sandra, moradora de comunidade**

Meu sobrinho trabalha disse que isso sempre acontece o que ele tá falando.

**Ricardo, Policial**

Algum de vocês já foi vitima de crime?

**Larissa, adolescente**

Eu quase fui.

**Ricardo, Policial**

Já foste? apontaste assim pro infrator? Pegaram o infrator? Tiveste que reconhecer alguém? Geralmente as pessoas não querem, elas preferem pegar os pertences de volta quando a gente recupera o pertence de volta, o celular que e na hora vamos dizer assim a gente pega o celular e a vitima diz assim “a poxa eu não quero proceder. Só quero meu aparelho.” Quer dizer e um crime que não entra pra estatística ai o ladrão é liberado e vai roubar de novo lá na frente e dessa vez a gente não vai pegar e isso é uma bola de neve, então isso ocorre diariamente, cotidianamente.*(Indignação)*

**Larissa, adolescente**

Uma vez eu quase fui assaltada lá na praça e tinha um policial lá só que eu não tinha nada, nem eu e nem a minha colega ai a gente foi embora e o policial não fez nada também.*(Triste)*

**Roberto, Policial**

Ele percebeu a situação?

*(Interrupção)*

**Larissa, adolescente**

Percebeu.

**Ricardo, policial**

Vocês acionaram os policiais?

**Larissa, adolescente**

Não, ele ao fez nada, tinha só um lá ele não fez nada eu fui embora.

*(Interrupção)*

**Ricardo, Policial**

Então provavelmente ele não estava de serviço, mas se você tivesse acionado ele “olha aqueles dois ali tão querendo me assaltar”, ele teria se ele tivesse condições seguras pra fazer a abordagem ele ia abordar ou então ele ia solicitar apoio e ia fazer a abordagem dos elementos.

**Larissa, adolescente**

Acho que ele estava mais lá pra passear do que pra fazer o serviço dele.

**Ricardo, Policial**

Tô te falando se tinha só um policial provavelmente ele não estava de serviço, talvez ele more pelas proximidades, mas acredito que ele não estava de serviço.

**Moderador**

É bom gente essa primeira parte a gente já tá quase acabando, mas eu queria que a gente tentasse finalizar assim, pra finalizar essa primeira parte vamos repetir a pergunta como vocês acham que pode ser construída uma cultura de paz entre policia e comunidade?

*(Silêncio)*

**Moderador**

Bom, só retomando pra finalizar essa primeira parte, eu queria voltar a primeira pergunta pra ver se a gente finaliza essa primeira conversa como se pode construir uma cultura de paz entre a policia e a comunidade?

*(Carolina se desculpa por ter deixado a sala por alguns minutos)*

**Carolina, adolescente**

Só como eu estava dizendo acho que tem que fazer oficinas tipo os idosos, etc e todo mundo misturado com os jovens, os adultos, os adolescentes com eles. Eles darem oficina como sair de problemas de droga sair de uma gangue e etc. Eu acho que assim eles iam se comunicar e ia acumular mais gente, ia falar por toda a comunidade e ia ajudar um pouquinho os jovens não caírem no mundo das drogas da violência.

**Larissa, adolescente**

Eu acho que isso devia ser feito pelo menos uma vez por semana, ser tipo comunicação. Ai vinha jovem, policial ai eles falavam um pouquinho do trabalho deles e a gente falava o que queria, entendeu?

**Carolina, adolescente**



E também seria muito pesado então eles podiam dar aula pros jovens e os jovens repassavam pras crianças menores pra não dar muito trabalho pra eles porque eles tem que trabalhar né?

**Ricardo, Policial**

Na verdade nós já fazemos isso, como eu falei tem uma parte da minha equipe que visita as escolas dando palestras. Eles fazem palestras sobre drogas, sobre a violência, um pouquinho do trabalho deles todo dia. Eles fazem esse trabalho só que a demanda e muito grande e infelizmente a gente não da conta de tudo, mas eles percorrem as escolas, a direção da escola agenda a palestra com eles e eles falam de determinado assunto. Na verdade na prática isso já ocorre mais, mas ninguém sabe as boas ações como eu falei não são divulgadas.*(triste)*

**Eduardo, Policial**

Vocês já participaram do PROERD<sup>5</sup> algum de vocês já participou? A escola de vocês participou?

**Fábio, adolescente**

O que é isso?

**Eduardo, Policial**

Esse serviço feito que o capitão tá falando ai? *(Irritado)*

**Larissa, adolescente**

PROERD já participei é legal. Ele fala sobre as drogas como não se envolver como pessoas que estão com drogas e contava várias historias que a gente tinha que terminar. *(Satisfação)*

**Carolina, adolescente**

Eu acho assim é os policiais podiam dar pros jovens e os jovens poderiam dar pras crianças pequenas na faixa de 11/12 [anos]. Acho que assim, acho que, os jovens poderiam dar porque seria um bom exemplo.*(Irritada, interrupção)*

**Larissa, adolescente**

Acho que eles poderiam ensinar pra gente e a gente poderia ensinar pra outra enquanto outra turma ia ensinando pra outra. Seria legal.*(Satisfação)*

## **Grupo 6 de policiais e moradores de comunidade brasileiros**

**Participantes**

**Sérgio**, Policial, 25 a 39 anos, ensino superior completo

**Suzana**, Policial, 25 a 39 anos, ensino médio completo

**Elaine**, Policial, 15 a 24 anos, ensino superior incompleto

**Elizabeth**, adolescente, 15 a 24 anos, ensino superior incompleto

**Talita**, adolescente, 19 anos, ensino superior incompleto

**Alex**, adolescente, 15 a 24 anos, ensino superior incompleto

**Igor**, adolescente, 15 a 24 anos, ensino superior incompleto

---

<sup>5</sup>Programa Educacional de Resistência às Drogas.

**Gustavo**, morador de comunidade, 25 anos, ensino superior completo

**Alice**, moradora de comunidade, 38 anos, ensino superior incompleto

**Vinícius**, morador de comunidade, 40 a 59 anos, ensino médio completo

### **Moderador**

Bom, agora que a gente já se conhece eu vou colocar uma pergunta e eu quero que vocês me respondam. Como vocês acham que é possível construir uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade?

*(silêncio)*

### **Vinícius, morador de comunidade**

Com a obediência, né? Acho que a obediência é a mais importante. Quando se obedece, com certeza é uma interatividade melhor do ser humano, a obediência geralmente, se você, se Deus colocou diante de policiais com autoridade.

### **Sérgio, Policial**

Acredito que uma abertura, uma abertura em participação e planejamentos na área de segurança onde há, eu coloco como uma gestão participativa, onde a sociedade tenha, possa expressar, né? Colocar os seus anseios, o que elas querem da polícia, e uma abertura também por parte do auto comando da policia militar da segurança pública como um todo, porque têm muitos secretários, segurança pública, delegados gerais, coronéis que não vem com os olhos a intervenção civil na, nos planejamentos. Dizem que eles querem ensinar o serviço, e não é, existem coisas que a gente sabe. Eu não coloquei, mas sou formado em Pedagogia e acredito que a educação, ela é um caminho passo, é exorbitante pra que a gente possa chegar no senso comum, chegar no ponto de convergência e quando a gente coloca, não só no respeito à tua posição a questão da obediência, mas não a obediência cega porque eu acho que a sociedade, ela tem que ter sim essa voz e quando o policial toma uma atitude arbitraria, a sociedade tem que se posicionar sim e o policial tem que ter o amadurecimento de saber que aquilo ali não é pessoal, não é contra o soledade (soldado) é contra a instituição policial militar, né? Então, eu vejo que sim, um planejamento onde todos possam participar e todos possam ver o resultado, todos possam ver as dificuldades, porque eu to falando a partir de uma visão social, mas vendo a partir também de uma visão do policial, a gente sofre muitos preconceitos. Eu costumo dizer que a gente é julgado pela sociedade, é julgado pelo comando da policia pela secretária de segurança pública, a gente é julgado por todos os outros que não nos conhecem, onde quem ta do nosso lado é a apenas a família e quando eu coloco família é o núcleo intra familiar, aquele que ta mais próximo é o nosso filho, é o nosso irmão, nossa mãe, nosso pai, porque as vezes até o nosso primo, nosso tio que tem uma distância maior, ele já tem um pré-conceito, né? Da nossa profissão ‘‘ Olha mas, eles não são assim, é polícia, sabe como é que é né?’’.Então, a gente é obrigado a agir sempre de forma correta, sempre de nós é esperado que a gente sempre tenha uma atitude correta. As outras profissões, elas cometem atos arbitrários também, mas não tem uma notoriedade tão grande quanto tem a polícia porque nós somos, com todo respeito a todas as outras profissões, nós temos que ser pedagogos, psicólogos, assistente sociais, juízes e isso é muito complicado, é uma carga de responsabilidade muito grande que é imposta em cima dos agentes de segurança pública e existe até uma oração que é divulgada. Lógico, não todos os policiais têm conhecimento nem todos fazem, mas que dizem assim, um trecho que diz: ‘‘Senhor, dai-me discernimento pra que em questões de segundos a gente possa decidir uma vida, onde outros, diga-se juízes,

promotores, um tribunal do júri. Vão ter dias, meses, até anos para decidir o que a gente vai decidir em questão de segundos.”.Então, eu vejo que pra acabar com isso, a gente teria que agir de forma mais integrada com a sociedade.

### **Alex, adolescente**

Acho que pra mim vai mais do caráter do policial mesmo, de cada policial, que deve perceber que ele trabalha para o povo, que ele faz parte do povo. Não só de receber comandos, tipo receber comando para desapropriar uma casa, ali ele recebeu aquele comando, tem, existe policiais que vai que nem um cão bravo, sai destruindo tudo e ele não tem consciência que ele faz parte daquele povo, que ele trabalha para aquele povo, então acho que vai muito do caráter do policial mesmo, na minha opinião (*silêncio por alguns segundos e continuou a fala*). Não só por receber um comando.

### **Alice, moradora de comunidade**

Eu acredito que, eu acho interessante a questão do planejamento e acredito que esse planejamento tem que ser feito na questão de intensificar o diálogo entre sociedade e a polícia em si, entendeu? Para quando eu queira é... Serviços, né? Eu possa falar na mesma igualdade, entendeu? E não ter aquele medo, e não ter aquele temor, né? Eu, porque graças a deus eu nunca tive problema nenhum ai eu vejo comentários que as pessoas têm medo, que as pessoas têm aversão, então eu acredito que é questão de forma de diálogo mesmo,né? Que eles tenham a função deles e eu como sociedade quebre, tenha a minha questão de respeito, questão de saber quando falar, né? Porque as vezes a gente quer se meter na hora que eles mesmo estão executando os serviços deles, ou seja, acaba atrapalhando toda a função,entendeu? Então, acredito que tem que, a gente tem que na questão do planejamento, tem que ter essa quebra de superioridade, assim, não sei se é a palavra correta agora, mas quebrar esse pouco, esse muro, sabe? Mas claro, é evidentemente a questão do respeito de ambos os lados.

### **Sérgio, Policial**

Só colocando, reforçando o que tu falaste, a questão, a gente, uma angustia assim, eu to fazendo um pouco da voz dos policiais mesmo como um todo a partir do que eu tenho 9 anos de instituição, né? E isso me gabarita um pouquinho porque já escutei alguns comentários e uma angustia muito grande é quando a gente fala assim mesmo, que ninguém diz pra um médico onde ele tem que cortar, onde ele tem que costurar, mas infelizmente no trabalho da polícia a gente sofre muito porque tem uma certa ação, a gente tem que tomar uma atitude, aí dizem: “Ah, se ele bate é porque ele é arbitrário, se ele não bate é porque ele é mole, se ele prende é porque ele usou de força exagerada, se ele não prende é porque ele deveria ter feito”. Então, as pessoas tendem muito a julgar o nosso serviço e isso é muito frustrante pra mim porque como o Alex colocou, nós somos pra servir a sociedade e se muitos se corrompem como a gente vê, existe sim, eu não vou ser hipócrita ao ponto de dizer que não existe, um grande numero de policiais que cometem arbitrariedade, mas muitas vezes não que eles sejam compelidos, que alguém vai colocar uma arma na cabeça dele,mas eles estão compelidos pelo próprio sistema,que a gente chega pra fazer uma apresentação, a mesma angustia que um cidadão. Alguém aqui já tentou fazer um boletim de ocorrência na delegacia? Já viu qual a burocracia que a gente tem que enfrentar? O policial, ele enfrenta isso todos os dias quando ele tem que apresentar um ato de prisão em flagrante e você tem que passar duas horas... (Nesse ponto, o áudio foi interrompido por causa de um problema com o gravador). Então a polícia tem que agir de uma forma técnica, mas enérgica. Como ela falou, a gente tem uma técnica que é chamada uso progressivo da força, eu vou primeiro

fazer a autuação: “Boa noite, senhor! Ponha a sua mão na cabeça”, “Porquê?”, “Ponha a sua mão na cabeça”. Ele vai querer colocar a sua mão no bolso, eu vou deixar? Não. Pra quem é leigo “Não, ele queria só se identificar”, mas eu não posso me dar esse luxo da dúvida, de pensar que ele vai puxar uma carteira. Primeiro eu vou te abordar, fazer a busca pessoal, pra depois que ele possa se identificar pra dizer quem ele é “ Ah, eu sou advogado”. Parabéns pra você, eu vou te abordar do mesmo jeito, porque você é um profissional como um outro qualquer, e você ta numa situação de suspeita, porque é de onde a gente parte, que é afundar na suspeita. Como ela colocou, então, por isso que a gente faz esse serviço. Porque a gente tem a questão da gente ter a dúvida, e na dúvida, você age. Você não pode deixar e levar aquela dúvida pra casa, a gente tem que ter certeza que o cara tava desarmado, que a menina não tava com nenhum entorpecente, que ele não tava com uma faca e por ai vai, né? A gente tem tantos crimes que a gente não pode... *(Interrupção)*

### **Suzana, Policial**

Eu mesma, no bairro onde eu moro, todo mundo me conhece. Terça feira passada, hoje fazendo oito dias, eu fui assaltada. Eu conheço o cara, ele me assaltou e disse que não se lembrava de mim. Botaram duas pistolas em mim, levaram a minha moto, levaram o meu celular, ele chegou comigo e falou: "Olha, é um assalto, perdeu". Eu só fiz isso aqui (Levanta os braços) “Pode levar”, ele tirou a chave, tirou meu celular e saiu e eu peguei outra moto e fui atrás. “Não vou perder pra ele”. Chegou lá na frente peguei a viatura dos meus amigos e fomos atrás e recuperamos a minha moto, em frente ao planetário. Esse caso passou até na televisão. Então é no Médici, é um conjunto, Médici Mendaraé um conjunto e é área vermelha, ali tem assalto constantemente direto. Quando chegou na delegacia ele disse: “Eu não sabia que tu eras polícia” “Mas se tu soubesse tu iria me matar, meu amigo. Tu ias me matar sem sombra de dúvida, tu ias achar ‘Não, não vou te roubar porque tu és polícia, porque tu é bonitinho eu vou subir na moto e vou me embora”. Então, a gente ta exposto. *(A partir dessa parte: “Mas se tu soubesses tu iria me matar (...)” a participante se exaltada com tom de ironia)*

### **Sérgio, Policial**

A gente também é vítima da violência. Às vezes até em graus mais elevados que um cidadão comum, como ela falou, se você vai ser assaltado ou assaltada você pode ser só assaltado, mas eu acho que vocês devem lembrar quem é daqui, né? Que um assalto em uma farmácia na cidade nova cominou com a morte de um policial onde ele não esboçou reação alguma. O bandido fez ele deitar, puxou a pistola dele, ele deitado ele pegou e disparou. Por quê? Porque ele era policial, porque ele sabia que ele era policial. Então a gente também é vitima dessa violência. *(Interrupção)*

### **Suzana, Policial**

Eu quero só colocar, um minutinho, o cara ta preso, passei 5 horas de tempo pra fazer eu, policial militar, na minha área aonde eu já trabalhei na seccional eu passei 5 hora de tempo pra fazer o flagrante dele e lá de dentro ele mandou um recado pra mim: Que ele vai me matar. E eu mandei outro pra ele: “Vamos ver quem vai morrer primeiro”. Do bairro que eu moro eu não vou me mudar, não é eu que tenho que me mudar, cidadã, é ele que é o vagabundo que tem que migrar pro outro lugar, entendeu? Eu tenho minha mãe, tenho meu irmão, tenho minha filha, quer dizer que eu vou me mudar por medo do vagabundo? Eu vou ter que mexer com a minha família toda porque se eu vender a minha casa, vou vender a da minha mãe, vou vender do meu irmão porque eu tenho que levar comigo, não adianta eu sair e deixar eles, porque ele não vai fazer comigo, mas ele

pega a minha mãe, que é uma idosa, pega meu irmão que é um jovem e tem toda a vida pela frente e se ele quiser fazer alguma coisa, que faça comigo que eu sei como me defender e se fizer comigo e eu não souber me defender, mas ele ta fazendo coma pessoa certa que mexeu com ele e não com terceiro. Então, o mesmo risco que vocês cidadãos correm, a gente também é cidadão. Enquanto a gente protege a vida dos senhores, quem nos protege? Então a gente é muito cobrado? É! Eu costumo dizer assim, é muito cacique pra uma tribo só, todo mundo manda, todo mundo diz que você tem que fazer o que você deve fazer, o que você fez de errado, o que você fez de certo, mas assim, numa ação a gente pensa o que fazer na hora, não tem muito tempo pra ti pensar, se tu parar pra pensar muito tempo tu vai morrer e se tu morrer, pode até não morrer, mas vai morrer um refém, vai morrer uma pessoa que não tem nada a ver com a história. Então, a gente tem que ser muito rápido, pensar muito rápido, a gente erra sim, quem não erra? Todo mundo erra, mas se um cidadão errar paga uma fiança, se o policial erra, noutro dia ele ta no Anastácio (*Silêncio*) no outro dia ele ta no Anastácio, então é mil vezes você (*Interrupção; Em alguns momentos houve tom de indignação*)

**Moderador**

Anastácio?

**Suzana, Policial**

Anastácio

**Sérgio, Policial**

Coronel Anastácio das Neves é o centro de recuperação, é o nosso presídio para servidor público.

**Suzana, Policial**

Então se a gente... (*Interrupção*)

**Sérgio, Policial**

É um presídio comum, não tem nada de regalia.

**Suzana, Policial**

Não, é um presídio, só não é pior porque não é junto com os meliantes que a gente prende toda hora na rua, é uma instituição só pra policiais militares.

**Sérgio, Policial**

Não, só pra servidor público.

**Suzana, Policial**

Servidor público, isso. Então é o mesmo risco gente, é o mesmo risco.

**Moderador**

Agora eu quero voltar a nossa pergunta também: Como pode ser construída uma cultura de paz entre a polícia e comunidade?

**Suzana, Policial**

Eu acho que troca de informações.

**Gustavo, morador de comunidade**

Acho que a gente tem que fazer uma análise muito interessante aqui, a gente sai da ditadura em 88, né? Bacana, vocês falando aqui, sou da sociedade civil, sou da Pastoral da Juventude e a PJ, como uma organização de juventude, apanha muito na rua dos capitães, coronéis, de vocês porque reproduziu a ditadura, e aqui no Pará a gente ainda tem capitães, tenentes, que segue essa linha.

**Suzana, Policial**

Que pensam dessa forma.

**Gustavo, morador de comunidade**

Muito duro, provavelmente nunca sentariam nessa mesa aqui.

**Sérgio, Policial**

E que hoje tem um reflexo muito mais forte, porque na época eles eram tenentes e capitães, hoje são coronéis e do alto comando é que ele vem e traz a ideia de ele de cima pra baixo, né? E como Alex colocou, muita das vezes a gente tem que seguir porque existe o nosso estatuto que rege que os pilares que rege a gente, a polícia militar era arqui-disciplina, então era a hierarquia que vinha de cima pra baixo. E disciplina, só que essa disciplina não pode ser cega, se tem que ter o teu eu, eu acredito, eu acho que isso que vai dar certo, mas só que eu tenho essa minha convicção, eu tenho que ter. Claro que eu posso sofrer algumas sanções por conta dela, né? E aí vem o nosso grande dilema: Continua ou não continuo na instituição? É algo que eu acredito? É algo que acredito que pode mudar? E aí em resposta a sua pergunta, eu acredito que eu coloquei, não tava naquela hora registrando, né? Mas eu acredito que uma gestão participativa, uma gestão democrática, onde todos possam participar, não só do que se espera, mas de todo o processo, das dificuldades e dos resultados e que todos possam arcar, né? Com os ônus e os bônus da sociedade, da diminuição ou do aumento dos índices de criminalidade.

**Gustavo, morador de comunidade**

Se a gente fizer uma análise, por exemplo, Belém ela é: Belém, Ananindeua, Marabá. Belém é a capital de onde mais se mata jovens no país, né? Ou seja, a violência só aumenta e nós aumentamos o efetivo de policial militar, teve concurso em 2010, 2012 e aí o que me preocupa as vezes: Será que essa atuação tá fazendo efeito? Ou será que nós que temos que pensar como uma organizações de segurança pública, será que essa galera tá sendo preparada realmente pra ir pras ruas? Que as vezes eu penso assim, falo muito em sociedade civil, será que, entendendo todas as questões, entendendo que é um dos empregos mais estressantes que existe, isso aí a gente sabe, é bobice dizer que é, mas é um dos mais estressantes. Salário ruim, chefes ruins, é notório isso. Mas o que me preocupa é “Será que essa galera tá sendo preparada realmente pra tá nos bairros?” “Será que essa inserção aproxima as questões da proximidade?” Porque, por exemplo, eu confio em ti, eu vou falar, pelo menos eu, eu tenho medo de policial, tô falando abertamente eu tenho medo de policial mesmo, tenho medo da abordagem as vezes, já fui abordado algumas vezes de boa. Tava ali, voltando da minha bola com o meu shortinho, mas eu confesso, tenho medo de policial justamente porque ficou tão... Sabe? Aquelas coisas tão...

**Sérgio, Policial**

Estigmatizada

### **Gustavo, morador de comunidade**

Estigmatizada, essa é a palavra mesmo. E fica reproduzindo na nossa mente, a gente fica receoso. Claro que tem o policial bom, como qualquer profissão, como qualquer político, como medicina, como sociologia, como filosofia, mas também a gente fica sim preocupado com essas coisas. Tu falaste da questão do direto participativa, eu acho que é uma das saídas, em ter uma sociedade civil em conjunto porque o que eu percebo que era as unidades de pacificação na teoria não sei se ainda tem, mas se eu tiver errado pode até vir me corrigir que ele surgiu no RJ como proposta, que eu pensei que seria uma coisa boa porque entraria polícia pra perto, tipo, se acontecer alguma aqui na Unama, eu sei o policial que eu tenho que chamar de referência. Eu não sei se ta assim, mas se tiver errado pode falar depois, que seria até uma proposta porque ter um policial de referência que aquele próximo da sociedade a gente conseguiria quebrar algumas coisas, por exemplo: Eu já tive a oportunidade de andar com policiais que eles “Não,não, não, a gente tem que abordar assim”, mas nunca dialogaram com a gente, entendeu? Como vocês estão fazendo agora, e isso é bom não só pra vocês quanto pra gente também pra gente quebrar, por exemplo: Eu to quebrando algumas questões porque, por exemplo, tu falaste “Eu também fui assaltada”, eu fiquei “Porra velho, a policial foi assaltada na casa dela no território dela, né?” E acho que foi certo que falaste “Eu não vou mudar” Tem que mudar é ele porque ele que tá errado, ,tu não tá errada, paga teus impostos, vive com a tua família. Né?!

*(Surpresa e indignação pela situação que a policial compartilhou anteriormente; Interrupção)*

### **Suzana, Policial**

Uma coisa é certo: Se a polícia ta perto incomoda, se a polícia ta longe faz falta.*(Silêncio)* Olha, eu tenho 18 anos de polícia, eu amo a minha profissão, e se eu tiver que agir pra defender uma vida eu não vou pensar duas vezes, eu vou defender aquela vida porque eu gosto do que eu faço, eu sou professora mas entre ser professora e ser polícia... Foi burrice? Foi (Risos) mas é o que eu gosto. Minha filha ta com 15 anos, ela convive isso diário, antes quando ela era menor, ela dizia assim “Poxa mãe, eu queria tanto que a senhora não fosse policial”. Porque a gente vai pra, pro serviço e não sabe se volta com vida, infelizmente. Antes eu falava assim “Benção mãe”, todo dia eu vejo a minha mãe, de manhã, de tarde,de noite, todo dia. Ou um desses três horário eu tenho que ver a minha mãe e quando eu saía pra trabalhar, eu falava assim mesmo, antes de ter a minha filha, “Benção mãe” “Deus te abençoe, minha filha” aí eu dizia pra ela, brincando com ela “Vou e não sei se volto” “Menina, para com isso, tu vai me matar” aí passaram-se alguns anos, a minha mãe perdeu um filho pra vagabundo. Então gente, eu odeio vagabundo, por conta disso, perdi um irmão, meu irmão mais velho. Isso foi uma dor, uma cicatriz que vai ficar pro resto da vida no seio da minha mãe, sabe que tu vê a tua mãe desesperada sem tu poder ter solução ali? Foi o que aconteceu com a minha mãe, então ela dizia assim mesmo, quando mataram esse meu irmão ela disse assim mesmo: “Minha filha” ajoelhada nos meus pés “Sai da polícia, eu quero que tu seja lavadeira, varredora de rua, mas eu não quero perder um filho, eu num vou mais aguentar, entendeu?” “Mas mãe, eu vou me frustrar se eu não fizer isso, porque eu gosto de ser polícia, eu gosto de ser polícia”. E se um dia vocês, é precisarem de mim, precisarem da polícia e na ocasião eu chegar em uma viatura, eu vou sim te atender, eu vou sim te colocar na viatura, eu não vou fazer como muitos policiais fazem “Ta, eu vou fazer aqui uma ronda pra vê se eu localizo.” Mentira! Ele só vai te escutar e vai pra outro lugar. Infelizmente acontece isso. São poucos os policiais que dizem assim mesmo “Não, olha eu vou atrás” e vai. Mas as vezes não, nem sempre a gente põe você

dentro da viatura, mas tem uns policiais que vão, diz que vão e não vão e assim como é com você, pode ser com alguém da minha família, então eu penso muito, poxa, eras, digamos ela aqui (Apontando para uma participante do grupo). Minha filha, minha filha foi assaltada, pede apoio para uma viatura, aí a colega diz que vai e não vai, esse mesmo que fez isso lá atrás pode precisar de mim e eu num vou fazer a mesma coisa que ele fez? Eu vou dar sim suporte, eu vou dar sim apoio, eu vou fazer o meu trabalho porque eu gosto de ser polícia, porque pra você fazer uma coisa você tem que gostar, você tem que amar a sua profissão, acima de tudo. (*Exaltação, indignação; Silêncio*).

**Moderador**

Como é a relação entre polícia e comunidade nos lugares onde vocês moram?

**Vinícius, morador de comunidade**

Eles fazem uma visita, assim, quando morre alguém. Quando tem um assalto, eles vão lá e visitam a gente e depois vão e depois só vem quando acontece outra coisa de novo.

**Gustavo, morador de comunidade**

Como eu te falei, né? Se tivesse um morando (Indecifrável... Ali no Satélite, no bairro do Coqueiro, Belém/Ananindeua, se tivesse alguém de referência, como falaste, se eu conhecesse, tipo eu conheço policial de vista que mora perto de casa, mas se fosse taticamente falando eu não sei quem eu procuraria se acontecesse alguma coisa, eu iria pra delegacia direto, mas esse dia de alguém tá próximo particularmente eu não conheço, é uma das coisas que pra mim faz falta, ter um referencial, não sei se seria uma estratégia da polícia militar ou polícia civil ou da segurança pública de ter um referencial por bairro ou por dois bairros, três bairros, alguma coisa desse sentido.

**Suzana, Policial**

Mas tem!

**Gustavo, morador de comunidade**

Eu não sei.

**Suzana, Policial**

No seu bairro você pode procurar o numero do oficial de dia do seu bairro.

**Gustavo, morador de comunidade**

Eu desconheço, por isso to perguntando. É? só pra entender.

**Suzana, Policial**

Porque é mais fácil você ligar pra o oficial de dia, do que pro 190. Você vai ficar “Tananananana, tanananan” (*Risos*) aí “Pu... pu... pu... pu...” (*Ironia*)

**Talita, adolescente**

Policial de dia?

**Suzana, Policial**

Oficial de dia.

**Sérgio, Policial**



Deixa eu falar a minha opinião para vocês, é o seguinte: Existe uma falha muito grande nas instituições da polícia militar no tocante a divulgação dos serviços, esse existe sim um número que é o oficial de dia, esse oficial é o oficial que é ali da área, antes já teve vários nomes, já foi oficial interativo, fiscal de serviço, mas sempre tem o oficial que é o tenente, o capitão, ou agora o adjunto que é a figurado, o adjunto que ele vai diversificando, ele vai diminuindo a área de atuação. Na área do batalhão, na área de batalhões, a região metropolitana, ela é gerida pelo comando de policiamento da capital que é o CPC. Abaixo do CPC tem os batalhões, o CPC é composto pelo 1º batalhão, 2º batalhão, 21º batalhão, me ajudem vocês que fazem a área. 20º, o 10º, então são vários batalhões, cada batalhão desses tem um comandante nesse, na área da circunscrição desse batalhão existe um oficial que ele tá durante as 24 horas do dia, seja em escala 24 horas ou de 12 horas. Esse existe um telefone funcional, é direto esse telefone, não pode descarregar, então como eu digo, aí volta o ponto que eu falei: A polícia militar falha na questão da comunicação com a sociedade quando ela não divulga esses serviços, não divulga que tem. Existe sim um número. Não, a única alternativa não é o 190, 190 é uma ferramenta sim, mas como eu disse hoje, eles passam por muitos trotes e as vezes existe ligações até pra desviar o organizações, de organização criminosa, mas algumas mentes que agem pro crime e dizer, se eu quero cometer um assalto na área do Entroncamento eu vou dizer que tá tendo um assalto com refém na Augusto Montenegro, então as viaturas vão pra lá e eu vou tá livre pra atuar na área do Entroncamento.

### **Suzana, Policial**

Pra tirar o foco.

### **Sérgio, Policial**

Existe isso e eles tem que ter todo um aparelhamento pra poder dizer “E agora? Vai descobrir a área?” Isso aí tem que ser tomado a frente por alguém que está acima. E porque que a comunicação com a polícia não age em informar pro cidadão? Porque existe e qualquer cidadão pode parar, qualquer viatura em qualquer lugar. Você, um exemplo comum. Você mora onde?

### **Vinícius, morador de comunidade**

Marituba.

### **Sérgio, Policial**

Marituba, onde tu passa, a hora que passar uma viatura próximo da tua casa, é aquela a viatura de referência. Ela pode passar uma vez no dia, mas ela é a viatura de referência da tua área, pode parar “Não, eu gostaria de saber qual é o número do oficial” oficial de serviço, oficial fiscal, oficial de dia, o número do oficial “Mas pra que?” “Porque no dia que tiver uma ocorrência aqui, se eu precisar, eu possa ligar”. Mas esse serviço deveria ser feito pela própria viatura. “Olha, nós estamos aqui nos pontos de referência, nas pastorais, associações, nos sindicatos, nos centros comunitários”. Onde é uma referência de concentração populacional, nas igrejas, e aí vem a partir da polícia pra comunidade já que a comunidade não tá vindo até a gente, a gente tem que encontrar um meio de diminuir, só que não é interessante pro auto comando porque eles acham que a sociedade vai fazer uma intervenção além daquilo que é o seu dever e eu acho que é muito sadio, no meu ponto de vista, é muito sadio porque olha, se ela não coloca aqui quem ia saber? E qualquer um de vocês pode divulgar pros outros, você pode parar

qualquer viatura em qualquer lugar e pedir “Qual o número do oficial?” E esse número eu posso fazer uma ligação direta pra ele que ele vai. *(Interrupção)*

**Talita, adolescente**

Eu morro de medo de abordar o *(interrompida)*

**Sérgio, Policial**

Mas é aquela questão do medo porque tu sabe como *(interrompido)*

**Suzana, Policial**

Porque tu tens o medo da polícia? Pra você e pra você *[apontando para dois participantes do grupo]*

**Talita, adolescente**

Olha, eu não tinha percebido que eu tinha esse medo, tu falando agora “Porque tu não aborda?” realmente, porque não abordar, porque já é uma coisa enraizada, que ta na sociedade e a gente, já é inconscientemente. *(Interrupção)*

**Sérgio, Policial**

Cria esse bloqueio, né?

**Talita, adolescente**

É, um bloqueio assim.

**Suzana, Policial**

Mas tu tem que perder esse medo.

**Talita, adolescente**

Sim, por isso que to adorando conhecer a realidade de vocês, essa troca de *(Interrupção)*

**Suzana, Policial**

Sabe porque tens que perder esse medo? Porque se tu não deve nada pra polícia você é um cidadão, você pode parar qualquer viatura, “Gente, boa noite eu gostaria que vocês me fornecessem o número do oficial de dia caso eu precise, porque aqui na minha rua ocorre muitos assaltos, tem boca de fumo..” isso ali é uma conversa que ta tendo coma viatura, você já ta participando, então isso é muito importante essa comunicação entre o cidadão e polícia, e vice e versa porque aí sim vai funcionar, eu não sei se na tua rua tem assalto se tu não me falar. *(Tom de empolgação na fala)*

**Talita, adolescente**

Sim.

**Suzana, Policial**

Eu não sei se você foi assaltado porque, você fez o Boletim de Ocorrência? Quantas das vezes a pessoa é assaltada e não faz o Boletim de Ocorrência? Então, ali quase não vai aparecer viatura. Porque pra gente a área de vocês é tranquila, diferente de um bairro que você more e digamos em Marituba, tenha um índice de Boletins de Ocorrência muito grande, então é considerado área vermelha, então vai ser disponibilizado mais viaturas pra ali. Mas se a pessoa não faz “Ah, eu não vou fazer, eu não vou recuperar nada perdido”. *(Indiferença)*

**Sérgio, Policial**

Então não aparece.

**Suzana, Policial**

Você não vai recuperar, mas você já vai se proteger, proteger a sua família. *(Exaltada)*

**Sérgio, Policial**

Proteger a sua comunidade.

**Elaine, Policial**

É justamente com o Boletim de Ocorrência, com a informação que a gente trabalha que a gente faz as estatísticas.

**Suzana, Policial**

Olha, eu ela aqui, a gente trabalha registrando todos esses, os Boletins de Ocorrência, é um catatau (gíria para demonstrar a grandeza) assim, é um armário que eu acho 4 pessoas é pouco pra fazer.

**Sérgio, Policial**

É uma papeleta deste tamanho, pequenina assim, só que olha tem dois armários lá.

**Suzana, Policial**

Desse tamanho, aí tem lugar que não aparece quase ocorrência “Égua, mas esse lugar aqui é tranquilo”. *(Égua: gíria paraense que é usada, nesse sentido, como uma expressão de surpresa)*

**Talita, adolescente**

Por exemplo, eu nunca fiz uma ocorrência, mas já fui assaltada.

**Suzana, Policial**

Quantas vezes já foi assaltada?

**Talita, adolescente**

Esse, as pessoas que eu conheço que já foi assaltada não tem essa cultura de fazer... *(Interrupção)*

**Suzana, Policial**

Mas aí é que ta. Se você não faz pra mim, pra outros colegas, ta tranquilo “Então borá botar viatura onde ta perigoso”.

**Sérgio, Policial**

E outra até pra salvaguarda também que a gente possa cobrar dos nosso governantes, cobrar dos deputados que a gente elegeu, cobrar dos nossos governantes, cobrar o prefeito que ele possa fazer frente ao governador, porque hoje a ONU ela prever um quantitativo de um policial, é 1 policial salve engano, para 250/350 habitantes, hoje a polícia militar no estado do Pará, ela ta em torno de 1 policial para 1500, se não me engano 1500, então é um déficit que é inimaginável, então a gente chega em certo locais, localidade onde quem tem o hábito de visitar o interior, quem não tem, quem for visitar pode começar a prestar atenção, quem não prestou atenção, tem local que você

diz “Pô, não vejo polícia”, mas lá com certeza tem. Tem localidade que você as vezes tem, as vezes 1 policial ou uma guarnição, as vezes 4 policiais pra cobrir 3, 4 lugarejos, então ali existe uma demanda, existe perigo ali, um perigo ali iminente, porque qualquer pessoa ali pode morrer, alguém pode sofrer uma violência então tem que ter, e agente tem que adequar, e como a gente pode adequar isso? A partir das ocorrências, da participação da sociedade em informar o poder público que necessita sim. Se tu apanhas, e tu és minha filha, teu irmão te bate, tu não vem me informar, pra mim vocês estão se dando super bem, então é assim que a polícia militar ela age. O aparelhamento todo da segurança pública, ele age a partir do que ele é motivado, não pense que a polícia é boazinha “Ah, eu vou ser boazinha” “Ah, porque o bairro de Nazaré tem os riquinhos ali, então beleza. Mas olha, o bairro do Barreiro, tem tanta gente ali que é pobrezinha, coitado, bora pôr mais viatura lá” Não! Se não for motivado, o poder público não age. *(Ironia na imitação final)*

### **Talita, adolescente**

É interessante isso que tu falaste, porque é um exemplo claro de trabalho em rede, o trabalho da comunidade com a polícia e tipo, fazendo assim uma reflexão, também da primeira pergunta que tu fizeste, com que a gente trabalha a cultura de paz com a polícia e a sociedade, na verdade todos os órgãos tem que participar, todos, sociedade, normal, civil, escola, universidade.

### **Sérgio, Policial**

Igrejas

### **Talita, adolescente**

Igreja, os órgãos tem que participar para uma construção mesmo de uma cultura de paz. Olha, ali ta tendo um problema de violência, o que ta acontecendo ali? “Ah, aquela família tava sofrendo, não tem acesso a, digamos, a serviços sociais mesmo e por isso achou melhor partir de crimes, que a gente trabalha”. Assim, como eu faço psicologia, a gente faz muito uma análise da família, né? Uma análise que uma família disfuncional pode gerar, uma possibilidade, um filho disfuncional, um filho que vá procurar através de outros meios suprir algumas necessidades emocionais, podendo chamar atenção até por atos infracionais, busca de drogas. Então, esse trabalho tem que ser em todos os lugares, a gente não pode dizer “Ah, porquê será que a polícia ta formada pra isso, será que isso é melhor pra ela?” Não! Tem que ser em todos os lugares, a gente tem que ter um objetivo comum, por exemplo, queremos que não tenha mais violência em Belém, então bora lá. Bora sentar, prefeito com igreja, prefeito com os policiais, todos juntos fazer uma reunião pra buscar o que a gente pode fazer para diminuir a violência na cidade de Belém e assim que vai ser um trabalho mais entregando e com mais eficiência, diminuindo a violência no sentido também no trabalho de vocês, por exemplo, vai aliviar um pouco se tiver menos índice de violência (*Risinho*) e na própria sociedade que vai andar mais tranquilo com segurança, e é isso.

### **Sérgio, Policial**

E só colocando, reforçando o que ela falou, em questão violência. A violência que é praticada pelo próprio cidadão que ele ta ali, só no seu direito, só na vulnerabilidade, mas aí eu to sendo bem neutro mesmo, procurando ser o mais neutro possível, mas quando a violência é praticado pelo aparelho policial, né? Aí o cara bate o pé na porta porque ele é vítima de preconceito, e aí só que aí é uma. Psicologia fala muito bem disso, é uma via de mão dupla, eu não to imprimindo violência, mas será porquê eu não

to imprimindo violência ou porquê eu to sofrendo violência? Então, eu também sou vítima e a minha válvula de escape foi lidar com o poder pra isso, então vou procurar o negro, o pobre, a mulher, o velho e eu vou ter que extravasar, e eu vou chegar em casa e vou agredir a minha mulher, vou bater no meu filho e vou ter que sair alguma coisa, eu vou ter que beber e a partir de beber eu não tenho controle que aí eu lembro mais uma vez que a gente saiu da sociedade, a gente não veio de Santa Catarina, a gente não veio da Inglaterra, a nossa polícia não é da Inglaterra, é polícia paraense, aqui estamos falando de polícia militar do Pará, então a gente veio daqui.

**Gustavo, morador de comunidade**

Como eu te falei, acho que pelo menos ao meu ver, não existe mal aluno, existe mestre mal. É claro que eu particularmente, eu não sei como é a formação dentro da academia, eu tenho uma visão básica da academia, é claro, mas percebi que as vezes que são professores que estão formando maus policiais que esses maus policiais reproduzem de novo, aí tu perguntaste o porquê eu tenho medo. Porque eu vejo muito maus policiais, claro que em qualquer profissão tem, tem professores também que não prestam, me formei no Souza Franco, tive do começo do ano até o final do ano, não tive nenhuma aula de Física, mas tirei 10 em todas as matérias, em toda a matéria de física, sem ter um dia de aula, a matéria é Física e não Educação Física e passei. E o que acontece, o que me preocupa as vezes, gostei muito da tua fala de falar “Ah, trabalhar em conjunto” é essa questão da gente tá próximo, as vezes talvez não só eu, mas a colega que também ressaltou ali, a questão do receio da polícia militar de estar distante, se a gente conseguir que essa visão que vocês são mauzinhos, violento, quebre, talvez a gente consiga. Foi muito bacana que falaste da tua filha, as vezes eu fico olhando policial como se fosse outra coisa distante da nossa realidade, né? Foi bacana que falaste da tua filha, da tua mãe, da tua realidade. *(Indignado)*

**Sérgio, Policial**

É fácil dividir, né? As experiências que a gente também é ser humano.

**Gustavo, morador de comunidade**

E é bom a gente sentar, ter esse diálogo, de sentar, conversar com a sociedade, acho que talvez falte, pra mim, vou falar pelos jovens, me fez falta, talvez, aqui eu quebrei algumas barreiras na minha mente.

**Suzana, Policial**

Deixa eu te falar, o professor é importante sim, mas isso vai muito do teu caráter, se tu tiver um caráter formado tu vai seguir o que tu és. Entendeu?

**Gustavo, morador de comunidade**

Eu entendi o que estas falando.

**Suzana, Policial**

Depende do professor sim, mas caráter cada um tem o seu. *(Silêncio)*

**Sérgio, Policial**

E assim, só terminar minha fala... *(Interrupção)*

**Moderador**

Não, não, só pra avisar vocês. É porque eu tenho que avisar vocês que a gente vai encerrar a primeira parte da discussão, só a primeira, daqui 10 minutos, é só esse aviso, que aí vocês podem fazer as conclusões de vocês sobre esse debate, como pode ser construído uma cultura de paz entre a polícia e a comunidade.

*[Trechos omitidos para garantir segurança e identidades das fontes]*

**Suzana, Policial**

A dinâmica não dura nem um ano, muda de novo. *(Risos; Silêncio)*

**Moderador**

Então, como construir uma cultura de paz, entre polícia e comunidade? *(Silêncio)*

**Talita, adolescente**

Quando ela falou da questão de unir as instituição, família, né? Sociedade civil, todas essas instituições, me lembrei da fala do rapaz quando ele disse que aumenta o contingente policial, né? A concurso público, ou seja, pessoa que entraram que só preparados conseguiram passar no processo e ainda há aumento de violência, eu acho que a questão quando houver, espero que haja mesmo essa, esse projeto de conversar com as instituições, é partir do pressuposto, né? Que poxa, policiais estão ali contingente, ta bom, mas a violência em si ta aumentando, né? E eu tava assistindo jornal, né? Tele-jornal e o índice de mulheres também na criminalidade que, eu não sei se eu to certa ou não, que no meu conhecimento ta sendo elevado, né? Então, ou seja, algo ta acontecendo, algo que deveria entrar em analise, né? Pra saber qual é, como a gente deve sair, porque esperar, ficar nessa situação, aí a tendência é piorar, e acredito que tem que ser visto como um todo. Tanto sociedade, como o lado deles, como um todo, que é um problema nosso, gente. Ele também faz parte da sociedade, né? Então nada melhor que um diálogo entre todos.

**Sérgio, Policial**

A cultura de paz, ela pode ser construída diuturnamente a partir da participação, porque você acredita mais daquilo do qual você faz parte do processo.

**Talita, adolescente**

Pois é, é verdade.

**Sérgio, Policial**

Se tu pega o produto pronto não sabe como foi feito, vais ter as tuas ressalvas, pega o açaí, vai tomar “Poxa, mas ouvi notícias recentemente, será esse açaí?” mas a partir que começa como foi a colheita desse açaí, como foi o tratamento dele até chegar na tua mesa “Poxa, eu acredito” É assim mesmo em segurança pública, assim mesmo. Eu tenho certeza que a partir do momento que a universidade, né? Ela tenha conhecimento de como é que é feito todo o planejamento da segurança, ela vai fazer a divulgação dentro do seu âmbito, e isso vai se ramificar e vai ser uma, uma via de mão dupla, porque eu vou saber como é que tão saindo os pensadores das universidades, eu vou saber como é que pensa um professor da universidade, eu vou saber como é que pensa o aluno da universidade, vou saber como é que pensa o adolescente que ta no ensino médio, vou saber como é que pensa um adolescente, um idoso que não teve acesso à educação, né? Onde sua cultura é uma cultura de massa que não é levada a ele pensar. Então eu vou saber e vou saber como trato de cada um e o vice-versa e aquela pessoa que não teve

acesso ao estudo e todos os demais que foram citados anteriormente vão saber como é que age a polícia, vão saber quando começar a diversificar quando começar a expandir essas comunicações. Sabendo como é que a polícia trabalha, você vai saber que existe sim, existe uma padronização pra quem é abordado. Isso aí a polícia nunca divulgou, mas existe, existe uma padronização. Então você pegou a polícia, tem uma forma “Mão na cabeça” vai colocar! Obedeça! É isso, não é uma obediência certa, mas “Já? Já acabou?” então agora “Sim senhor, eu vou me identificar, eu gostaria de saber porque eu fui abordado” aí vai do policial consciente explicar “Não, é, foi por isso por isso por isso” não aquela resposta que muitos estão habituados “Não te interessa” (*Exaltado, empolgado em sua fala; Interrupção*)

### **Gustavo, Policial**

É isso que é. (Risos)

### **Sérgio, Policial**

“Não te interessa, entendeu? Não te interessa, vai *timbora* (gíria para ir embora), pode rasgar” (Risos). Mas não, é a questão do policial consciente é explicar como a cabo Suzana falou “Muito obrigado pela sua colaboração” “Você foi abordado porque você tá numa área vermelha aqui. Eu espero que você pegue, vá beber na porta de sua casa”. Tinha um serviço eu e a cabo Diana, um serviço que eu dirijo por ela, né? Mas tudo bem não entra em discussão. Eu tinha um serviço com a Cabo [*nome omitido*] uma outra Cabo que trabalha com a gente onde nós abordamos, nós dois abordamos eram aproximadamente 25 pessoas, 25 pessoas nós paramos no paredão, reiteraram as ligações para o CIOP aí passaram-se, aí as viaturas nesse negócio estavam “Pra cá, pra cá. bora lá, CIOP tão deslocando pra lá”. Aí vamos pra lá, aí quando chegamos lá eram estudantes que tinham saído, acredito daquele Souza Franco, é Amazonas Pedroso tal, tinham reunido no posto e estavam bebendo, e estavam incomodando algumas outras pessoas, só que o dono do posto tava gostando e não tinha autoridade pra tirar eles de lá. Chegamos lá “Vamos revistar todo mundo” e eu fui explicar pra eles, aí eles quando a gente chegou em cima eu disse “Olha, eu vou pedir pra vocês saírem daqui, porque foi a nossa vinda até aqui foi motivada” então tem toda questão, só fazendo resumo. Então tem um todo uma questão de explicar, tem a questão do nível de escolaridade que é hoje a gente vê que a polícia, ela vem passando por um processo progressivo, mas que antes a gente tinha, tem até uma historinha, que antes como era feita a seleção para a polícia. Antes ninguém queria ser polícia, porque antes pra ser um policial você ganhava menos de um salário mínimo, que hoje a gente vê que tá, não tá o ideal para o cargo de responsabilidade que a gente tem pro que nos é exigido, não tá ideal. A gente não recebe bem, o certo seria a gente receber como Brasília recebe. Porquê? Porque um crime aqui, o crime de homicídio aqui, é menos que um crime de homicídio em Brasília. A gente tem outra discussão que eu não vou ampliar aqui porque não vem, mas antes a escolaridade da polícia, antes dizia que a banda da polícia ia pra rua tocando aí entrava no quartel “pum” (onomatopéia) tranca! Vai ser polícia! Era desse jeito a forma de seleção, era, mas tinha o certo mesmo que quer ser polícia? Não porque é filha do cabo e tal, o sargento fulano de tal ele vai ser polícia, toma tua farda. E cadê a preparação? E não te interessa, porra, eu sou polícia, me respeita. “Semana passada tava jogando bola, fumando maconha domingo, como é que hoje tu é polícia?” “Não interessa, eu sou polícia”. E hoje tem esse preparo mínimo, essa seleção mínima que esta a quem eu vejo que é necessário. Eu sou soldado da polícia militar e vem um advogado, ele vem destrinchando o código penal em cima de mim “Olha e rapá, (gíria para rapaz) calma lá eu sou advogado” E se eu não tiver poder de persuasão mínima “E rapa, sou advogado”

“Parabéns pra você, mas eu to fazendo meu trabalho” “Ah, mas porque tu desconfiou de mim?” “Poder discricionário” aí opa, o cara sabe um pouquinho de lei. E os policiais que entraram antes? Que hoje são cabo, o que a gente chama de “Cabo Velho” e isso também interpassa pela questão de falta de motivação da auto cúpula e pra promover esses policiais, mas qualificar vamos qualificar. Tem muito sargento que entra e não sabe fazer um procedimento. *(Algumas partes com o tom de indignação quando ele percebe que o policial que entrou no academia, antes fumava maconha)*